



Susana Patrícia Neves Ferreira **Português, língua do mundo: variedade europeia e brasileira.**



**Susana Patrícia Neves
Ferreira**

**Português, língua do mundo: variedade europeia e
brasileira.**

Relatório Final de Estágio apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga Fernandes Tomaz, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho aos meus pais.

o júri

Presidente

Professora Doutora Maria Gabriela Correia de Castro Portugal
Professora Associada, Universidade de Aveiro

Doutora Rosa Maria Marques Faneca de Oliveira
Professora Auxiliar Convidada, Universidade de Aveiro

Professora Doutora Ana Carlota Teixeira de Vasconcelos Lloyd Braga
Fernandes Tomaz
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço aos meus pais pela oportunidade que me deram em poder ingressar no ensino universitário. O presente trabalho é fruto de cinco anos de esforço, dedicação e apoio, que sem vocês não era possível.

Agradeço à minha irmã, amiga, companheira e colega de trabalho. Juntas fomos, juntas lutámos e juntas terminámos.

À minha orientadora, Professora Doutora Carlota Tomaz, por toda a disponibilidade e apoio dado ao longo deste ano de trabalho. A sua perseverança e incentivo muito me fizeram evoluir e aprender.

Às minhas colegas e amigas que permitiram com que a minha integração na Universidade de Aveiro fosse mais fácil.

A todos um enorme obrigada!

palavras-chave

Cidadania Global, Educação Intercultural, Sensibilização à Diversidade Intralinguística, Língua Portuguesa, Cultura Linguística.

Resumo

O presente Relatório Final de Estágio foi elaborado com vista ao cumprimento dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico.

Desenvolvido na componente de formação de Prática Pedagógica Supervisionada, o projeto de intervenção e investigação que apresentamos neste Relatório, encontra-se inserido na temática da sensibilização à diversidade Intralinguística através da abordagem de aspetos que enaltecem o poder linguístico e cultural da Língua Portuguesa.

Numa sociedade bastante marcada pela diversidade linguística e cultural, a abordagem a este tema torna-se importante e necessário uma vez que nas escolas esta diversidade está cada vez mais presente. Para além de ser frequente o contacto com pessoas falantes de outras línguas, diferentes da Língua Portuguesa, também é possível contactar com pessoas provenientes de países que têm o Português como língua oficial, ou seja, pessoas falantes de outras variedades da Língua Portuguesa. Ao lidarmos com esta diversidade no nosso dia-a-dia é necessário preparar os alunos para o contacto com o outro, respeitando-o, e aproveitando a diversidade muitas vezes encontrada nas escolas para fazer esta abordagem.

Deste modo, o projeto de intervenção e investigação foi desenvolvido com uma turma do 2.º ano do 1.º ciclo do ensino básico, pertencente a um Agrupamento de Escolas do distrito de Aveiro, caracterizada pela existência de diversidade linguística e cultural.

Para o nosso projeto definimos os seguintes objetivos: sensibilizar para a Diversidade Intralinguística da Língua Portuguesa, desenvolver a cultura linguística dos alunos e promover o respeito pelo outro, valorizando a Língua Portuguesa na sua diversidade.

O projeto apresenta características de investigação-ação, tendo sido utilizadas as seguintes técnicas e instrumentos de recolha de dados: inquérito por questionário inicial e final, dirigidos aos alunos, a observação participante e as respetivas notas de campo, a vídeogravação das sessões, as folhas de registo dos alunos e as fichas de trabalho.

Relativamente à técnica de análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo, fazendo parte do corpus de análise os inquéritos por questionário inicial e final com vista à identificação de perceções e conhecimentos dos alunos quanto ao tema, fazendo uma análise comparativa dos resultados nos dois momentos de recolha de dados. Do corpus de análise fazem ainda parte as transcrições das vídeogravações.

A construção do sistema de categorias auxiliou-nos na interpretação e análise de dados relativamente aos conhecimentos dos alunos quanto às línguas que falam e que julgam falar os seus colegas, aos países em que se fala a Língua Portuguesa, à existência de variedades da língua, o número de falantes de Língua Portuguesa no mundo e ainda a sua origem.

Com base nas transcrições das vídeogravações procurámos, ainda, evidências de atitudes e valores de respeito pelo outro e valorização da Língua Portuguesa na sua diversidade. Os resultados permitiram-nos verificar um aumento da cultura linguística dos alunos bem como de algumas atitudes de respeito pelo outro e de valorização da Língua Portuguesa na sua diversidade. Consideramos que o desenvolvimento do projeto de intervenção e de investigação foi pertinente na medida em que contribuiu para atingir os objetivos aos quais nos propusemos.

Keywords

Global citizenship, intercultural education, sensibilization of intralinguistic diversity, portuguese language, linguistic culture

Abstract

This Final Report was prepared to meet the requirements necessary to obtain the Master's Degree in PreSchool and Primary School Education. Developed in the training component of Supervised Pedagogical Practice, the intervention and research project presented in this report, is part of the theme of sensitization of Intralinguistic diversity. It is achieved by approaching aspects that enhance the linguistic and cultural power of the Portuguese Language.

In a society marked by linguistic and cultural diversity, schools are not indifferent to this growing phenomenon. More and more often it is possible to connect with people from countries that have Portuguese as their official language, people who speak other dialects of the Portuguese language, as well as foreign people. Such diversity requires a certain open-minded perspective, one that can usually be found at schools as they often instigate an international dimension and intercultural understanding. Such diversity requires a certain open-minded perspective, one that can usually be found at schools as they often instigate an international dimension. This is showed by the diversity and quantity of students. Thus, this topic deserves closer attention.

The research project was developed in a second-year classroom of a Primary School Education, within a group of schools in the Aveiro district characterized by the existence of linguistic and cultural diversity. For our project we defined the following objectives: to raise awareness of the Intralinguistic Diversity of the Portuguese Language, to develop the linguistic culture of the students, and to promote respect for valuing the Portuguese Language in its diversity.

This project presents characteristics of action research. The following techniques and data collection instruments were used: initial and final questionnaire survey addressed to students, participant observation and field notes, audio and videotape recordings, and leaves of student registration and worksheets. Qualitative content analysis was also used as part of the analysis. The initial and final questionnaires were used with the purpose of identifying students' perceptions and knowledge about the subject, and making a comparative analysis of the results in the data collection. The body of analysis also includes the video recordings transcriptions.

The construction of the category system helped us to interpret and analyze data regarding the students' knowledge of the languages, they speak and think their colleagues speak, the Portuguese-speaking countries, the existence of a variety of languages, the number of Portuguese speakers in the world and its origins. From the audio records transcripts, we sought for some evidence related with attitudes and values of respect for the Portuguese language and its diversity. The results showed an increase in the linguistic background of students, as well as some signs of respect in other's cultures, and acknowledgement of the Portuguese language. We believe that the intervention development in our project turned out to be very relevant as we were able to achieve the objectives we set ourselves.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Cidadania global e Educação Intercultural.....	7
Introdução	8
1.1 – Cidadania global e Educação Intercultural	8
1.1.1 – Educação Intercultural – conceito e objetivos	9
1.2 – A Sensibilização à Diversidade Linguística e a Língua Portuguesa	12
1.2.1 – Diversidade Intralinguística e variação	14
1.2.1.1 – Variação linguística.....	16
1.2.2 – A Cultura linguística	19
1.3 – Da cidadania global à diversidade intralinguística: o papel do professor	21
Síntese	25
Capítulo 2 – Metodologia de investigação	26
Introdução	27
2.1 - Caracterização do contexto de intervenção.....	27
2.2 – Descrição do projeto de intervenção e investigação	30
2.2.1 - Sessão 1 – 4 de abril de 2017	31
2.2.2 - Sessão 2 – 19 de abril de 2017	32
2.2.3 - Sessão 3 – 19 de abril de 2017	33
2.2.4 - Sessão 4 – 3 de maio de 2017	34
2.2.5 - Sessão 5 – 10 de maio de 2017	37
2.3 Metodologia de investigação: investigação-ação	38
2.4 – Técnicas e instrumentos de recolha de dados	43
Capítulo 3 - Apresentação, análise e interpretação dos dados.....	48
Introdução	49
3.1 - Técnica de análise de dados: análise de conteúdo	49
3.2 – Apresentação e análise de dados	52
3.2.1 - Análise dos efeitos das atividades implementadas no desenvolvimento da cultura linguística dos alunos.	53

3.2.2 - Análise dos efeitos das atividades implementadas no desenvolvimento de atitudes de respeito pelo outro e de valorização da LP na sua diversidade.....	65
3.2.3 - Síntese dos resultados obtidos.....	68
Conclusão	71
Referências bibliográficas.....	75
Anexos	79

Índice de quadros

Quadro 1 - Objetivos de intervenção e de investigação	5
Quadro 2 - Organização das sessões do projeto	30
Quadro 3 - Técnicas e instrumentos de recolha de dados	44
Quadro 4 - Objetivos dos questionários	45
Quadro 5 - Sistema de categorias.....	51

Índice de figuras

Figura 1 - Comunidades migrantes em Portugal	15
Figura 2 - O que descobrimos acerca da língua portuguesa.....	32
Figura 3 - Mapa com os países de língua oficial portuguesa	33
Figura 4 - Falantes dos países de língua oficial portuguesa	34
Figura 5 - Palavras na variedade europeia e brasileira da língua portuguesa	35
Figura 6 - Jogo de correspondência de palavras e imagens.....	38
Figura 7 - Ciclos da investigação-ação	39
Figura 8 - Triângulo de Lewin.....	41

Índice de tabelas

Tabela 1 - Distribuição do número de alunos de acordo com a idade e género .	28
Tabela 2 - Horário da turma	30
Tabela 3 - Questão: Tens na tua turma colegas que falam outra língua para além da língua portuguesa?.....	55
Tabela 4 - Questão: Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?	57
Tabela 5 - Identificação de países onde se fala a língua portuguesa.....	57
Tabela 6 - Identificação da forma de falar a língua portuguesa noutros países em que se fala a língua portuguesa	59
Tabela 7 - Identificação do número de falantes de língua portuguesa noutros países.....	62
Tabela 8 – Respostas dos alunos acerca da origem da língua portuguesa	63

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Habilitações académicas dos pais.....	29
Gráfico 2 - Indicação das línguas que os alunos consideram saber falar	53
Gráfico 3 - Indicação das línguas que consideram ser faladas pelos colegas da turma	56
Gráfico 4 - Identificação das diferenças na forma de falar a língua portuguesa noutros países em que se fala a língua portuguesa	60

Índice de anexos

Anexo 1 – Esta língua portuguesa	80
Anexo 2 - Questionário Inicial.....	82
Anexo 3 - Questionário final	86
Anexo 4 - Tratamento de dados - questionário inicial	89
Anexo 5 - Tratamento de dados - questionário final.....	105
Anexo 6 - Transcrições das vídeogravações.....	125
Anexo 7 – Tratamento dos dados das transcrições das vídeogravações	165

Lista de Abreviaturas

ECG	Educação para a Cidadania Global
LP	Língua Portuguesa
PLOP	Países de Língua Oficial Portuguesa
PPS	Prática Pedagógica Supervisionada
SDI	Sensibilização à Diversidade Intralinguística
SDL	Sensibilização à Diversidade Linguística
SOE	Seminário de Orientação Educacional

Introdução

Vivemos atualmente numa sociedade em que cada vez mais nos deparamos com pessoas provenientes de diferentes partes do mundo, com diferentes nacionalidades e que são linguística e culturalmente diferentes de nós. Torna-se assim necessário preparar os cidadãos para lidar com o outro e acima de tudo respeitá-lo.

A UNESCO refere, assim, que é importante que haja uma Educação para a Cidadania Global (ECG) que permita dotar os alunos de competências que os preparem para “[...] lidar com o mundo dinâmico e interdependente do século XXI” (UNESCO, 2015b, p.9). É ainda referido que apesar da ECG poder ser implementada de forma diferente nos diversos contextos educativos, existem vários pontos comuns e transversais aos diferentes contextos, como por exemplo a necessidade de se “[...] fomentar nos alunos: uma atitude apoiada por um entendimento de múltiplos níveis de identidade e o potencial para uma identidade coletiva que transcenda diferenças individuais culturais, religiosas, étnicas ou outras (UNESCO, 2015b, p.9).

Para lidar com as diferenças, considera-se necessário e importante o papel da escola na sensibilização, junto das crianças, para a diversidade linguística e cultural. A pertinência da sensibilização para a diversidade linguística e cultural deve-se, assim, ao facto de, atualmente, nos encontrarmos num mundo cada vez mais diversificado a nível linguístico e cultural, conforme já referimos, podendo conduzir à emergência de problemas e desafios.

Para tal, é importante que os educadores/professores desenvolvam “[...] estratégias onde cada criança se conheça, se sinta reconhecida e predisposta a conhecer os outros” (Leite & Rodrigues, 2000, p.17).

Ao referirmos a diversidade linguística existente, não nos queremos reportar apenas às línguas que são diferentes da nossa língua materna, pois dentro desta também é possível encontrar diversidade. Posto isto, importa justificar a pertinência de uma sensibilização à diversidade intralinguística que, segundo Sousa (2012, p.85), “só se consegue se os seus falantes conhecerem a

própria Língua e tomarem consciência da riqueza que ela encerra na sua diversidade [...]”.

A Língua Portuguesa (LP) é uma língua global, falada em vários países como Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Macau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe e, por este motivo, apresenta algumas diferenças.¹ Ao ser falada por pessoas de vários países, com hábitos e culturas diferentes, a LP apresenta diferenças sendo que “[...] variação social e a variação espacial da língua têm feições típicas em cada um [dos países]” (Mattos e Silva, s/d, p. 2). Assim, segundo o Dicionário Terminológico², podemos encontrar as seguintes variedades da Língua Portuguesa: a variedade Europeia, a variedade Brasileira e as variedades Africanas.

Curvelo (2013, p.11) declara que “[p]ara compreendermos melhor a Língua Portuguesa [...] é necessário conhecermos as suas variedades, para consciencializarmo-nos da sua riqueza (intra)linguística”.

Constatamos, assim, a relação existente entre a ECG e a importância de um projeto que inclua a LP a nível global, pois a cidadania global pressupõe “[...] um sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla [...]” (UNESCO, 2015a, p.14).

Assim, no âmbito do nosso projeto de intervenção e de investigação, e que damos conta neste Relatório de Estágio, abordámos a diversidade existente dentro da Língua Portuguesa uma vez que, tal como referido por Silva (2016, p.8) no prefácio do Novo Atlas da Língua Portuguesa, “[q]ualquer que fosse, pois, o seu alcance, a língua materna e nacional haveria de ser estudada, preservada e difundida com especial cuidado”. O mesmo autor (citado por Reto, Machado & Esperança, 2016, p.8) acrescenta ainda que a Língua Portuguesa é, “[...] ao mesmo tempo, a língua oficial de vários países, cuja população excede, no seu conjunto, os 260 milhões de pessoas; e é uma língua global, que, ao invés de se acantonar numa só região, se projeta em todos os continentes”.

Na atualidade, e tal como declaram Santana e Neves (2015), é possível encontrar nas escolas cada vez mais alunos que falam as variedades da LP. Por

¹ http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=775&p_est_id=2233

² <http://dt.dge.mec.pt/>

esse motivo, e devido ao facto de no contexto no qual foi implementado o nosso projeto de intervenção e de investigação haver um aluno de nacionalidade brasileira, optámos por abordar, apenas, a variedade brasileira e a variedade europeia, sendo esta última falada pela maioria dos alunos da turma. Considerámos por isso que seria um projeto relevante para o contexto e significativo para os alunos com os quais trabalhámos.

Os professores, ao depararem-se com as diferentes variedades da LP, devem abordá-las apenas como variedades linguísticas, diferentes da nossa, procurando não as desvalorizar perante a norma-padrão pois “[t]odas as [variedades] dispõem de igual valor. Não há um «centro» para a língua portuguesa; ela não possui só uma norma-padrão [...] É essa língua ampla, viva e pluriforme que é falada por 260 milhões de pessoas [...]” (Silva, 2016, citado por Reto, Machado & Esperança, 2016, p.14).

Verifica-se assim a pertinência de formar cidadãos que identifiquem a Língua Portuguesa como sendo uma língua que apresenta diversidade, respeitando cada uma das suas variedades.

Retomando o papel do professor, Santana e Neves (2015, p.88) afirmam que este deve assumir “[...] o papel de estudioso, investigador, cientista, buscando construir o próprio conhecimento da língua, assumindo uma postura crítica que consequentemente o auxiliará a ressignificar a sua prática [...]”.

Foi nesta perspetiva que desenvolvemos o nosso projeto de intervenção e investigação, ou seja, um projeto que nos permitisse analisar, refletir e alterar a nossa prática no futuro.

Desta forma, o presente relatório emerge da unidade curricular de Prática Pedagógica Supervisionada (PPS) em estreita articulação com a unidade curricular de Seminário de Orientação Educacional (SOE).

No âmbito destas duas unidades curriculares pretende-se que os estudantes, futuros educadores/professores, concebam e desenvolvam um projeto de investigação-ação e reflitam de forma crítica e sustentada sobre a sua própria ação, pelo que foi no 1.º semestre, durante a realização das atividades de PPS em contexto de educação pré-escolar, que nos apercebemos da importância de desenvolver projetos de sensibilização à diversidade linguística e cultural,

sobretudo pelo facto de nos termos confrontado com um contexto educativo rico em diversidade linguística e cultural.

Deste modo, e ao longo do 1.º semestre, aprofundámos os nossos conhecimentos sobre a educação para a cidadania global e também sobre a sensibilização à diversidade linguística e cultural, sendo que a especificidade do nosso projeto só foi decidida no 2.º semestre, depois de termos contactado com a nova realidade pedagógica.

No 2.º semestre, a PPS foi desenvolvida numa turma do 2.º ano, do 1º Ciclo do Ensino Básico, caracterizada, também, pela existência de grande diversidade linguística e cultural, tendo sido com este grupo de alunos que desenvolvemos o nosso projeto de intervenção e de investigação.

A PPS, de acordo com o calendário estabelecido no Programa Orientador da Unidade Curricular, decorreu ao longo de 4 fases em que a nossa responsabilidade na intervenção foi obedecendo a uma complexidade crescente. As fases, de acordo com o programa da unidade curricular de PPS, foram as seguintes:

- Fase 1 (23 de janeiro a 8 de fevereiro): nesta fase decorreu o período de observação do contexto educativo, na qual foi elaborada a caracterização da realidade pedagógica, permitindo-nos conhecer melhor a turma com a qual iríamos trabalhar, bem como todo o meio envolvente e seus intervenientes.
- Fase 2 (13 de fevereiro a 22 de fevereiro): nesta fase deu-se início às intervenções, neste caso colaborativas, na qual foram desenvolvidas atividades de forma partilhada com a colega de diáde. Foi nesta fase, no decorrer de uma atividade, que surgiu a problemática que viria a ser alvo do nosso projeto de intervenção e investigação.
- Fase 3 (6 de março a 15 de março): nesta fase as intervenções foram de responsabilidade individual diária, de forma alternada com a colega, em que ficámos responsáveis por desenvolver atividades de forma articulada com a colega.
- Fase 4 (20 de março a 17 de maio): ao longo da quarta e última fase as intervenções foram de responsabilidade individual semanal, de forma

articulada com a colega. Foi ao longo desta fase que cada uma de nós desenvolveu os respetivos projetos de intervenção e investigação.

Tendo por base o que observámos numa das atividades realizadas durante a fase 2, surgiu a problemática que despoletou o interesse pelo tema da diversidade intralinguística da LP e que conduziu ao desenvolvimento de um projeto de intervenção e investigação neste âmbito.

Na atividade mencionada era solicitado aos alunos que identificassem as línguas faladas por uma personagem por eles criada, tendo alguns alunos identificado o “Brasileiro” como sendo uma língua distinta da língua portuguesa. Considerámos, assim que estavam criadas as condições para concebermos, implementarmos e avaliarmos um projeto pedagógico didático no âmbito da sensibilização à diversidade intralinguística da LP.

Assim, colocámos a seguinte questão de investigação: *De que modo o desenvolvimento de atividades de Sensibilização à Diversidade Intralinguística contribui para o aumento da cultura linguística dos alunos, assim como para a promoção do respeito pelo outro e valorização da LP na sua diversidade?*

De forma articulada com a nossa questão de investigação definimos os seguintes objetivos de intervenção e de investigação:

Objetivos de intervenção	<ul style="list-style-type: none">• Sensibilizar para a Diversidade Intralinguística da Língua Portuguesa.• Desenvolver a cultura linguística dos alunos.• Promover o respeito pelo outro e valorização da Língua Portuguesa na sua diversidade.
Objetivos de investigação	<ul style="list-style-type: none">• Compreender de que modo as atividades desenvolvidas sensibilizaram os alunos para a diversidade intralinguística da LP, contribuindo para:<ul style="list-style-type: none">▪ o aumento da sua cultura linguística▪ o respeito pelo outro e para a valorização da LP na sua diversidade.

Quadro 1 - Objetivos de intervenção e de investigação

No que diz respeito à organização do relatório, o mesmo encontra-se organizado em duas partes. Na primeira parte, apresentamos a revisão de literatura, feita a partir do conhecimento que foi estabelecido por outros investigadores acerca do tema, permitindo-nos sustentar conceptualmente o nosso projeto de intervenção e de investigação.

No primeiro capítulo, é feita uma referência ao estado da atual sociedade, na qual nos focamos nos conceitos de cidadania global e de educação intercultural e na forma como os dois conceitos se articulam.

De seguida, abordamos a Sensibilização à Diversidade Linguística, particularizando para a Diversidade Intralinguística da Língua Portuguesa, sendo que é dentro deste último conceito que procuramos apresentar a variação existente dentro da Língua Portuguesa.

Procuraremos ainda retratar o conceito de cultura linguística e terminamos com a reflexão acerca da importância do papel do professor junto dos seus alunos face às mudanças da sociedade.

Na segunda parte, nomeadamente no segundo capítulo, apresentamos a parte empírica do projeto. Neste capítulo será feita a caracterização do contexto educativo no qual o projeto de intervenção e de investigação foi desenvolvido, seguindo-se a apresentação e descrição do mesmo. Por fim, faremos uma breve referência à investigação-ação, como tendo sido a metodologia de investigação utilizada na implementação do projeto, bem como as técnicas e instrumentos de recolha de dados.

No terceiro capítulo, apresentamos, analisamos e interpretamos os dados recolhidos ao longo do referido projeto. Neste capítulo começamos por apresentar a técnica de análise de dados utilizada, análise de conteúdo, e de seguida apresentam-se, então, os dados recolhidos.

Por fim, apresentamos as conclusões finais do projeto e fazemos um balanço sobre o nosso percurso e desenvolvimento a nível pessoal e profissional.

Capítulo 1 - Cidadania global e Educação Intercultural

Introdução

A sociedade atual tem vindo a sofrer mudanças a nível social e cultural, entre outras, exigindo aos cidadãos novas formas de pensar e de agir (Cabezudo et al, 2010). A abertura ao outro e ao mundo só é possível se formarmos cidadãos globais, educarmos para a cidadania global e, consequentemente, para a interculturalidade. Assim, neste capítulo, começaremos por definir os conceitos de cidadania global e de educação intercultural, evidenciando os seus objetivos e a relação que existe entre estes dois conceitos.

Faremos uma abordagem à sensibilização para a diversidade linguística, focando-nos essencialmente na diversidade intralinguística. Refletimos, ainda, acerca do conceito de cultura linguística uma vez que é um aspeto que pretendemos desenvolver com o projeto. Terminamos o capítulo reportando-nos ao papel do professor junto dos seus alunos quando deparado com uma realidade linguística e culturalmente diversificada.

1.1 – Educação para a Cidadania Global e Educação Intercultural

A crescente globalização, os fenómenos migratórios a que temos vindo a assistir, e o maior contacto entre povos, através das novas tecnologias da comunicação, são fatores que têm contribuído para que a nossa sociedade se torne, cada vez mais, numa sociedade heterogénea.

A “constatação de que os povos contemporâneos vivem e interagem num mundo cada vez mais globalizado” (Cabezudo et al, 2010, p.10), tem contribuído para a emergência do conceito de educação global.

Torna-se, assim, necessário promover uma educação para cidadania global, sendo este um ponto assente nas atuais políticas educativas. A educação para a cidadania global ocupa um papel fundamental no desenvolvimento de competências nos alunos que lhes permitam lidar, aceitar e respeitar o outro e viver de forma pacífica numa sociedade caracterizada pela heterogeneidade, contribuindo, ao mesmo tempo, para a construção de um mundo melhor.

Tal como salientado na Declaração de Maastricht (2002, in Cabezudo et al, 2010, p. 10), trata-se de uma “educação capaz de abrir os olhos e as mentes das pessoas para as realidades do mundo, despertando-as para contribuírem para um mundo com mais justiça, equidade e direitos humanos para todos”. Embora a escola ocupe um papel fundamental na educação para a cidadania global salientamos que se trata de uma aprendizagem que se vai construindo ao longo do tempo, uma vez que as competências a desenvolver não se transmitem e aprendem imediatamente. Estamos, assim, perante um processo de construção pessoal e social que visa formar cidadãos globais, promovendo nos alunos, e de acordo com Araújo (2008, p.90), atitudes de

“[...] auto estima, respeito mútuo, de solidariedade, a aceitação e o respeito pelas diferenças, o assumir as suas responsabilidades, a apropriação de regras de convivência, de valores fundamentais da vida em sociedade e de competências inerentes à conduta democrática que conduzam à formação de cidadãos solidários, autónomos, participativos e civicamente responsáveis”.

A ideia desta autora é reforçada pela UNESCO, ao referir que a educação para a cidadania global (nomeadamente na escola) tem como grande finalidade criar condições para que todos os alunos desenvolvam “[...] valores, conhecimentos e habilidades que sejam baseados e promovam o respeito pelos direitos humanos, [pela] justiça social, [pela] diversidade, [...]” (UNESCO, 2015a, p.2).

1.1.1 – Educação Intercultural - conceito e objetivos

Numa sociedade caracterizada pela diversidade linguística e cultural, em que os cidadãos interagem e convivem entre si, “não há educação para a cidadania que não seja educação intercultural” (Cardoso, 1998, p.100). Assim, consideramos que se torna necessário definir o conceito de educação intercultural.

De acordo com Cardoso (1998, p. 15), a educação intercultural é entendida como “uma dimensão de um todo articulado de vertentes da educação para uma cidadania global, democraticamente interdependente”. Noutra perspetiva, Ouellet (s/d), citado por Vieira (2006, p. 24-25), refere que “[...] a educação intercultural se articula obrigatoriamente com a educação para a cidadania e pode também definir-se como obedecendo a cinco princípios: abertura à diversidade cultural; igualdade de oportunidades e equidade; coesão social; participação crítica na vida e deliberação democrática e respeito pela vida no planeta”.

Na nossa perspetiva, e tendo por base o princípio da abertura à diversidade cultural, é fundamental que a educação intercultural permita desenvolver “[...] atitudes, comportamentos e competências de compreensão de outras culturas e maior interação comunicativa e social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade” (Ouellet, 1991, citado por Morgado & Pires, 2010, p. 64).

Ouellet (1991, p.41), acrescenta, ainda, que a educação intercultural “Doit favoriser la participation à l’interaction sociale, cela doit pouvoir se traduire concrètement par des stratégies éducatives permettant aux élèves des minorités d’accéder à une réellégalité des chances en éducation”.

Verificamos, assim, que o termo “interação” ocupa um papel de relevo na definição do conceito de Educação Intercultural. Com efeito, é na interação que está a base essencial de uma educação intercultural. A educação intercultural pressupõe que haja interação entre indivíduos de diferentes culturas, não se limitando, apenas, a dar a conhecer a existência de cada indivíduo e a sua cultura. Visa sobretudo promover a abertura ao mundo e ao outro, olhando para o outro e para a diversidade como um enriquecimento pessoal que sem a interação não seria possível.

Peres (2000) refere que é necessário desconstruir o individualismo em que os cidadãos estão imersos para criar uma cultura de interação em que os indivíduos convivam, negoceiam e dialogam uns com os outros e, assim, “[...] possam viver de acordo com o lema: igualdade para viver e diversidade para conviver – uma pessoa ao encontro de outra pessoa” (p.66).

No entanto, Feyerabend (1991, citado por Peres, 2000), refere que, por mais que haja contacto entre os diversos grupos sociais, sejam quais forem os motivos, essas ligações serão sempre superficiais por pouco haver em comum entre esses mesmos grupos. Existem, contudo, grupos de indivíduos que apesar de provenientes de diferentes culturas, poderão partilhar algo comum, como por exemplo, uma língua.

Apesar de poderem existir, ou não, ligações entre os indivíduos, Peres (2000, p.55) chama-nos à atenção para a urgência de “[...] uma mudança profunda de mentalidades – um novo olhar cultural”.

Todavia, antes de mudar mentalidades é necessário conhecer, isto é, conhecer as culturas e diversidade dos contextos em que estão inseridos os cidadãos. Tal como afirma Abdallah-Pretceille (1999, citada por Cação, 2012, p.18), “numa sociedade multicultural, é essencial estudar as outras culturas, só assim se poderá preconizar a igualdade de oportunidades, coração da educação intercultural, pois para agir é necessário conhecer”.

Esta ideia é reforçada por Ambrósio (2000, in Conselho Nacional de Educação, 2000, p. 25) que diz que

“[p]ara lá da tolerância básica, cívica e democrática, a educação intercultural pede o reconhecimento [...] da multiculturalidade, o que pressupõe partir do conhecimento da diversidade cultural e do reconhecimento de que numa diversidade há riquezas potenciais para, a partir delas, criar algo coletivamente novo”.

Para criar algo novo é necessário que as diferentes culturas se aproximem e que as pessoas dessas mesmas culturas interajam entre si, sendo necessário realizar um trabalho de consciencialização intercultural junto dos indivíduos. O objetivo é que os mesmos passem a olhar o outro de outra maneira, isto é, de uma maneira mais positiva, desenvolvendo valores que até então não haviam sido evidenciados. Trata-se, conforme salienta Peres (2000), de uma viagem em direção ao outro. De acordo com o mesmo autor, “[a] emergência desta «viagem» em direcção ao outro – Educação intercultural – levou-nos a constatar que a

educação, enquanto projeto, tem a necessidade de integrar diversos saberes, valores e diversas metodologias” (p.55).

Após refletir acerca da educação para a cidadania global, foi possível verificar que este é um conceito complexo e que tem outros conceitos associados. A educação intercultural é um dos conceitos que resulta da educação para a cidadania global uma vez que visa dotar os alunos de competências para lidar com a diversidade linguística e cultural da sociedade em que estão inseridos.

1.2 – A Sensibilização à Diversidade Linguística e a Língua Portuguesa

Hoje em dia muito se alerta para a importância de conhecermos e respeitarmos outras línguas e culturas, pois estas permitem que haja maior compreensão entre povos e, tal como salienta Branco (2011, p. 50), “a identidade de cada um vai-se construindo à medida que se cresce e se interage com o Outro, que pode ou não pertencer à mesma cultura e/ou etnia que nós próprios”.

Nesta linha de pensamento, Pinto (1998, p.9), refere que “[a] promoção do respeito pela língua do outro é um importante indicador de respeito pelo outro”.

Ao conhecer e respeitar a diversidade, a língua e cultura do outro, não nos devemos esquecer da nossa própria cultura e identidade. Com efeito, ao conhecermos a cultura e língua do outro tornamo-nos mais conscientes da nossa própria cultura e identidade.

Entendemos com isto que, ao interagirmos com o outro, ao construirmos a nossa própria identidade e ao desenvolvermos atitudes de respeito para com o outro, podemos estar igualmente a contribuir para o desenvolvimento de sentimentos de pertença a uma comunidade mais ampla.

Na nossa perspetiva, todos os cidadãos podem conviver e interagir no mesmo espaço, desde que haja respeito e compreensão mútua. O espaço social não tem de ser entendido como o espaço mais próximo, pode ser um espaço para lá daquele em que habitamos, envolvendo o mundo e a sociedade em geral (UNESCO, 2015).

Segundo Reis e Adragão (1990, p.91), “[...] ensinar a língua é também assegurar no indivíduo os meios de compreensão de si e dos outros”, pelo que se verifica a necessidade e importância de uma Sensibilização à Diversidade Linguística (SDL).

A SDL é, juntamente com a Educação Intercultural, uma das quatro abordagens plurais, sendo as duas restantes a didática integrada e a intercompreensão. As abordagens plurais são entendidas como “abordagens didáticas que usam atividades de ensino e aprendizagem envolvendo mais do que uma língua e/ou cultura, podem trazer um contributo importante, na medida que visam sensibilizar as crianças desde cedo, para as diversidades presentes na sociedade [...]” (Candelier et al, 2007, citado por Andrade, Lourenço & Sá, 2010). No nosso caso em particular, e tendo por base o projeto de intervenção e de investigação que desenvolvemos no âmbito da Prática Pedagógica Supervisionada, iremos focar a nossa atenção nos indivíduos que apesar de serem provenientes de culturas distintas, possuem em comum a mesma língua, isto é a LP.

Assim, considerámos essencial desenvolver um projeto de SDL que permitisse abordar a importância que tem a LP na sociedade e no mundo uma vez que “[...] informar os alunos acerca da presença da língua portuguesa no mundo actual, da multiplicidade das suas [variedades] e da multidão dos seus falantes, é, mais do que um reforço dos seus conhecimentos, uma tomada de consciência da importância do português e da sua projecção universal” (Reis & Adragão, 1990, p.57).

A nossa identidade, como portugueses e falantes da Língua Portuguesa, faz com que pertençamos a uma comunidade mais ampla uma vez que “a projecção global de Portugal é afirmada através da presença de portugueses nos vários continentes” (Henriques, Reis & Loia, 2006, p. 248).

Contudo, não é apenas devido à presença de portugueses no mundo que se verifica a projecção de Portugal no mundo, a existência de vários países que têm a LP como língua oficial também se constitui como um forte contributo para a projecção do nosso país no mundo.

Para além de Portugal, e conforme referimos anteriormente, a LP é considerada língua oficial nos seguintes países: Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. (cf. Eurocid)³

Foi através destes países, que ganharam a LP através da expansão, que a nossa língua “ganhou multiplicidade sem perder unidade” (Henriques, Reis & Loia, 2006, p.246), sendo assim a língua de união de uma comunidade.

1.2.1 – Diversidade Intralinguística e variação

Ao referirmos a multiplicidade das variedades que a LP apresenta, uma vez que é falada em diversos países, alcançamos o conceito de Diversidade Intralinguística. Este conceito pode ser trabalhado uma vez que, além da existência de outros países que tem a LP como língua oficial, também a mobilidade humana tem vindo a fazer com que se verifique um grande número de pessoas provenientes de Países de Língua Oficial Portuguesa (PLOP) em Portugal, uma vez que “[...] está muito ligada à própria língua. A partilha de uma língua e história comuns explica uma boa parte da mobilidade internacional das populações destes países [...]” (Reto, Machado & Esperança, 2016, p. 144).

A Língua Portuguesa tem assim potencial para que sobre ela seja desenvolvido um projeto que permita compreender a Diversidade Intralinguística que acarreta, uma vez que atravessa continentes e continua, segundo os dados estatísticos, em grande desenvolvimento.

A partir da análise da figura 1 - Comunidades migrantes em Portugal, retirada Novo Atlas da Língua Portuguesa (2016, p.156) é possível ficarmos com uma perceção dos números que justificam a existência de grande diversidade intralinguística e cultural em Portugal.

³ http://www.eurocid.pt/pls/wsd/wsdwcot0.detalhe?p_cot_id=775&p_est_id=2233

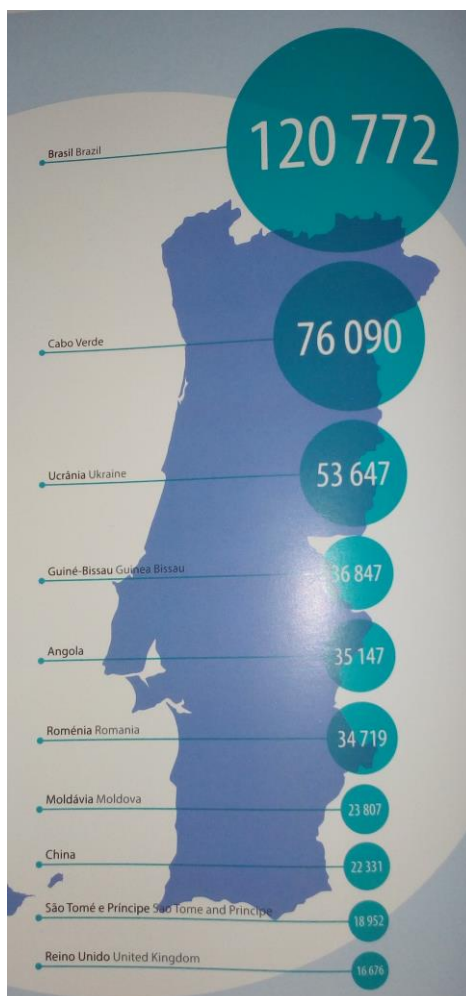


Figura 1 - Comunidades migrantes em Portugal

(Fonte: Reto, Machado & Esperança, 2016, p. 156)

A mobilidade de pessoas provenientes dos PLOP traduz-se também na existência de alunos estrangeiros nas escolas. Relativamente aos dados dos alunos estrangeiros nas escolas, recorremos ao relatório estatístico anual de 2016 que nos dá conta dos indicadores de Integração de Imigrantes, através de dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (in Oliveira & Gomes, 2016).

De acordo com os dados do ano letivo de 2013/2014, os alunos estrangeiros que frequentavam o ensino básico e secundário representavam 3,7% da população escolar. Destes 3,7% verifica-se que grande parte diz respeito aos alunos provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa seguidos dos alunos da América do Sul, nomeadamente do Brasil.

O facto de existirem nas salas de aula alunos provenientes de diferentes países e culturas, em particular países cuja língua oficial é o português, tem um grande peso populacional quando comparados com outros, fazendo com que a LP tenha particular destaque no presente trabalho.

Assim, ao contarmos com a presença e contacto dos alunos com falantes de outras variedades da LP, pode trazer vantagens para todos pois

“[o] contacto permanente com outras culturas permite o acesso a conhecimento das diferenças linguísticas entre os países de língua oficial portuguesa. Neste sentido, os contactos estabelecidos com as variedades da LP possibilitam a sua compreensão [...]” (Pinho & Ançã, 2015, in Ançã & Macário, 2015, p.41).

Deve, por isso, ser tirado proveito da diversidade de alunos existentes nas turmas / grupos para abordar a Diversidade Intralinguística da Língua Portuguesa e compreender um pouco mais como é que a língua se espalhou pelo mundo e o porquê de existirem tantas pessoas com uma língua comum.

Segundo Sousa (2012, p. 85), “[a] sensibilização à diversidade intralinguística da LP só se consegue se os seus falantes conhecerem a sua própria Língua e tomarem consciência da riqueza que ela encerra na sua diversidade [...]”. A mesma autora suporta-se em Mota (2001) para reforçar a ideia de que o facto de existirem variedades da LP pode trazer benefícios na abordagem à diversidade.

1.2.1.1 – Variação linguística

À semelhança de outras línguas, a LP em contacto com outras foi sofrendo alterações, do mesmo modo foi alterando outras, o que revela uma determinada abertura multicultural. Assim sendo, “[t]al como não há língua sem variação, também não há língua que não sofra mudança” (Mateus & Cardeira, 2007, p.20).

Reis e Adragão (1990), ao reportarem-se às diferenças existentes na língua, mencionam que esta é multifacetada pois

“[...] assemelha-se a um poliedro espelhado em que cada face reflecte a realidade. Ainda que a atenção do docente incida prioritariamente na língua padrão, um estudo da língua materna não pode ignorar a diversidade de níveis e registos que a constituem” (Reis & Adragão, 1990, p.16).

Sendo a LP uma língua viva, está sujeita a mudanças, tal como constataam Ferreira, Carrilho e Lobo (1996, citados por Faria, Pedro & Duarte, 1996, p.479):

“Estando todas as línguas vivas sujeitas a fatores de mudança, a variação que delas decorre faz parte integrante da linguagem humana e pode ser estudada e descrita. Por sua vez, a variação, a hesitação entre diversas formas, ocorrida num dado momento, produz a longo termo mudança na língua”.

Apesar de todas as mudanças que possam ocorrer numa língua, a Sensibilização à Diversidade Intralinguística (SDI) tem um “papel primordial na criação de uma atitude positiva em relação às diferentes variedades da Língua e aos seus falantes” (Sousa, 2012, p.93), promovendo-se o respeito pela língua.

Relativamente às diferenças que podem ocorrer dentro de uma mesma língua, Cunha e Cintra (2000), denominam-nas como diferenças de tipo internas, enquanto que Ferreira et al (1996, in Faria et al, 1996) referem-se a estas diferenças como campos de estudo da variação.

Assim, através destes autores, identificamos os seguintes tipos de variação da língua e diferenças subjacentes a cada uma:

- **Variação diatópica, geolinguística ou dialectal** – diferenças no espaço geográfico podendo ser a nível local, regional ou intercontinental. Inclui-se aqui o português falado noutros países (cuja LP é oficial).
- **Variação diastrática ou social** – diferenças existentes nos vários grupos sociais. (Exemplo: linguagem culta ou popular).
- **Variação diafásica** – diferenças expressivas e discursivas na língua falada, na língua escrita, na língua literária, entre outras.
- **Variação diacrónica** - variação do tempo, evolução e mudança que ocorre numa língua ao longo do tempo.

Dentro dos quatro tipos de variação anteriormente referidos, iremos focar a nossa atenção, essencialmente, na variação diatópica, pois é dentro desta que se encontra a variação de língua a nível geográfico.

A LP passou por um período de expansão que lhe permitiu chegar a vários pontos do mundo e foi na interação com outros povos e culturas que sofreu alterações com as trocas linguísticas provenientes desses mesmos povos, permitindo que a língua assumisse diferentes variedades (cf. Dicionário Terminológico⁴), isto é:

- variedade Europeia
- variedade Brasileira
- variedade Africana

De facto, e conforme salientam Cunha e Cintra (2000, p. 9), “[...] o português apresenta-se como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário”. As variedades podem apresentar diferenças ao nível do som, do significado, da escrita e do vocabulário.

Assim, a existência de falantes de outras variedades do português nas nossas escolas, faz “[...] emergir a necessidade de inclusão, em sala de aula, da dimensão cultural, que se evidencia pela sua indissociabilidade da língua” (Pinho & Ançã, 2015, in Ançã & Macário, 2015, p.29).

Salientamos, no entanto, que no âmbito do nosso projeto de intervenção e de investigação, apenas abordaremos a variedade europeia e a variedade brasileira.

O conhecimento das variedades, o valor que lhes é dado e “[...] o interesse pela diferença e pela originalidade de cada postura linguística poderá enriquecer toda a turma e proporcionar às minorias presentes ocasião de se afirmarem” (Reis & Adragão, 1990, p.59), evitando a situação de subvalorização das variedades do português.

De acordo com Reis e Adragão (1990, p.17), ao reportarem-se às finalidades do ensino do português, estes afirmam que se deve ter em atenção “[...] a riqueza da pluralidade da língua e para o seu valor como reflexo da

⁴ <http://dt.dge.mec.pt/>

realidade: «proporcionar a compreensão de ser a língua portuguesa um património nacional e factor de ligação entre povos distintos»”.

Poderemos ainda estabelecer relação com os objetivos dos programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) de Português e de Estudo do Meio. De acordo com o programa de Português consideramos que o objetivo que mais se ajusta ao desenvolvimento de um projeto de intervenção didática no âmbito da LP é o objetivo 20, que indica que os alunos deverão “[a]dquirir um conhecimento reflexivo sobre a língua [...]” (Buesco, Morais & Rocha, 2015, p.6). Por outro lado, o objetivo 10 do programa de estudo do meio indica que os alunos deverão “reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas [...]” (Ministério da Educação, s/d, p.104).

1.2.2 – A Cultura linguística

É no âmbito da SDI, e de acordo com um dos objetivos de intervenção definidos para o projeto, que se pretende “[...] desenvolver a cultura linguística dos alunos bem como preservar e valorizar a diversidade, promovendo-se o respeito pelas variedades existentes” (Curvelo, 2013, p.15).

Desta forma, cultura linguística é “entendida positivamente como o gosto em saber coisas sobre as línguas (suas características, relações, estatutos, peso demográfico e distribuição geográfica), e a capacidade de contactar com outras línguas em situações de comunicação intercultural” (Andrade, Araújo e Sá & Moreira, 2007, p.17)

Para desenvolver a cultura linguística dos alunos, pretendemos desenvolver um conjunto de atividades que nos permitam, de forma didática, abordar a LP e a sua diversidade, explorando alguns aspetos como a sua origem, a forma como se foi expandido pelo mundo, os PLOP e as suas variedades.

O conhecimento da língua é um fator importante para o desenvolvimento da cultura linguística dos alunos (Andrade, Araújo e Sá & Moreira, 2007).

A abordagem ao conceito é importante para viver no mundo plural e cheio de diversidade com que lidamos.

A concepção de cultura linguística no campo da didática das línguas foi, segundo Simões (2006), influenciada pelo modelo de cultura científica. Neste modelo foram identificadas três dimensões: a dimensão dos conhecimentos científicos, a dimensão das atitudes face à ciência e a dimensão das práticas de contacto.

A mesma autora estabelece relação entre as dimensões de cultura científica com as dimensões apontadas nos primeiros estudos elaborados sobre o conceito de cultura linguística, em que eram apontadas as seguintes:

- Dimensão afetiva – atitudes, representações, estereótipos e preconceitos
- Dimensão cognitiva – saberes
- Dimensão comportamental – forma como os sujeitos se relacionam com a realidade.

É ainda referido que não basta identificar as dimensões que constituem o conceito de cultura linguística, é necessário ir mais além e articular essas mesmas dimensões, isto porque a “[...] cultura linguística pode ser modificada, alterada e redefinida, fruto da metamorfose que as suas dimensões podem sofrer, devido a diferentes factores” (Simões, 2006, p.149).

Assim, no âmbito da didática das línguas e após um estudo levado a cabo por Simões (2006), a autora identificou três dimensões essenciais: dimensão cognitiva, dimensão representacional/imagética e dimensão das práticas com as línguas.

Na dimensão cognitiva encontram-se os saberes acerca das línguas e envolve o conhecimento que o aluno pensa possuir sobre as mesmas – conhecimento estimado – e o conhecimento correto – conhecimento efetivo. Na dimensão representacional/imagética encontra-se o contacto estabelecido com outras línguas e as ideias que os alunos têm delas. Na última dimensão, práticas, encontram-se os comportamentos e ações que levam os alunos a contactar, ou não, com outras línguas.

Deste modo, e retomando a articulação que a autora refere ser necessária existir entre as três dimensões, foram identificados os seguintes fatores de influência: “[...] contactos interpessoais, a participação em encontros interculturais

e plurilíngues e o contacto com fontes de diversidade linguístico-cultural [...]” (Simões, 2006, p.381).

1.3 – Da cidadania global à diversidade intralinguística: o papel do professor

Considerando que a escola e o professor ocupam um papel relevante neste âmbito, de seguida, refletiremos sobre a importância do papel do professor.

A diversidade linguística e cultural que caracteriza a sociedade atual não pode ser ignorada pelos educadores / professores, enfatizando-se a necessidade dos mesmos promoverem uma educação intercultural, no âmbito mais abrangente de uma educação para a cidadania global e também de construir “[...] condições que permitam um clima de respeito e valorização da variedade cultural e linguística dos seus alunos” (Sousa, 2012, p. 100).

Desta forma, é importante que os sistemas educativos, as escolas e os educadores / professores assumam um papel preponderante na construção de uma cidadania global para todos e de uma sociedade que respeite a diversidade linguística e cultural. Devem, assim, ser criadas as condições necessárias para que as crianças se tornem, segundo Henriques (2012, p. 17), “[...] cidadãos do mundo [...]” e, ao contactar com a diversidade, estejam recetivas e a respeitem.

Atualmente, e uma vez que os grupos de crianças são cada vez mais heterogéneos, é importante que os professores procurem adaptar as suas práticas a essa mesma heterogeneidade. Isto deve ser feito através de práticas pedagógicas que facilitem a inclusão de todas as crianças, que promovam a partilha, que respeitem as diferentes línguas e culturas e, ainda, que promovam a igualdade de oportunidades.

O convívio com pessoas provenientes de outras culturas e falantes de outras línguas pode trazer benefícios aos alunos pois “[q]uando os alunos estabelecem contactos com outras culturas, outros povos, outras línguas, o processo de ensino-aprendizagem dessas línguas é, de algum modo facilitado.

Os aprendentes entrosam-se na cultura e incluem-na na construção de conhecimento do mundo” (Pinho & Ançã, 2015, in Ançã & Macário, 2015, p.40).

A construção de conhecimento do mundo não diz apenas respeito aos outros, mas também à própria cultura e língua.

Apesar de entendermos que a diversidade linguística e cultural, que caracteriza a sociedade contemporânea, não poder ser ignorada pelos educadores / professores, consideramos que existe, ainda, a necessidade de se realizar um trabalho de reflexão. Este trabalho, fundamental para o crescimento pessoal e profissional de cada um, permite mais facilmente que cada um se adapte às alterações que a sociedade e a comunidade educativa vão sofrendo.

De facto, e tal como afirma Branco (2011, p.2)

“[c]ompreendemos, então, que de pouco significarão orientações legislativas ou até revisões feitas aos programas e materiais didácticos, se os próprios docentes, independentemente da área leccionada, não se consciencializarem da indispensabilidade do desenvolvimento da competência [comunicativa] intercultural, e se não se reconstruírem eles próprios como professores, comunicadores e cidadãos interculturais”.

Na nossa perspetiva, os professores devem, ao longo de toda a sua carreira, procurar atualizar o seu conhecimento e adquirir novas aprendizagens que lhes permitam evoluir, ajudar os seus alunos e a tornarem-se eles próprios cidadãos globais, mais conscientes e sensíveis ao mundo à sua volta e que respeitam e valorizam o outro.

Ao deparar-se com a presença de alunos de outras culturas é necessário que o professor esteja atualizado e possua um profundo conhecimento do mundo e das diferentes culturas, tornando-o mais capaz de explorar e aproveitar essa diversidade como uma mais valia para todos, ajudando mais facilmente os seus alunos a construírem conhecimento sobre o mundo, a compreenderem melhor a complexidade do mesmo e a respeitarem e conviverem de forma pacífica com o outro.

A promoção de uma educação intercultural por parte dos professores deve “[...] estar dirigid[a] não só ao conhecimento, mas também à adoção de atitudes e comportamentos conducentes à aceitação e respeito pela diversidade cultural e social” (Cação, 2012, p.17). É importante que estas atitudes de respeito e valorização do outro e da sua cultura sejam desenvolvidas inicialmente pelo professor, que deve conhecer as culturas (a vários níveis), entendê-las e assim poder transmitir atitudes positivas face às mesmas.

O conhecimento das línguas e culturas, e da sua própria língua e cultura, permite ao professor não só ter um conhecimento mais aprofundado acerca do tema, como compreender possíveis desafios que possam surgir. Um aluno proveniente de um país de língua oficial portuguesa apresenta diferenças não só a nível do registo oral, mas também do registo escrito, uma vez que fala uma variedade da LP. É, então, fundamental que o professor identifique e compreenda que existem diferenças e que estas não apresentam nada de incorreto perante aquela que é considerada a norma-padrão.

Sendo o português a língua materna de muitos povos, detentores de outras culturas, não deve estar sujeita à rejeição ou à existência de atitudes negativas face às suas variedades, pois por vezes surge a tendência de se aproximar ou afastar as variedades da LP, da considerada língua padrão. Tal como referem Reis e Adragão (1990), hoje em dia não existem motivos para considerar uma língua aquela que apenas se aproxima do considerado correto, a língua vale pelo seu valor comunicativo.

Em nenhum dos casos devemos considerar que se fale mais correto, apesar de anteriormente se ter referido que os professores podem incidir mais na norma padrão, não é certo, pois “[n]ada, de um ponto de vista estritamente linguístico, leva a que uma determinada variedade seja preferida como norma de uma língua. Só factores extralinguísticos influem nessa escolha. A variedade proclamada padrão funcionará como língua oficial, de cultura, de ensino.” (Ferreira et al, 1996, citados por Faria et al, 1996, p.483)

Posto isto, é importante que o professor faça, tal como sugere Branco (2011, p.12), uma “descoberta pessoal através da experiência, da reflexão e compreensão crítica do mundo”. A mesma autora refere que esse trabalho dos

professores pode ser feito através da investigação pessoal, como por exemplo, através da investigação “das histórias de vida dos alunos com quem se lida, da própria autobiografia do docente e dos colegas, para se saber quem se é, quem se quer ser, e como e quem são os outros” (2011, p.12).

A abertura ao outro, à sua cultura e língua e à diversidade em geral, não se prende apenas com a promoção de atitudes positivas. É igualmente importante que os professores acreditem “[...] nas vantagens que essa diversidade traz e transportarem para a escola os saberes dos diversos grupos, trabalhando-os, não de forma esporádica e fragmentada, mas contínua, contextualizada e vivenciada” (Leite, 2003, citada por Cação, 2012, p.20).

A diversidade existente nas turmas proporciona a exploração de determinados temas que noutras situações poderiam não ser trabalhados, como é o caso da presença, na turma, de alunos falantes de outras variedades do português.

Para tornar o ambiente educativo mais inclusivo e promover uma abordagem intercultural, os professores e educadores devem, não só ter uma mente aberta a outras culturas, compreendê-las e falar delas, mas também aceitá-las (Cação, 2012). Ao fazê-lo, estamos a preparar os cidadãos para lidar com a diversidade, educando para a interculturalidade, com o intuito de educar para a cidadania global.

Branco (2011), reportando-se a Sequeira (2011), indica que a educação intercultural é fundamental no processo de aquisição da língua, no entanto, questionamo-nos quanto ao modo como o poderemos fazer: através de atividades de ensino/aprendizagem em que se utiliza mais do que uma língua ou cultura para, desde cedo, sensibilizar as crianças para a diversidade do mundo, ou seja, através de atividades de sensibilização à diversidade linguística e cultural.

Na perspetiva de Reis e Adragão (1990), “[m]ais do que perguntar-se «como ensinar?», tem o professor que perguntar-se «a quem ensinar?», consciente de que a língua não é propriedade sua mas de todos os falantes e que, dependendo do estatuto de cada um, assim a execução varia e sugere estratégias diferentes” (Reis & Adragão, 1990, p.15).

Ao ser professor, nomeadamente professor de língua portuguesa, estamos a “[...] partilhar com os alunos a ideia de que trabalhar uma língua é desvendar uma herança cultural, é caminhar no sentido da identidade dos que a falam” (Reis & Adragão, 1990, p.85).

É por isso importante, desde cedo, abordar questões referentes a língua para desta forma motivar os alunos a descobrir mais e assim valorizar a riqueza da sua própria língua. Ao aprofundar conhecimento acerca da nossa língua materna estamos a descobriremo-nos enquanto cidadãos detentores uma grande riqueza linguística mas que por vezes é “[...] uma realidade um pouco esquecida pela comunidade de falantes [...]” (Sousa, 2012, p.100).

Síntese

O presente capítulo revelou-se essencial para o nosso trabalho uma vez que nos permitiu aprofundar o tema da Sensibilização à Diversidade Intralinguística no qual desenvolvemos o projeto de intervenção e investigação, possibilitando-nos uma melhor compreensão do problema com o qual nos deparámos.

Para poder ter uma intervenção ajustada ao contexto, é necessário ter conhecimento acerca do tema a trabalhar, pelo que a revisão de literatura se constitui a base que suportou o nosso conhecimento teórico.

Capítulo 2 – Metodologia de investigação

Introdução

Depois de no capítulo anterior fundamentarmos teoricamente o nosso projeto de intervenção e de investigação, serve o presente capítulo para apresentar a caracterização do contexto de intervenção onde foi implementado o projeto e respetivos intervenientes. Serão descritas as sessões desenvolvidas e de seguida será dada a conhecer a metodologia de investigação utilizada no referido projeto, bem como as técnicas e instrumentos de recolha de dados que foram utilizados no decurso da implementação do mesmo.

2.1 - Caracterização do contexto de intervenção

De acordo com o quadro organizacional da Prática Pedagógica Supervisionada, no decorrer da fase 1 (23 de janeiro a 8 de fevereiro), tal como já referimos, ocorreu a observação do contexto educativo e a caracterização da realidade pedagógica.

Ao elaborar a caracterização da realidade pedagógica, na qual nos encontrávamos a realizar as atividades de PPS, nomeadamente ao nível da escola e da turma, identificámos aspetos que considerámos importantes e que justificavam a pertinência de desenvolvermos um projeto de sensibilização à diversidade intralinguística da língua portuguesa nesse mesmo contexto.

Ao nível da escola, foram definidos, no projeto educativo, vários objetivos, dos quais destacamos apenas um e que se refere à necessidade de trabalhar as várias dimensões da cidadania, nomeadamente, promover atitudes inclusivas, desenvolvendo um espírito de respeito pela diferença.

Segundo a Declaração de Maastricht sobre Educação Global (2002), as várias dimensões globais da Educação para a Cidadania, referenciadas por Cabezero et al (2010), são as seguintes:

- ✓ A Educação para o Desenvolvimento
- ✓ A Educação para os Direitos Humanos
- ✓ A Educação para a Sustentabilidade
- ✓ A Educação para a Paz e Prevenção de Conflitos
- ✓ A Educação Intercultural

Desta forma, e uma vez que estamos integrados numa sociedade cada vez mais diversificada, é necessário que a educação, nomeadamente a educação para a cidadania global, permita desenvolver nos indivíduos valores de respeito pelo outro como cidadão. Uma vez que o contexto educativo, no qual dinamizámos as nossas atividades de PPS, apresentava diversidade linguística e cultural, considerámos que seria relevante darmos particular atenção à dimensão da Educação Intercultural.

A nível da turma, o nosso projeto de intervenção e de investigação foi desenvolvido numa turma do 2.º ano de escolaridade de uma escola de 1.º ciclo do ensino básico, pertencente a um Agrupamento de Escolas do distrito de Aveiro.

A turma era constituída por 26 alunos dos quais 14 eram raparigas e 12 rapazes e com uma faixa etária situada nos 7/9 anos, tal como se pode verificar na seguinte tabela:

Género	Idade			Total
	7 anos	8 anos	9 anos	
Feminino	7	7	0	14
Masculino	3	8	1	12
Total	10	15	1	26

Tabela 1 - Distribuição do número de alunos de acordo com a idade e género⁵

A maioria dos alunos era de nacionalidade portuguesa à exceção de três, dos quais um tinha nacionalidade brasileira, um nacionalidade russa e outro nacionalidade chinesa. Considerou-se, por isso, que a turma em causa apresentava características de diversidade linguística e cultural e foi neste sentido que desenvolvemos um projeto que visava abordar a diversidade com incidência na diversidade linguística.

⁵ Dados atualizados de junho de 2017

Os alunos de nacionalidade russa e chinesa, por serem alunos com Português Língua Não Materna, integravam um programa de apoio à Língua Portuguesa. Havia ainda cinco alunos que integravam o projeto Ancoragem que tinha como objetivo melhorar a qualidade das aprendizagens dos alunos, a nível das competências de leitura e escrita, e diminuir o insucesso escolar no 1.º ciclo, nomeadamente a taxa de retenção no 2.º ano. Este projeto, uma vez que era realizado em pequenos grupos, permitia ao professor do apoio realizar um apoio mais individualizado tendo em conta as dificuldades dos alunos.

Quanto às habilitações académicas dos pais, foi feita uma consulta aos processos individuais dos alunos, o que nos permitiu verificar que estas variavam entre o 4.º ano do Ensino Básico e a pós-graduação, sendo que a maioria dos pais possuía o 12.º ano ou uma licenciatura, tal como se pode verificar no gráfico 1.

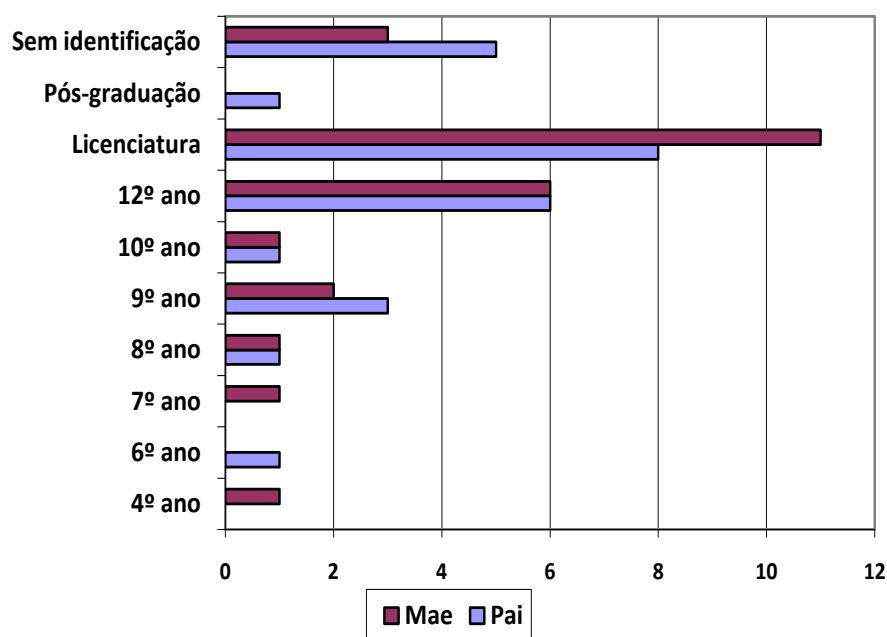


Gráfico 1 - Habilitações académicas dos pais

A rotina da turma seguia um horário no qual se encontravam distribuídas as diferentes áreas curriculares ao longo do dia e da semana, de acordo com a carga horária estipulada para cada área, tal como se pode verificar na Tabela 2.

	2ª-feira	3ª-feira	4ª-feira	5ª-feira	6ª-feira
09:00 - 10:30	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11:00 - 12:30	Matemática	Português	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Matemática
14:00 - 15:00	Apoio ao estudo	Matemática	Oferta Complementar	Português	Apoio ao estudo
15:00 - 16:00	Expressões	Expressões	Expressões	Português	Expressões

Tabela 2 - Horário da turma

Foi com base na organização do horário da turma que planeámos o projeto de intervenção e de investigação, procurando articular os objetivos que definimos para o nosso projeto com as diferentes áreas curriculares de forma interligada.

2.2 – Descrição do projeto de intervenção e investigação

Depois de caracterizado o contexto no qual foi implementado o nosso projeto de intervenção e investigação, importa agora fazer a apresentação do mesmo. O projeto desenvolveu-se ao longo de 5 sessões realizadas entre o dia 19 de abril e o dia 10 de maio de 2017, tal como podemos verificar no quadro 2.

Sessão / Data	Atividades
Sessão 1 19 de abril	<ul style="list-style-type: none"> • Exploração da obra “Esta língua portuguesa”; • Identificação de características da Língua Portuguesa; • Identificação de alguns Países de Língua Oficial Portuguesa.
Sessão 2 19 de abril	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de todos os PLOP <ul style="list-style-type: none"> ○ Localização no mapa ○ Identificação e localização dos respetivos continentes.
Sessão 3 19 de abril	<ul style="list-style-type: none"> • Análise de gráficos com o número de falantes de Língua Oficial Portuguesa no mundo.
Sessão 4 3 de maio	<ul style="list-style-type: none"> • Abordagem à Língua Portuguesa: variedade europeia e variedade brasileira. • Realização de uma ficha com a exploração de excertos da obra: S.O.S. Tartarugas Marinhas.
Sessão 5 10 de maio	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo de correspondência de palavras entre a variedade europeia e brasileira

Quadro 2 - Organização das sessões do projeto

Antes de começarmos a implementar o nosso projeto, solicitámos aos alunos que preenchessem um inquérito por questionário com vista a recolhermos dados acerca dos seus conhecimentos sobre a Língua Portuguesa e sobre aspetos relacionados com o projeto que pretendíamos desenvolver posteriormente. A identificação dos conhecimentos prévios dos alunos foi fundamental para a planificação das atividades a serem desenvolvidas. No final da nossa intervenção, solicitámos novamente aos alunos que voltassem a preencher o inquérito por questionário, apesar de termos introduzido ligeiros ajustes, de modo a recolher dados que nos permitissem compreender melhor quais os efeitos da nossa intervenção no desenvolvimento da cultura linguística dos alunos. Estes inquéritos por questionário, inicial e final, foram passados nos dias 4 de abril de 2017 e 17 de maio de 2017, respetivamente. Todas as sessões foram vídeogravadas de modo a permitir-nos recolher indícios que pudessem ser reveladores de atitudes e valores desenvolvidos pelos alunos ao nível do respeito pelo outro e da valorização da LP na sua diversidade.

2.2.1 - Sessão 1 – 4 de abril de 2017

A sessão 1 teve a duração de 90 minutos e com esta sessão pretendíamos que os alunos identificassem: (i) algumas características da Língua Portuguesa (por exemplo: o facto de ser uma língua antiga, ter o latim na base da sua origem, ter-se expandido por vários países, ser falada de maneira diferente nos vários países), e (ii) Países de Língua Oficial Portuguesa. Pretendíamos ainda que os alunos soubessem como a Língua Portuguesa se expandiu pelo mundo e a valorizassem.

Tendo por base a análise preliminar que efetuámos aos dados recolhidos a partir do questionário inicial, começámos por explorar oralmente aspetos da Língua Portuguesa que a caracterizam como sendo a língua oficial de um país.

De seguida, questionámos os alunos quanto ao que julgavam saber acerca da LP e em simultâneo fomos registando as suas ideias no quadro branco. Para que os alunos pudessem realizar novas descobertas acerca da LP, propusemos a exploração da obra “Esta língua portuguesa” de José Jorge Letria, tendo sido a

mesma previamente adaptada por nós, selecionando apenas os excertos considerados relevantes para o projeto, isto é, os excertos que nos permitissem identificar características da Língua Portuguesa e alguns países de língua oficial portuguesa (anexo 1).

À medida que íamos lendo a obra, fomos explorando o seu conteúdo, através de questões que fomos colocando aos alunos, continuando a registar no quadro as suas ideias e respostas.

Tendo por base a exploração do conteúdo da obra, sempre que surgia uma nova descoberta acerca da LP, os alunos iam fazendo o registo numa folha de registo das atividades, utilizada ao longo das 2 primeiras sessões.

No final, sistematizámos as descobertas realizadas sobre a LP, tal como se pode verificar na Figura 2.

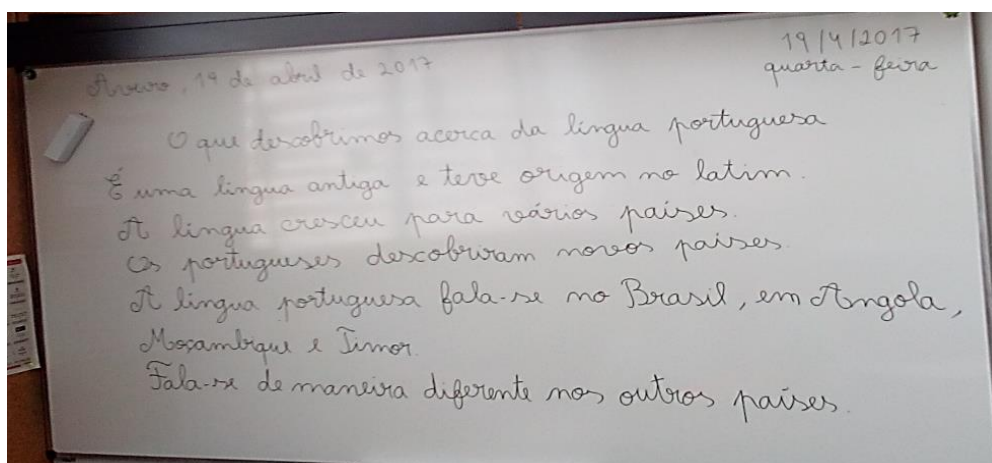


Figura 2 - O que descobrimos acerca da língua portuguesa

2.2.2 - Sessão 2 – 19 de abril de 2017

A sessão 2 também teve a duração de 90 minutos e com esta sessão pretendíamos que os alunos não só conhecessem todos os Países de Língua Oficial Portuguesa, mas também que fossem capazes de os localizar no mapa juntamente com os respetivos continentes.

Começámos, juntamente com os alunos, por identificar novamente quais os PLOP que conhecíamos e perguntámos se achavam que existiriam mais PLOP para além daqueles que identificámos.

Para que pudéssemos, então, descobrir outros PLOP, dissemos aos alunos que íamos visualizar um vídeo. O vídeo mostrava todos os PLOP e a sua localização sendo que solicitámos aos alunos que, à medida que iam visualizando o vídeo, fossem identificando os países que estavam em falta. Depois de identificados todos os países, conversámos com os alunos acerca do facto de cada um dos países estar inserido num continente. Deste modo, fizemos uma breve abordagem ao conceito de continente, quais os continentes que existem e a sua localização, com recurso a uma imagem projetada no quadro interativo. No momento seguinte, tentámos que os alunos associassem cada país a um continente e, assim, à medida que assinalávamos a localização de um PLOP, pedíamos aos alunos que tentassem identificar o respetivo continente. A informação foi registada no quadro branco e nas folhas de registo dos alunos.

No final, distribuímos a cada um dos alunos um mapa do mundo para que fizessem a legenda de cada um dos PLOP de acordo com a sua localização.



Figura 3 - Mapa com os países de língua oficial portuguesa

2.2.3 - Sessão 3 – 19 de abril de 2017

Com a sessão 3, que teve a duração de 60 minutos, pretendíamos que os alunos ficassem a conhecer o número de falantes de LP em cada um dos PLOP, bem como o facto de ser uma das línguas mais faladas no mundo.

Uma vez exploradas algumas características da LP, retomámos uma das questões do questionário inicial, na qual solicitávamos aos alunos que nos

indicassem quantas pessoas no mundo, na perspetiva dos mesmos, falavam a LP, a partir de um leque de opções dado.

Com o intuito de articular os conteúdos do projeto de intervenção e de investigação com outros conteúdos curriculares, nomeadamente da área curricular disciplinar de matemática, procedemos à construção de um gráfico de barras para representar o número de falantes de LP em cada um dos PLOP, tal como se pode verificar na Figura 4.

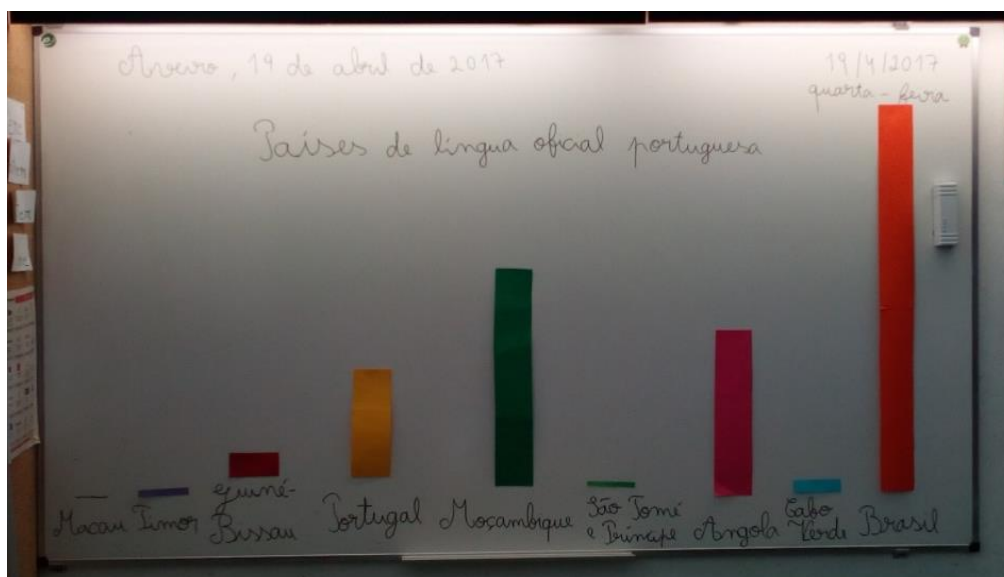


Figura 4 - Falantes dos países de língua oficial portuguesa

Antes da sessão terminar analisámos em conjunto um outro gráfico no qual foi possível verificar que a LP era uma das 10 línguas com maior número de falantes no mundo.

2.2.4 - Sessão 4 – 3 de maio de 2017

Com a sessão 4, que teve a duração de 90 minutos, pretendíamos que os alunos reconhecessem o português do Brasil como uma das variedades da língua portuguesa, conhecessem palavras e expressões do português na variedade brasileira e comparassem essas palavras e expressões nas variedades europeia e brasileira.

Começámos por afixar no quadro um conjunto de palavras na variedade brasileira e perguntámos aos alunos se sabiam em que língua se encontravam bem como o seu significado.

Depois de termos verificado que se tratava da LP, mas numa variedade diferente da europeia, perguntámos ao aluno de nacionalidade brasileira se conhecia o significado das palavras apresentadas e se nos poderia mostrar como se pronunciavam no Brasil.

Para descobrir o significado de cada uma das palavras afixámos, no quadro branco, um conjunto de imagens para que os alunos pudessem fazer a correspondência entre as imagens e as palavras nas duas variedades, tal como se pode observar na figura 5.



Figura 5 - Palavras na variedade europeia e brasileira da língua portuguesa

Na realização desta atividade, contámos com a ajuda do aluno de nacionalidade brasileira. Foi na exploração das palavras, e seus significados, que um aluno interveio no sentido de constatar a importância daquele momento para ajudar o aluno de nacionalidade brasileira a compreender as palavras na variedade europeia da LP, tal como se pode verificar no seguinte excerto:

**Excerto retirado da transcrição da videogravação do dia 3 de maio de
2017:**

Joel: *Estamos a meter as palavras para o António (Aluno brasileiro) perceber.*

Rui: *Pois porque nós já sabemos
(...)*

Susana: *Ora muito bem. Ouviste o que o Joel disse António?
(...)*

Susana: *Muito bem, que é para tu veres como é que se escreve em português e como é que se diz em português. (Dirigindo-se ao aluno brasileiro)
Nós, para além de estarmos a aprender palavras em português do Brasil, estamos a ajudar...*

Rui: *Estamos a ensinar*

Joel: *O António a perceber palavras de Portugal.*

Susana: *Português de Portugal, muito bem.*

Destacamos este momento uma vez que nos permitiu consciencializarmos da importância de abordarmos as duas variedades de igual forma, sem dar particular destaque a nenhuma delas. Este momento permitiu-nos planificar a última sessão de uma forma mais refletida e consciente da importância que tem a abordagem das duas variedades na turma.

No momento seguinte, distribuímos uma folha com excertos na variedade europeia e na variedade brasileira para que, através da sua análise, os alunos fossem capazes de identificar, por comparação, quais as diferenças encontradas.

Por fim, foi distribuída uma ficha com um conjunto de exercícios que envolviam as duas variedades trabalhadas: a brasileira e a europeia.

As frases selecionadas foram retiradas da obra “S.O.S. Tartarugas Marinhas” de Rogério Andrade Barbosa, que havia sido trabalhada anteriormente pela minha colega de estágio no âmbito do seu projeto de intervenção e de investigação. A escolha das frases teve como finalidade abordar as diferenças existentes entre as duas variedades, nomeadamente quanto à grafia, ao som e ao significado.

2.2.5 - Sessão 5 – 10 de maio de 2017

A sessão 5 teve a duração de 90 minutos e deu continuidade à sessão anterior. Nesta sessão realizámos um novo jogo com os alunos que tinha como finalidades: identificar as variedades em que se encontravam as palavras, pronunciá-las e encontrar a palavra correspondente na outra variedade e identificar as diferenças entre elas. Para jogarmos este jogo distribuámos a cada aluno 2 cartões. Os cartões podiam conter palavras na variedade brasileira ou europeia ou ainda imagens representativas das palavras nas duas variedades. Depois de distribuídos os cartões pelos alunos fomos pedindo a cada um dos alunos para escolher um dos seus cartões, identificando a palavra ou a imagem contida no cartão. Quando o cartão escolhido pelo aluno tinha uma palavra, o mesmo tinha de identificar em que variedade da LP se encontrava a palavra. De seguida, pedíamos aos alunos que julgassem ter o cartão correspondente na outra variedade para colocar o dedo no ar, mostrando o respetivo cartão aos colegas e explicando o motivo pelo qual pensavam ser aquela a palavra correspondente. Conforme iam surgindo novas palavras, desafiámos os alunos a pronunciá-las nas duas variedades e sempre que necessário solicitávamos a ajuda do aluno de nacionalidade brasileira.

Durante a realização do jogo pretendíamos que os alunos distinguíssem as palavras nas respetivas variedades, associando-as entre si e à imagem correspondente tal como se pode observar na figura 6.

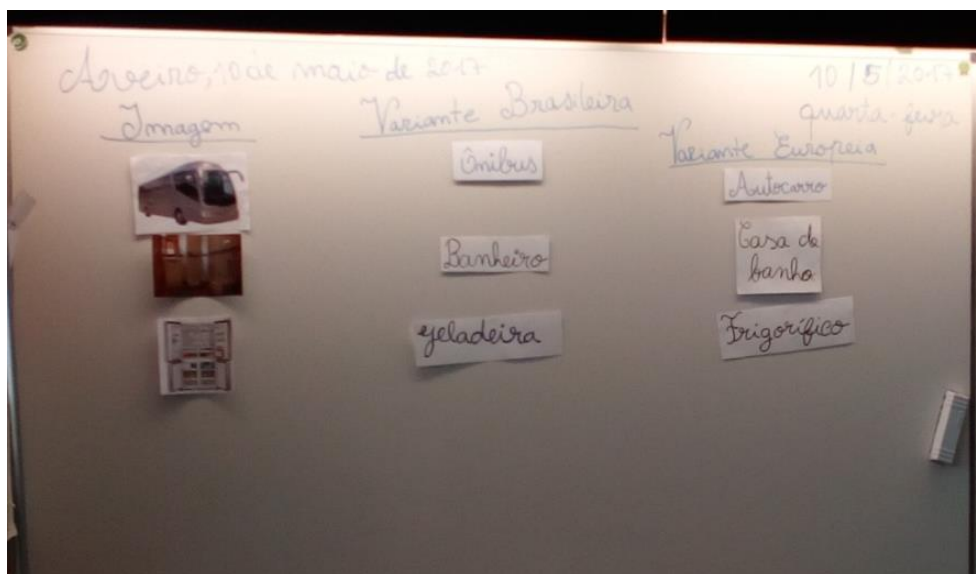


Figura 6 - Jogo de correspondência de palavras e imagens

À medida que fomos identificando as palavras, procurámos descobrir as diferenças existentes entre as duas variedades, nomeadamente quanto ao som, grafia e significado. Após refletirmos em conjunto acerca destes aspetos o aluno que tinha o cartão ia ao quadro colocá-la no local apropriado.

Para esta sessão, havia sido planificado um momento de balanço das aprendizagens efetuadas pelos alunos acerca da língua portuguesa. Uma vez que não foi possível realizá-lo durante a sessão, o balanço foi efetuado noutro momento e permitiu constatar quais os conhecimentos globais, com que ficaram os alunos acerca da língua portuguesa, após a implementação do projeto.

2.3 Metodologia de investigação: investigação-ação

Uma das competências que devemos desenvolver, a nível da autonomia e parceria na aprendizagem, é a capacidade de reflexão sobre a nossa ação pedagógica e o nosso desenvolvimento profissional e pessoal, com abertura à mudança e à transformação. Desta forma, a metodologia de investigação utilizada no âmbito do nosso projeto foi a investigação-ação pois, segundo Coutinho (2011, p.313), “[a] Investigação-Ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem acção (ou mudança) e investigação

(ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre a acção e reflexão crítica”.

Do processo em espiral fazem parte os seguintes ciclos que caracterizam a investigação-ação, tal como se pode verificar na figura que se segue.

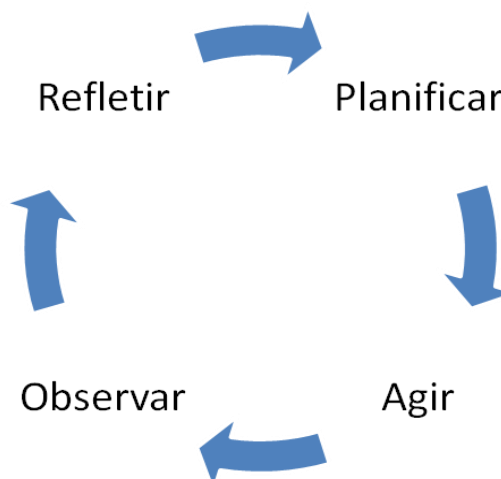


Figura 7 - Ciclos da investigação-ação

(Fonte: Latorre, 2003, p.32)

Consideramos que a metodologia de investigação-ação vai ao encontro do que é esperado que nós, enquanto alunos futuros professores, sejamos capazes de desenvolver na nossa prática com a implementação de um projeto de intervenção e de investigação, pois é através deste que somos capazes de “compreender, melhorar e reformar práticas” (Coutinho, 2011, p. 316) através da reflexão.

Para que este processo reflexivo ocorra, é necessário que um professor esteja ligado a uma prática pois só assim pode planificar, agir, observar e avaliar o resultado da sua ação, para assim a poder melhorar.

Máximo-Esteves (2008) refere ainda que “A investigação-acção parte do pressuposto de que o profissional é competente e capacitado para formular questões no âmbito da sua prática, para identificar objetivos a prosseguir e escolher estratégias e metodologias apropriadas, para monitorizar tanto os processos e os resultados” (Máximo-Esteves, 2008, p.9-10).

A adequação desta metodologia verifica-se uma vez mais pois a PPS, em articulação com SOE, pressupõe a planificação, conceção e implementação de

um projeto (de investigação-ação) que visa dotar o aluno futuro professor de competências e capacidades de formulação de uma questão para identificar problemas emergentes da prática.

Importa, assim, mencionar que um projeto de investigação-ação recai sob a prática do próprio professor, isto é “[e]m vez de aplicarem conhecimentos gerados por outros, fora das suas práticas lectivas, os professores devem fazer da prática docente o seu objecto de reflexão. Na investigação-acção, os professores são investigadores das suas próprias práticas [...]” (Filipe, 2004, citada por Oliveira, Pereira & Santiago, 2004, p.112). Foi neste sentido que planificámos o nosso projeto de intervenção e de investigação, tendo em consideração aquilo que queríamos saber, planificando e construindo um conjunto de atividades que nos permitissem compreender de que modo estas sensibilizariam os alunos para a diversidade intralinguística da LP, contribuindo para o aumento da sua cultura linguística, para o respeito pelo outro e valorização da LP na sua diversidade.

Depois de implementado o projeto, avaliámos a nossa prática como professoras investigadoras na qual agimos, refletimos e voltamos a agir novamente de forma melhorada, fruto dessa mesma reflexão, verificando-se assim o processo cíclico que caracteriza a investigação-ação.

O envolvimento dos professores em projetos de investigação-ação para a mudança, apresenta determinados benefícios, tal como Máximo-Esteves (2008) nos dá a conhecer através de investigações levadas a cabo por Zeichner. Os benefícios podem ocorrer nomeadamente a nível pessoal e profissional:

- a nível pessoal os ganhos dizem respeito à autoestima e autoconfiança;
- a nível profissional os ganhos referem-se à capacidade de autoanálise, à melhoria nas interações com outros professores, à maior capacidade de prestar atenção aos problemas dos alunos e ainda à aprendizagem centrada nos alunos.

Os problemas dos alunos, aqui referidos, podem não ser necessariamente um problema. O professor, ao prestar maior atenção aos seus alunos e ao interpretar com outro olhar os seus problemas, torna-se capaz de distinguir um

problema de algo que advém do facto dos alunos serem provenientes de meios linguística e culturalmente diferentes.

A existência de um “problema” pode tornar-se um desafio que pode ser vantajoso no contexto escolar, como por exemplo o desenvolvimento de um projeto no âmbito da sensibilização à diversidade linguística e cultural.

Entendemos então que existe uma relação entre professor-aluno-conhecimento:

- professor, que reflete sobre as suas práticas, melhorando-as e obtendo ganhos a vários níveis;
- aluno, que vê recair sobre si uma maior atenção;
- conhecimento, que o professor detém e que, ao refletir acerca das suas práticas, vai reconstruí-lo e aprofundá-lo, ganhando novo conhecimento com vista a uma mudança e melhoria dessas mesmas práticas, e o que o próprio aluno vai adquirindo ao longo de todo o processo.

Ao apresentar uma relação entre professor, aluno e conhecimento, podemos estabelecer uma ponte com o triângulo de Lewin (1946) apresentado por Latorre (2003), pois este “contempla la necesidad de la investigación, de la acción y de la formación como tres elementos esenciales para el desarrollo profesional” (Latorre, 2003, p. 24). Os três elementos estão assim interligados entre si e apresentam o processo reflexivo, tal como se pode verificar na figura 8.



Figura 8 - Triângulo de Lewin

(Fonte: Latorre, 2003, p.24)

A relação que estabelecemos entre professor, aluno e conhecimento pode verificar-se pelo facto de ser o professor que age (sobre o contexto e sobre os alunos), com vista à melhoria da sua ação, passando por um processo de formação. Em todo este processo também os alunos vêem o seu processo de formação ser alterado em função da reflexão que o professor fez da sua prática.

Poderemos ainda estabelecer ligação entre os elementos do triângulo de Lewin e os objetivos da Investigação-Ação referidos por Máximo-Esteves (2008) quando refere que o conceito (de Investigação-Ação) é complexo devido à “[...] natureza dos seus objetivos, que se inscrevem em diversos patamares: agir e investigar a acção para a transformar; formar na acção transformando-a; investigar a transformação para reconstruir o conhecimento praxeológico” (Máximo-Esteves, 2008, p.11).

O professor desenvolve uma determinada ação que é alvo de uma investigação com vista à mudança dessa mesma ação. Ao investigar e refletir sobre as suas práticas, o professor está ao mesmo tempo a formar-se e a aprofundar o seu conhecimento sobre a sua prática, procurando analisá-la, tendo por base as seguintes questões orientadoras da reflexão: “como fiz?”, “porque fiz?”, “com que objetivo?”, “como fazer para melhorar?”, “que implicações tem na minha prática?”.

O ciclo de investigação-ação é contínuo e não encerra aquando da fase de reflexão, pois também esta pode ser o ponto de partida para um novo ciclo.

No futuro iremos trabalhar noutros contextos, possivelmente com grande diversidade linguística e cultural, e para o qual já estamos instruídos e dotados de um olhar diferente daquele que tínhamos antes do projeto de intervenção e de investigação. Contudo, a adequação de um projeto em determinado contexto pode não obter os mesmos efeitos quando aplicado num contexto diferente. Por isso é necessário estar em constante reflexão, analisando as situações e pessoas, para desta forma ter uma ação mais eficaz e adequada.

2.4 – Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Apresentadas as características de um projeto de investigação-ação, pretendemos agora “[...] dar informação sobre os procedimentos gerais usados na pesquisa empírica, os instrumentos utilizados e relatar a forma como os dados foram recolhidos” (Coutinho, 2011, p. 219).

Para recolher informação, que nos permitisse refletir acerca da ação desenvolvida ao longo do projeto, foi necessário definir quais as técnicas e instrumentos de recolha de dados a utilizar.

Pardal e Correia (1995, p.48) referem-se às técnicas de recolha de dados como sendo “um instrumento de trabalho que viabiliza a realização de uma pesquisa, um modo de se conseguir a efectivação do conjunto de operações em que consiste o método, com vista à verificação empírica [...]”.

A seleção das técnicas e instrumentos de recolha de dados é importante num projeto de investigação-ação pois “[o] investigador tem que ir recolhendo informação sobre a sua própria acção ou intervenção, no sentido de ver com mais distanciamento os efeitos da sua acção [...]” (Coutinho, 2011, p.317).

Na mesma perspetiva, Latorre (2003, p. 53), acrescenta que “[l]a recogida de datos constituye un momento importante dentro de la fase de la observación del ciclo de investigación-acción. El investigador precisa de recoger información sobre la intervención o acción para ver qué consecuencias o efectos tiene su práctica educativa”. Ao recolher dados asseguramos a existência de informação para analisar e refletir, e assim verificar quais os efeitos que as nossas ações tiveram na prática.

Ao refletir sobre a nossa própria ação, de forma distanciada, procuramos compreender as ações, pois podemos constatar que determinada abordagem não foi clara ou a forma como se explorou uma questão não obteve o resultado esperado num determinado momento.

Quando implicados na ação, poderá ser mais difícil monitorizar a simultaneidade de situações emergentes da mesma, como por exemplo: uma situação em que um aluno tenha dito algo que não foi valorizado no momento. Dado todo um conjunto de ações características de uma sala de aula, o facto não

ter sido valorizado no momento faz com que se tenha perdido a oportunidade de explorar algo que poderia vir a ser pertinente no contexto.

A recolha de dados deve ser definida, cuidada, permitir uma análise detalhada e, através da informação obtida, verificar se conseguimos responder à questão de investigação, tal como apontam Pardal e Correia (1995, p.49) ao referir que “[a] resposta ao problema resulta do estabelecimento de relações entre a informação – recolhida através da aplicação de técnicas adequadas, e tratada, segundo técnicas de análise próprias [...]”.

Para além de verificar se conseguimos responder à questão de investigação, a recolha de dados permite-nos verificar quais os objetivos atingidos, o que poderia ter sido melhorado e como, e assim refletir acerca de todo o trabalho realizado durante o projeto de intervenção e de investigação. Desta forma, selecionámos as seguintes técnicas e instrumentos de recolha de dados, conforme se pode ver no quadro seguinte:

Sessão / Dia	Técnicas e instrumentos de recolha de dados	
4 de abril	Inquérito por questionário dirigido aos alunos	
Sessão 1	<ul style="list-style-type: none">Folha de registo dos alunos	<ul style="list-style-type: none">Observação participanteNotas de campo reflexivasVídeo gravação
Sessão 2		
Sessão 3		
Sessão 4	<ul style="list-style-type: none">Ficha de trabalho	
Sessão 5		
17 de maio	Inquérito por questionário dirigido aos alunos	

Quadro 3 - Técnicas e instrumentos de recolha de dados

O inquérito por questionário foi passado aos alunos em dois momentos distintos: o questionário inicial, antes da implementação do projeto e o questionário final, após a implementação do projeto.

O questionário inicial (Anexo 2), passado a 4 de abril de 2017, teve como objetivos: identificar as perceções/ conhecimentos dos alunos quanto à Língua

Portuguesa no mundo e ainda identificar as práticas de contacto dos mesmos com línguas e/ou variedades. Este questionário foi construído com a finalidade de nos orientar, posteriormente, na planificação das atividades a desenvolver em cada uma das sessões, conforme já tivemos oportunidade de referir.

No final da intervenção voltámos a passar o mesmo questionário, tendo-se introduzindo apenas alguns ajustes, ou seja, do questionário inicial para o questionário final retirámos a questão 2 e as questões 7 e 8 relacionadas com as práticas de contacto com os PLOP e as línguas que os alunos consideravam que eram faladas nesses mesmos países, e acrescentámos ainda no questionário final uma nova questão (questão 4.1. Se respondeste que a língua portuguesa se fala de forma diferente nos vários países, indica as diferenças que conheces.). Por este motivo a numeração das questões do questionário inicial para o questionário final sofreu alterações, tal como se pode constatar no quadro 4. Assim, o questionário final (Anexo 3) foi passado aos alunos no dia 17 de maio de 2017 e teve como objetivo recolher dados que nos permitissem verificar o contributo do projeto ao nível da cultura linguística dos alunos e assim “[e]valuar el efecto de una intervención cuando es inapropiado conseguir *feedback* de outra manera” (Latorre, 2003, p. 66).

Objetivos gerais	Objetivos específicos	Questões	
		Questionário inicial	Questionário final
Identificar as percepções e conhecimentos dos alunos acerca da utilidade da língua e da língua portuguesa no mundo	Identificar as línguas que os alunos consideram saber falar	1	1
	Identificar falantes de outras línguas existentes na turma e a respetiva língua falada por esses falantes	3 3.1	2 2.1
	Identificar países em que se fala a LP	4 4.1	3 3.1
	Referir a forma de falar a língua portuguesa noutros países (igual, diferente)	5	4 4.1
	Identificar as percepções dos alunos quanto ao número de falantes de LP no mundo	6	5
	Identificar as perspetivas dos alunos quanto à origem da LP	9	6

Quadro 4 - Objetivos dos questionários

Os produtos escritos dos alunos dizem respeito aos trabalhos por eles redigidos, nomeadamente, a folha de registo utilizada nas duas primeiras sessões, em que os alunos faziam o registo das suas aprendizagens, e a ficha de trabalho realizada na sessão 4, para consolidação de aprendizagem feitas ao longo da sessão. Os produtos foram sendo realizados em conjunto ao longo das sessões pelo que consideramos serem fontes de informação complementar.

Quanto à observação participante, enquanto técnica de recolha de dados “[...] permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto. *Contexto* é o conjunto das condições que caracterizam o espaço onde decorrem as acções e interacções das pessoas que nele vivem” (Máximo-Esteves, 2008, p.87). Assim, ao longo de todo o projeto de intervenção e de investigação, utilizámos a observação participante uma vez que nos permitiria conhecer a realidade em que estávamos a trabalhar e para podermos fazer facilmente uma descrição mais precisa do que aconteceu, como e porquê.

Na observação participante, o observador, neste caso professor investigador, “vive a situação, sendo-lhe, por isso, possível conhecer o fenómeno em estudo a partir do interior” (Pardal & Correia, 1995, p.50).

Da observação participante advêm as notas de campo reflexivas que fizemos em cada uma das sessões e que podem incluir registos das ações e interações das pessoas e também material reflexivo, ou seja notas reflexivas de ideias e interpretações de situações que decorreram da observação e que julgamos serem importantes.

As notas de campo assumem um carácter pessoal pois nelas o investigador faz o “[...] relato escrito daquilo que [...] ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.150). Ao fazer o relato da nossa experiência, referimos o que para nós teve mais importância ou que considerámos como sendo um destaque e que poderá ser pertinente no desenvolvimento do projeto. As notas de campo podem ainda apresentar os receios do investigador que ao refletir sobre estes poderá vir a alterar a sua prática com intuito de melhorar o seu desempenho profissional em benefício da aprendizagem dos alunos.

Bogdan e Biklen (1994, p.166) referem ainda que por mais que se tente evitar, os investigadores têm sempre alguns pressupostos acerca dos sujeitos e situações de estudo, pelo que acabam por revelar sempre um pouco do lado pessoal através de “[...] opiniões, crenças, atitudes e preconceitos, e tentam revelá-los reflectindo sobre a sua maneira de pensar expressa nas notas”. Importa assim referir que, ao redigir as notas de campo, é necessário ter cuidado com a reflexão e relato que se faz para não emitir juízos de valor acerca do acontecimento, ação ou discurso. Pode ainda dar-se o caso de existir um confronto entre aquilo que se pensa inicialmente e aquilo com que nos deparamos, pelo que as notas de campo são importantes para revelar o que realmente acontece ao longo do projeto.

A vídeogravação permitiu gravar todos os diálogos ao longo das sessões, contextualizando o que foi dito num determinado momento, possibilitando a sua consulta sempre que necessário. A utilização da vídeogravação como instrumento de recolha de dados durante as sessões do projeto pressupõe a existência de um conjunto de questões éticas a ter em consideração. Inicialmente foi assegurado o consentimento informado, por parte dos encarregados de educação, que no início do ano letivo autorizaram, formalmente, a utilização de imagem e vídeo.

Outra questão a ter em conta relativamente à utilização dos dados diz respeito a “[...] assegurar o direito à privacidade, protegendo o anonimado dos intervenientes através do recurso a denominações fictícias [...]” (Máximo-Esteves, 2008, p.107). Deste modo foram alterados os nomes dos alunos, salvaguardando a sua identidade.

Capítulo 3 - Apresentação, análise e interpretação dos dados

Introdução

Apresentado o contexto no qual foi implementado o projeto de intervenção e investigação, a descrição das sessões e a metodologia utilizada, importa agora procedermos à identificação da técnica de análise de dados e respetivo *corpus* de análise. Ainda neste capítulo serão apresentados, analisados e interpretados os dados recolhidos no decurso do nosso projeto de intervenção e de investigação, permitindo-nos refletir acerca dos efeitos que as atividades que desenvolvemos tiveram nos alunos e verificar se atingimos os objetivos definidos.

Os dados encontram-se organizados tendo por base os questionários, inicial e final, na qual se seguiu a ordem das questões selecionadas para a análise. De seguida, é apresentada a análise de dados feita a partir das transcrições das vídeogravações.

Por último, sintetizamos toda a análise dos dados fazendo um balanço geral dos mesmos.

3.1 - Técnica de análise de dados: análise de conteúdo

Sendo o presente capítulo destinado à apresentação, análise e interpretação dos dados, importa agora referir o que se entende por análise de dados.

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.205), “[a] análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de [...] materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou”.

Para proceder à análise dos dados, é necessário definir qual a técnica a ser usada. Assim, definimos como técnica de análise de dados a análise de conteúdo, por ser aquela que nos proporciona uma interpretação dos dados elevando-os a um nível de interpretação superior àquele que é feito numa análise mais superficial. A interpretação permite-nos inferir acerca daquilo que não está obviamente explícito (Bardin, 1994; Coutinho, 2011).

De acordo com Coutinho (2011, p.193), “[a] análise de conteúdo é uma técnica que consiste em avaliar de forma sistemática um corpo de texto (ou

material audiovisual), por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras/frases/temas considerados “chave” que possibilitem uma comparação posterior [...]”. É através da organização dos dados, e da verificação do que possa existir de comum entre eles, que alcançamos o tratamento dos dados.

Para que a análise de dados ocorra, é necessário proceder à escolha dos documentos que vão ser sujeitos a análise. A escolha dos documentos é feita na primeira fase da análise de conteúdo, denominada por Bardin (1994) de pré-análise.

Definimos, assim, como *corpus* de análise, entendido como sendo “[...] o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos a processos analíticos” (Bardin, 1994, p.96), os seguintes documentos:

- Inquérito por questionário inicial e final
- Transcrições das vídeogravações

Na segunda fase, exploração do material, dá-se a transformação dos dados brutos para dados organizados (Coutinho, 2011). Ainda nesta fase procede-se à categorização, ou seja, classificam-se elementos que se reúnem em grupos de categorias comuns, e “[...] repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados” (Bardin, 1994, p.119) (Anexo 4 e 5).

A construção do sistema de categorias, que nos permitiu analisar e interpretar os dados, teve como base as questões do questionário e as transcrições, que nos permitiram ir ao encontro dos objetivos de intervenção definidos para o projeto.

Definimos assim as seguintes categorias: conhecimentos (cultura linguística) e atitudes e valores, tal como apresentado no quadro 5.

Categorias	Subcategorias		Indicadores
Conhecimentos (cultura linguística)	Línguas		É onde se enquadram registos relacionados com a identificação das línguas que os alunos dizem saber falar e as línguas que falam os colegas da turma de outras nacionalidades.
	Países		É onde se enquadram registos relacionados com a identificação de países em que se fala a LP.
	Variedades da LP	Reconhecimento da existência dessas variedades	É onde se enquadram registos relacionados com o reconhecimento da existência de variedades da LP
		Identificação de aspetos específicos dessas variedades	É onde se enquadram registos relacionados com a forma de falar a LP noutros países.
	Falantes de LP		É onde se enquadram registos relacionados com a perceção dos alunos quanto ao nº de falantes de LP no mundo.
	Origem da LP		É onde se enquadram registos relacionados com representações e conhecimentos acerca da origem da LP.
Atitudes e valores	Respeito pelo outro		É onde se enquadram registos relacionados com atitudes de respeito, ajuda e partilha.
	Valorização da LP na sua diversidade		É onde se enquadram registos relacionados com atitudes de valorização da LP na sua diversidade.

Quadro 5 - Sistema de categorias

Na categoria *conhecimentos (cultura linguística)*, pretendemos analisar os conhecimentos dos alunos, no que diz respeito: (i) às línguas que julgam saber falar e que identificam como sendo as línguas faladas pelos colegas, nomeadamente os colegas cuja língua materna não é o português ou que, mesmo sendo o português, é uma variedade diferente da europeia, como acontece no caso do aluno de nacionalidade brasileira, (ii) aos países de língua oficial portuguesa; (iii) às variedades da LP, nomeadamente o reconhecimento da

existência dessas variedades e a identificação de aspetos específicos das mesmas; (iv) ao número de falantes de LP e (v) à origem da Língua Portuguesa.

Na categoria *atitudes e valores*, pretendemos analisar as evidências presentes nas transcrições das vídeograções no que diz respeito (i) às atitudes de respeito pelo outro e (ii) à valorização da LP na sua diversidade.

3.2 – Apresentação e análise de dados

Depois de estabelecidas as categorias e de termos tratado e organizado os dados que constituem o nosso *corpus* de análise, e tal como referido por Coutinho (2011, p.196), importa passar à sua apresentação e análise e assim fazer “a inferência e interpretação” dos mesmos, terceira fase da análise de conteúdo referida por Bardin (1994). Desta forma, começaremos por analisar os efeitos das atividades implementadas no desenvolvimento da cultura linguística dos alunos, tendo por base os dados recolhidos a partir do questionário que passámos aos mesmos antes e depois da nossa intervenção. Analisaremos os dois questionários de forma integrada, estabelecendo uma comparação entre os resultados do questionário inicial e do questionário final. Sempre que considerarmos oportuno recorreremos às transcrições das vídeograções (Anexo 6) como fonte de informação complementar, permitindo-nos cruzar e confrontar os dados recolhidos a partir de diversas fontes.

Recordamos que o questionário inicial foi aplicado antes da implementação do projeto de intervenção e investigação, tendo respondido ao mesmo 24 dos 26 alunos da turma e que o questionário final foi aplicado no final da implementação do projeto e foi respondido por 25 dos 26 alunos.

Por último, analisaremos os efeitos das atividades ao nível do desenvolvimento do respeito pelo outro e da valorização da LP na sua diversidade, procurando indícios desse desenvolvimento a partir da análise das transcrições das vídeograções (Anexo 7).

3.2.1 - Análise dos efeitos das atividades implementadas no desenvolvimento da cultura linguística dos alunos.

Com o objetivo de compreendermos quais as **línguas** que os alunos consideravam saber falar e de percebermos se identificavam a LP como uma dessas línguas, colocámos a seguinte questão, quer no questionário inicial, quer no questionário final: “*Indica as línguas que sabes falar*”.

A partir da análise do gráfico 2, verificamos que a grande maioria dos alunos identifica, nos dois momentos de recolha de dados, a Língua Portuguesa como uma língua que sabe falar, assumindo a LP um fator de identidade dos alunos.

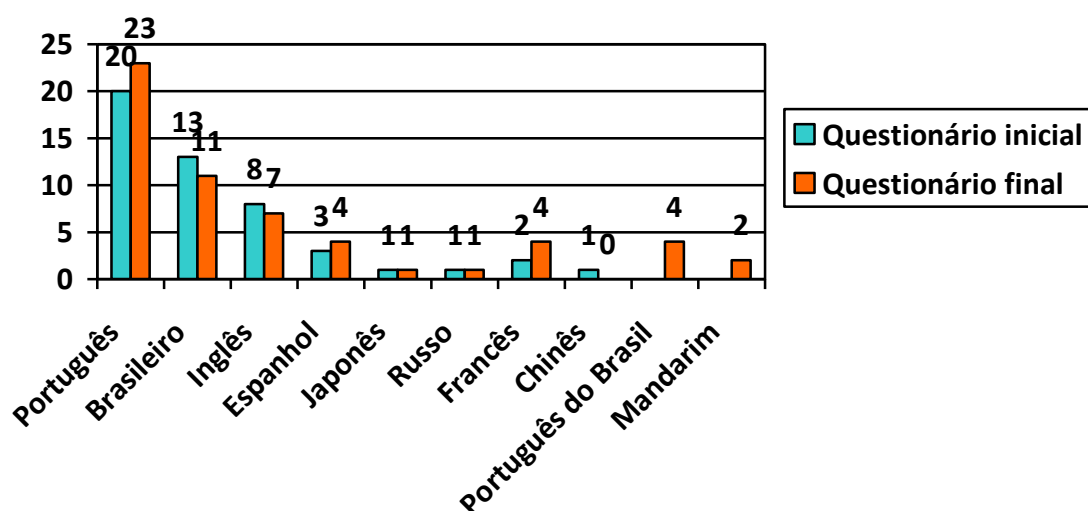


Gráfico 2 - Indicação das línguas que os alunos consideram saber falar

Outro dado que merece a nossa atenção é o facto de quase metade dos alunos ter referido que falava “brasileiro”, parecendo considerar o brasileiro como uma língua com uma identidade própria. Tal não nos surpreende dado que na sala de aula existe um aluno de nacionalidade brasileira e que fala a variedade brasileira da LP, parecendo-nos natural que os alunos facilmente o consigam compreender e comunicar com ele. Ainda de salientar o facto do próprio aluno brasileiro ter identificado, no questionário inicial, o Português e o Brasileiro como

sendo as línguas que sabe falar. Verificámos igualmente que do primeiro para o segundo questionário, houve uma diminuição no número de alunos que identificaram o “brasileiro” como uma língua distinta, tendo surgido no último questionário quatro alunos que referem saber falar o português do Brasil. Questionamos se tal resultado não poderá ter sido um efeito das atividades que desenvolvemos. Em relação ao aluno brasileiro, este referiu, no questionário final, falar novamente o português em vez do “brasileiro” e já mencionou o português do Brasil, pelo que inferimos que este aluno, no final da intervenção, parece reconhecer que fala uma variedade da LP.

Relativamente ao russo ter sido mencionado nas línguas que os alunos referiram saber falar, deve-se ao facto de, efetivamente, existir na turma um aluno de nacionalidade russa cuja língua materna é o russo. Quanto à língua “chinês” e mandarim, a existência na turma de um aluno de nacionalidade chinesa faz com que esta língua tenha sido mencionada. De referir que este aluno, no questionário havia mencionado o “chinês” e no final já mencionou o mandarim. Para além deste aluno, o mandarim foi mencionado por outro, embora este facto nos suscite dúvidas.

Outro dado que merece atenção é o facto de o inglês ser significativamente referido pelos alunos como uma das línguas que consideram saber falar. Presume-se que esta língua é mencionada uma vez que na turma existem alunos a frequentar as atividades de enriquecimento curricular nas quais é feita a iniciação à aprendizagem do inglês, entre outras atividades.

Quanto à referência a outras línguas, como o espanhol, o francês e o japonês, estas têm um valor residual e sobre o qual não possuímos dados que nos permitam verificar se são de facto línguas que os alunos sabem falar.

Com intuito de verificarmos se os alunos tinham a perceção de que na turma existiam colegas que falavam outras línguas para além da LP, procurámos que os alunos respondessem à seguinte questão: “*Tens na turma colegas que falam outra língua para além da língua portuguesa?*”.

Tal como podemos observar na tabela 3, do primeiro para o segundo momento de recolha de dados, houve uma diminuição do número de alunos que referiu existirem na turma colegas que falavam outras línguas. Contudo, a maioria

dos alunos, em ambos os momentos, revela ter percepção de existirem na turma colegas falantes de outras línguas.

Respostas	Questionário inicial	Questionário final
Sim	24	22
Não	0	3

Tabela 3 – Questão: Tens na tua turma colegas que falam outra língua para além da língua portuguesa?

Perante o facto de, no questionário final existir um valor, ainda que residual, do número de alunos que não reconhece existirem na turma alunos que falam outras línguas, procurámos compreender o motivo desta alteração.

Após identificar os alunos que responderam negativamente a esta questão, procurámos fazer uma análise mais fina aos dados e confrontar as suas respostas do questionário inicial e final, com a intenção de compreender se tinha havido alguma alteração nas suas percepções.

Constatámos, assim, que no questionário inicial estes três alunos apenas haviam referido o “brasileiro”. Perante este dado, podemos colocar a hipótese de que estes alunos compreenderam que a língua falada pelo aluno brasileiro, não é o “brasileiro” como haviam referido, mas sim uma variedade da LP.

Associada à questão anterior, e para compreendermos se os alunos que afirmaram existir na sala colegas que falavam outras línguas sabiam que línguas falavam esses mesmos colegas, solicitámos-lhes que indicassem essas mesmas línguas. Tal como se pode verificar no gráfico 3, são identificadas as duas línguas faladas pelos colegas de língua materna diferente havendo sido mencionado novamente o “brasileiro” como língua distinta da LP, tendo por referência o aluno de nacionalidade brasileira.

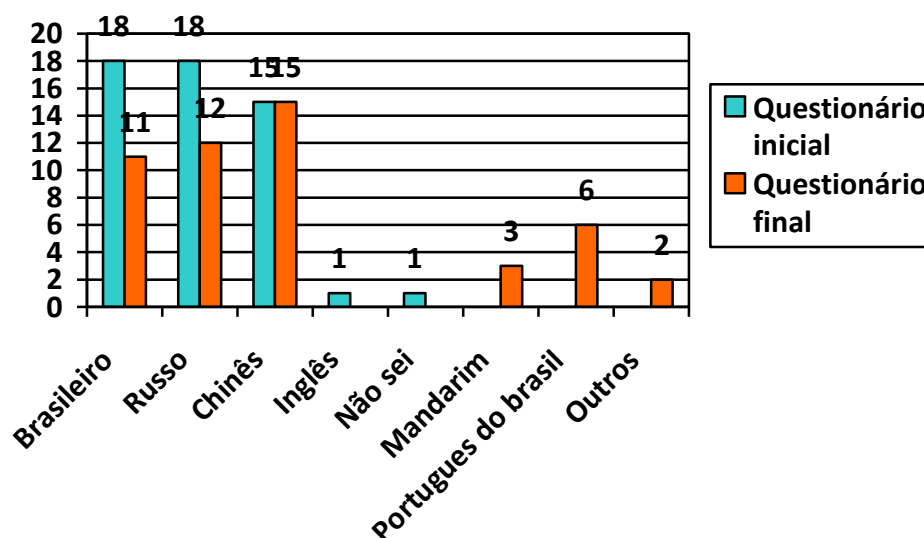


Gráfico 3 - Indicação das línguas que consideram ser faladas pelos colegas da turma

No entanto, salientamos que, ao compararmos os dados apresentados no questionário inicial com os dados do questionário final, houve uma diminuição no número de alunos que referiram o brasileiro, tendo surgido em alternativa o português do Brasil.

Apesar da diminuição do número de alunos que havia referido o brasileiro, do questionário inicial para o questionário final, ser de dez alunos, houve, no entanto, três que referiram o “brasileiro” apenas no questionário final.

Dos alunos que no questionário final já não referiram o “brasileiro”, a constatação do português do Brasil como sendo a variedade falada pelo aluno brasileiro apenas é feita por seis alunos, pelo que inferimos haver uma consciencialização da diversidade intralinguística da língua portuguesa.

Com o intuito de identificar os possíveis conhecimentos dos alunos no que diz respeito ao facto da LP ser falada noutros **países** para além de Portugal, procurámos que respondessem à questão “*Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?*”.

Respostas	Questionário inicial	Questionário final
Sim	16	22
Não	8	3

Tabela 4 - Questão: Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?

Assim, segundo a análise efetuada à tabela 4, verificamos que do primeiro para o segundo momento de recolha de dados, houve um aumento no número de respostas afirmativas (a quase totalidade dos alunos parece saber que a LP se fala noutros países além de Portugal), em contrapartida diminuiu o número de respostas negativas. Perante estes dados, e em função das respostas obtidas, podemos inferir que as atividades que desenvolvemos tiveram efeito nos conhecimentos dos alunos uma vez que grande parte dos países identificados são países de língua oficial portuguesa. Associada à questão anterior, e para compreendermos se os alunos, que afirmaram que a LP se falava noutros países para além de Portugal, eram capazes de identificar alguns países, solicitámo-lhes que os indicassem.

	Questionário inicial	Questionário final
Alemanha	1	
Angola	1	4
Brasil	10	21
Cabo Verde	2	8
Canadá		1
China	1	1
França	2	
Guiné-Bissau		13
Guiné-Equatorial		9
Macau		7
Moçambique		8
Portugal		6
Rússia	1	
São Tomé e Príncipe		10
Suíça	2	
Timor-Leste		5
Não sabe	2	
Outros	1	

Tabela 5 - Identificação de países onde se fala a língua portuguesa

A partir da análise da tabela 5, verificamos haver, no questionário inicial, um número considerável de alunos que refere o Brasil como sendo um país onde se fala a LP. Perante este facto é de considerar que os alunos, antes das atividades desenvolvidas, já eram detentores deste conhecimento. Para além deste, foram referidos outros países que têm a LP como língua oficial, como é o caso de Angola e Cabo Verde, embora em menor número. Para além destes países, foram identificados outros em que a LP é falada, embora fruto da diáspora da língua, como por exemplo: Alemanha, China, França, Rússia e Suíça.

Este dado merece a nossa atenção uma vez que, ao serem mencionados países que não têm o português como língua oficial, nos permitiu refletir acerca da necessidade de trabalhar o conceito de língua oficial.

De referir, ainda, que existe um aluno que afirma que a LP não se fala noutros países, tal como se pode verificar no excerto seguinte, e que traduz a resposta do aluno à questão referida anteriormente *“Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?”*:

Ivo: “Não **insiste** outro **país** que fale português.”

Houve ainda uma resposta que não considerámos válida por não se enquadrar ao contexto da questão.

Da análise aos países referidos no questionário final, e tal como já tivemos oportunidade de mencionar, foram referidos na globalidade todos os países de língua oficial portuguesa, à exceção da referência a dois países que não têm o português como língua oficial (China e Canadá). Questionamo-nos se ao optarmos por manter a formulação da questão, do primeiro para o segundo momento, não influenciou o facto de terem sido referidos países cuja língua oficial não é o português.

Outro dado relevante é o facto de 21 dos 22 alunos que afirmaram que a LP se falava noutros países para além de Portugal terem mencionado o Brasil, uma vez que foi sobre a variedade falada neste país, juntamente com a variedade europeia, que incidiram as atividades desenvolvidas.

Na globalidade podemos considerar que os alunos estão cientes da existência de vários países que tem o português como língua oficial ao identificar os vários PLOP.

Com a finalidade de verificarmos se os alunos tinham a percepção da existência de **variedades da LP** colocámos a seguinte questão: “*Sabes se a língua portuguesa se fala de forma diferente nos outros países em que se fala a língua portuguesa?*”, tendo sido dadas aos alunos 3 opções de resposta, solicitando-lhes que indicassem aquela que correspondia à sua opinião:

- A língua portuguesa fala-se de forma diferente nos vários países
- A língua portuguesa fala-se da mesma forma nos vários países
- Não sei

Tal como podemos observar na tabela 6, verificamos que do primeiro para o segundo momento de recolha de dados, houve um aumento do número de alunos que referiram que a LP se falava de forma diferente nos vários países, dois alunos referiram falar-se de forma igual, e diminuiu o número de alunos que referiram não saber se a língua portuguesa se falava de forma igual ou diferente nos vários países.

Respostas	Questionário inicial	Questionário final
Diferente	14	19
Igual		2
Não sei	10	4

Tabela 6 - Identificação da forma de falar a língua portuguesa noutros países em que se fala a língua portuguesa

Perante estes dados, e em função das respostas obtidas, nomeadamente no questionário final, podemos inferir que as atividades desenvolvidas permitiram à maioria dos alunos ter a percepção de que a língua portuguesa é falada de forma diferente nos vários países. Inferimos, ainda, que os alunos ao identificarem que a LP é falada de forma diferente, demonstram evidências de reconhecer a existência de variedades da LP.

Apesar de no questionário inicial mais de metade dos alunos considerarem que a língua portuguesa se fala de forma diferente nos vários países, foi no questionário final que, ao associar uma nova alínea à questão, identificámos quais as razões apontadas pelos alunos para o facto de considerarem que a LP se falava de forma diferente nos vários países.

Quanto aos alunos que identificaram que a LP se falava da mesma forma, apesar de ser um número residual, consideramos que o desenvolvimento das atividades não alcançou os resultados pretendidos junto dos mesmos.

Associada a esta questão, e para compreender quais os aspetos específicos que os alunos atribuíam à forma de falar as variedades, colocámos a seguinte questão: *“Se respondeste que a língua portuguesa se fala de forma diferente nos vários países, indica as diferenças que conheces”*, solicitando-lhes que indicassem quais as diferenças.

A partir da análise dos dados do gráfico 4, encontramos evidências de que os alunos são capazes de identificar aspetos específicos que atribuem ao facto da LP se falar de forma diferente nos vários países, nomeadamente quanto ao som – identificado como “sotaque”, e quanto ao léxico. De referir ainda haver dois alunos que apesar de não saberem identificar quais as diferenças, haviam referido que a LP se falava de forma diferente nos vários países.

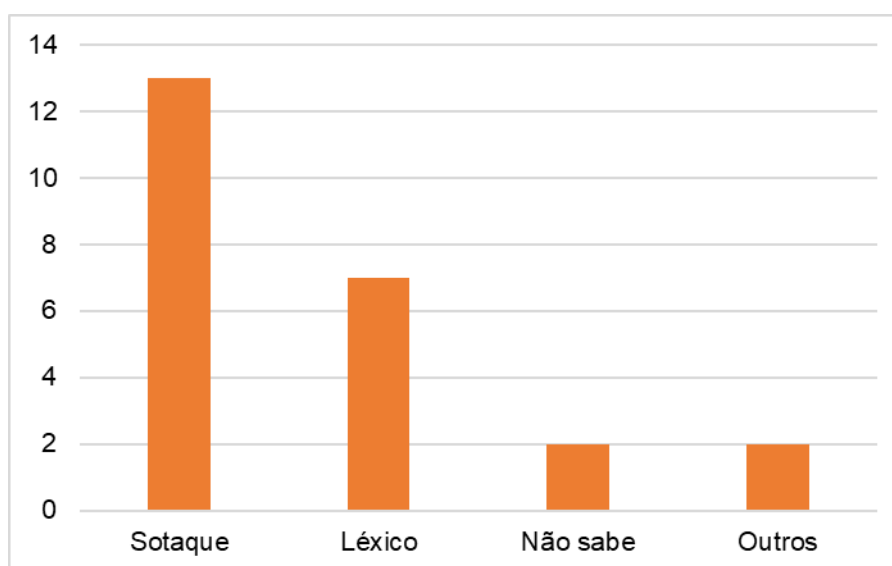


Gráfico 4 - Identificação das diferenças na forma de falar a língua portuguesa noutros países em que se fala a língua portuguesa

Das diferenças identificadas pelos alunos, aquela que assume particular destaque diz respeito ao “sotaque” ou som das palavras. Este aspeto foi também referido numas das sessões, tal como se pode verificar no seguinte excerto:

**Excerto retirado da transcrição da vídeogravação da sessão 1 do dia
19 de abril de 2017:**

Contextualização: O decorrer da interação seguidamente apresentada, provém da exploração do som de algumas palavras a propósito de na obra trabalhada ser referido que no Brasil se abrem as vogais e em Portugal se fecham.

Susana: (...) *Eu perguntei, será que a LP se fala da mesma maneira nos diferentes países?*

Marina: *Não*

Susana: *Porquê?*

(...)

Marina: *Tem um sotaque diferente, tem um som diferente*

Deduzimos que a referência ao “sotaque”, como sendo a diferença mais evidenciada pelos alunos, para além de ter sido explorada na obra, pode advir do facto de contactarem com o aluno brasileiro que possui uma pronúncia diferente.

Outro dado que merece particular atenção é a identificação de diferenças quanto ao léxico, sendo esta a segunda diferença mais identificada pelos alunos. Consideramos que o desenvolvimento das atividades nos permite concluir sobre o facto de os alunos terem a perceção global das diferenças apresentadas nas variedades da LP. Da análise mais detalhada às respostas dos alunos no que diz respeito ao léxico, estas revelam diferenças quanto (i) à existência de palavras iguais com significado diferente, (ii) à existência de palavras diferentes com significado igual e (iii) à existência de diferenças ao nível da palavra escrita.

Depreendemos que os alunos, desde início, percecionaram a existência de diferenças nas variedades da LP, tal como se pode verificar, a título de exemplo, no excerto seguinte retirado da transcrição da vídeogravação do dia 19 de abril:

**Excerto retirado da transcrição da vídeogravação da sessão 1 do dia
19 de abril de 2017:**

Contextualização: Neste momento estava a ser explorado o seguinte excerto da obra Esta Língua Portuguesa:

“ganhando feitiços de som, em Angola e Moçambique e novos significados lá pras bandas de Timor”

Susana: (...) *Isto aqui de ganhar novos feitiços de som.*

Sara: *Não é feitiços (falando em tom de voz baixo)*
(...)

Susana: *Então se não são mesmo feitiços...*
(...)

Rui: *São novas palavras*

Com a finalidade de verificarmos se os alunos tinham a perceção do número de **falantes de LP** no mundo, colocámos a seguinte questão: “*Sem ser Portugal, quantas pessoas achas que falam a língua portuguesa noutros países do mundo?*”.

Considerando o facto dos dados relativos ao número de falantes de LP no mundo apresentar valores na escala dos milhões, e tendo em conta que poderia ser de difícil interpretação para os alunos, optámos por definir o “1000” como valor de referência, por ser o maior número que tinham aprendido até então.

Alternativas de resposta	Questionário inicial	Questionário final
Nenhumas	1	0
Muito, muito menos do que 1000	0	1
Muito menos do que 1000	2	2
Menos do que 1000	1	2
1000	8	1
Mais do que 1000	3	2
Muito mais do que 1000	0	2
Muito, muito mais do que 1000	9	15

Tabela 7 - Identificação do número de falantes de língua portuguesa noutros países

Perante os dados apresentados na tabela 7, consideramos existir alguma dispersão nas respostas dos alunos, embora a mesma seja residual. No entanto, verificamos que existe uma concentração, no primeiro momento, nos valores na escala do “1000” e “muito, muito mais do que 1000”, e no segundo momento na escala do “muito, muito mais do que 1000”.

Da análise dos dados ao questionário inicial, podemos inferir que os alunos têm a percepção de que o número de pessoas que fala a LP é grande. Destes, uma parte dos alunos toma o “1000” como valor referência, uma vez que segundo as suas aprendizagens é um número de elevado valor. Outra parte dos alunos, segundo a nossa leitura dos dados, já percebeu existirem outros valores que vão muito além do “1000” para referir o número de pessoas que fala a LP no mundo.

Apesar de considerarmos que os alunos percebem, em ambos os momentos, existir um elevado número de pessoas que falam a LP no mundo, questionamo-nos se estes valores dizem respeito ao número de pessoas que falam a LP no mundo em geral, tal como referido na formulação da questão, ou nos PLOP em particular.

Com o objetivo de verificarmos as percepções e conhecimentos dos alunos relativamente à **origem da LP**, colocámos a seguinte questão: *“Como achas que surgiu/apareceu a língua portuguesa?”*.

Da análise efetuada à tabela 8, verificamos que no primeiro momento de recolha de dados nenhum aluno revelou ter conhecimento sobre a origem latina da LP.

Respostas	Questionário inicial	Questionário final
Não sabe	12	2
Origem divina	5	2
Homens das cavernas	2	5
Cientistas	1	1
Espalhou-se/outras pessoas sabiam falar		3
Latim/origem latina		12
Outros	3	

Tabela 8 – Respostas dos alunos acerca da origem da língua portuguesa

A partir da análise dos dados verificamos que as representações dos alunos relacionadas com a origem da LP reportam para uma origem divina, sendo possível encontrar respostas como:

Ivo: “Acho que foi deus que **fes** a **lingua portuguesa**.”

Marina: “Eu acho que Jesus falava Português e das outra **ilguas** e por isso apareceu a **ilgua** Portuguesa”

Samuel: “Eu acho que surgiu as língua porque o deus queria fazer palavras **diverentes**.”

No que se refere a outras respostas, é possível encontrar respostas tais como:

António: “Apareceu **sosinha**.”

Bruna: “Eu acho que a língua portuguesa surgiu com as pessoas que nasceram em Portugal.”

Nicolau: “Era uma vez um rei que **enventou** a **lingoa Portogesa**.”

Já da análise de dados feita ao questionário final, das respostas apresentadas pelos alunos, verifica-se haver já conhecimento da origem da LP por parte de, pelo menos, 12 alunos, pelo que podemos considerar ter havido influência das atividades desenvolvidas nas aprendizagens realizadas pelos alunos.

No que se refere às representações relacionadas com a origem divina da LP, verificamos que diminuíram no segundo momento de recolha de dados. Quanto aos alunos que referiram que a língua se espalhou pelo mundo, apesar desta não ser efetivamente a sua origem, inferimos que os alunos querem com isto dizer que foi pelo facto da língua ser levada para outros países, que passou a ser falada lá, sendo esta a razão apontada para a sua origem nos mesmos.

Neste segundo momento de recolha de dados verificamos que, uma vez que alguns alunos mantiveram as suas respostas, as atividades não obtiveram o efeito desejado junto desses mesmos alunos. Neste último questionário houve ainda três respostas que foram impercetíveis para serem sujeitas a análise.

3.2.2 - Análise dos efeitos das atividades implementadas no desenvolvimento de atitudes de respeito pelo outro e de valorização da LP na sua diversidade

Com o objetivo de compreendermos os efeitos das atividades implementadas no desenvolvimento de atitudes e valores, nomeadamente ao nível do respeito pelo outro e de valorização da LP na sua diversidade, procurámos encontrar nas transcrições das videograções evidências que nos permitissem refletir acerca do desenvolvimento destas atitudes e valores.

No que concerne ao desenvolvimento do respeito pelo outro, considerámos estarem associadas atitudes de ajuda e partilha, por acreditarmos serem promotoras do respeito pelo outro.

Assim, a partir da análise efetuada aos dados, encontrámos algumas evidências que aparentam revelar respeito pelo outro, tal como se pode verificar no seguinte excerto:

Excerto retirado da transcrição da vídeogração da sessão 4 do dia 3 de maio de 2017:

Joel: *Posso dizer uma coisa?*

Susana: *Sim*

Joel: *Antes que a Soraia apague as palavras do quadro, o António podia tentar dizer as palavras em português.*

Susana: *Boa ideia.*

*(pede-se aos alunos que façam uma pausa no que estão a fazer.
(...))*

Susana: *O Joel deu uma ideia muito importante. Olha repete lá Joel.*

Joel: *Podíamos ajudar o António a tentar ler aquelas palavras.*

Susana: *Muito bem. Olha lê lá aquelas palavras em português de Portugal (dirigindo-se ao aluno brasileiro)*

O aluno lê todas as palavras e no final a turma aplaude.

O excerto apresentado, juntamente com outro já referido aquando da descrição da sessão 4 realizada a 3 de maio, é ilustrativo do que consideramos ser uma atitude de respeito, não só por parte do aluno Joel mas também por parte da turma quando no final aplaudem o aluno brasileiro pelo esforço que efetuou. Este momento demonstra indícios de respeito perante este aluno, que apesar de falar a LP, embora numa variedade diferente da europeia, é visto como o “outro”, linguística e culturalmente diferente uma vez que apresenta no seu repertório linguístico, diferenças provenientes dessa mesma variedade.

Podemos ainda considerar existir a manifestação de atitudes de ajuda e partilha, não só perante o aluno brasileiro mas também deste perante o resto da turma, ao mostrar-se disponível em ajudar e partilhar com os colegas a forma de pronunciar as palavras na variedade brasileira, tal como se pode verificar no seguinte excerto:

Excerto retirado da transcrição da videogravação da sessão 4 do dia 3 de maio de 2017:

- Susana:** *Diz lá a palavra* (pedindo que a aluna pronuncie a palavra na variedade brasileira)
A aluna tenta pronunciar, contudo, como não consegue e solicita-se a ajuda do aluno brasileiro
- Susana:** *Olha diz lá António, como é que se diz?*
- António:** *Ônibus.*
- Susana:** *E tu pensas que é?* (Dirigindo-se à Juliana)
- Juliana:** *Autocarro*

No que diz respeito ao desenvolvimento de atitudes de valorização da LP na sua diversidade, destacamos essencialmente dois excertos da primeira sessão.

**Excerto retirado da transcrição da vídeogravação da sessão 1 do dia
19 de abril de 2017:**

Contextualização: Exploração do seguinte excerto da obra Esta língua portuguesa: “A árvore desta língua, cresce no nosso quintal e definha de vergonha sempre que a tratam mal com os erros cometidos.”

(...)

Susana: *Ou seja o que é que nós temos de fazer para não tratar mal a nossa língua?*

Andreia: *Não ter erros nas nossas fichas ... falar bem quando estamos a falar com as outras pessoas.*

No primeiro excerto, e uma vez que a exploração do mesmo era no sentido de refletir acerca dos motivos pelos quais não devemos desrespeitar a língua, a aluna aparenta demonstrar uma atitude de valorização da língua numa perspetiva de que devemos procurar fazer um bom uso da mesma. Ao fazer um bom uso da língua, estamos não só a valorizá-la mas também a revelar respeito pela mesma.

O segundo excerto que destacamos, tal como referido na contextualização, dizia respeito ao facto de nos orgulharmos da nossa língua, tal como se pode observar:

**Excerto retirado da transcrição da vídeogravação da sessão 1 do dia
19 de abril de 2017:**

Contextualização: Neste momento estava a ser explorado o seguinte excerto da obra Esta língua Portuguesa: “E o orgulho que temos nesta língua portuguesa irá do berço para a escola e da escola para a rua”.
será sempre minha e tua.

Susana: *Este bocadinho diz-nos...diz Micaela.*

Micaela: *Que a nossa língua vai ser sempre a língua dos nossos filhos*
(...)

Joel: *Devia no final ter: será sempre de todos. Era o que devia estar no final.*

O destaque que fazemos deste excerto permite-nos refletir acerca do que julgamos serem demonstrações de valorização da língua portuguesa na sua diversidade, uma vez que os alunos reconhecem que esta vai ser falada por outras pessoas.

No primeiro momento a aluna Micaela refere que a língua vai ser a língua dos nossos filhos, e assim vai sendo transmitida de geração em geração ao longo dos tempos. O Joel corrobora esta ideia referindo que, a partir da interpretação do excerto que refere “vai ser sempre minha e tua”, a língua vai ser sempre de todos. Depreendemos que ao referir-se a todos, o aluno se quer reportar a qualquer pessoa que fale a LP numa escala mais alargada do que a do meio local.

O desenvolvimento de conhecimentos e atitudes e valores permitem-nos refletir acerca da importância da sensibilização à diversidade intralinguística da LP, que procuramos esclarecer no ponto seguinte.

3.2.3 - Síntese dos resultados obtidos

Depois de procedermos à apresentação e análise dos dados, importa agora fazer uma síntese dos resultados alcançados e retomar a questão e os objetivos de investigação. Relembramos que tínhamos como questão de investigação “*De que modo o desenvolvimento de atividades de Sensibilização à Diversidade Intralinguística contribui para o aumento da cultura linguística dos alunos, assim como para a promoção do respeito pelo outro e valorização da LP na sua diversidade?*” e como objetivos de investigação:

- Compreender de que modo as atividades desenvolvidas sensibilizaram os alunos para a diversidade intralinguística da LP, contribuindo para:
 - o aumento da sua cultura linguística
 - o respeito pelo outro e a valorização da LP na sua diversidade

No que diz respeito ao desenvolvimento da cultura linguística dos alunos, consideramos que na globalidade este foi um objetivo atingido, tal como se pode verificar na seguinte síntese dos resultados, tendo por base cada uma das subcategorias.

Quanto às **línguas**, nomeadamente às línguas que falam os alunos, destacamos o facto destes estarem conscientes de falar a língua portuguesa, já no que toca as línguas que falam os colegas da turma, foram de modo geral mencionadas as línguas faladas pelo aluno russo e chinês. A referência ao “brasileiro” verificou-se por várias vezes, contudo observaram-se notáveis diferenças ao ser mencionado no questionário final o português do Brasil.

No que respeita à identificação de **países**, para além de Portugal, onde se fala a língua portuguesa, consideramos que numa fase inicial os alunos contaram com países em que a língua portuguesa é falada mas não é língua oficial. Contudo houve ainda uma grande parte dos alunos que referiu o Brasil, sendo que neste país o português é língua oficial. No final presumimos que os alunos compreendem que o português é língua oficial em vários países, apresentando-os.

Quanto à forma de falar a língua portuguesa, nomeadamente as suas **variedades**, e apesar de no primeiro momento os alunos referirem falar-se de forma diferente, foi somente no segundo momento de recolha dos dados que nos foi possível compreender quais as diferenças identificadas pelos mesmos, tendo sido identificadas, de modo geral, as diferenças que caracterizam as variedades da língua portuguesa.

Quanto ao número de **falantes**, consideramos que de modo geral os alunos parecem ter a perceção do elevado número de falantes que existe pelo mundo.

Por fim, e no que toca à **origem** da língua, numa fase inicial os alunos apenas apresentavam algumas representações relacionadas com a origem divina da LP ou outras, enquanto que no fim revelam conhecer a origem da mesma. Estes aspetos permitem-nos concluir que de modo geral a cultura linguística dos alunos foi desenvolvida, tendo as atividades desenvolvidas assumido um papel primordial.

No que diz respeito ao desenvolvimento de **atitudes de respeito pelo outro e valorização da língua portuguesa na sua diversidade**, apesar de termos identificados algumas evidências, consideramos que este foi um aspeto

pouco trabalho, se compararmos com o desenvolvimento da cultura linguística dos alunos.

Assim, e respondendo à questão de investigação, consideramos que o desenvolvimento de atividades de Sensibilização à Diversidade Intralinguística contribui, de facto, para o desenvolvimento da cultura linguística dos alunos e também para o desenvolvimento de atitudes e valores de respeito pelo outro e para a valorização da língua portuguesa na sua diversidade, embora haja a necessidade de serem aprofundados alguns aspetos que requerem um olhar mais atento e reflexivo da nossa parte.

Retomando ainda os conceitos abordados no primeiro capítulo, consideramos que foi com base na interação que pressupõe a educação intercultural, através do contacto com o aluno brasileiro, que despertámos nos alunos o sentido de respeito e valorização pelo outro, essencial para educar para a cidadania global. A língua portuguesa foi, ao longo do projeto de intervenção e investigação, o elemento comum e essencial que nos permitiu abordar com os alunos o facto de que não somos só nós (portugueses) que falamos a língua portuguesa, esta é falada em todo o mundo, contudo, com diferenças culturais que apresenta através da variação.

Ao particularizarmos para a diversidade intralinguística da língua portuguesa, fomos promovendo o desenvolvimento da cultura linguística dos alunos, sendo que foram emergindo atitudes de respeito pelo outro e de valorização da LP na sua diversidade.

Conclusão

Ao longo deste ponto, e de modo a concluir esta fase, pretendemos reportar-nos a alguns aspetos que consideramos importantes. Assim, e à semelhança do que referimos na introdução, começamos por fazer uma breve reflexão acerca da pertinência de sensibilizar os alunos para a diversidade intralinguística da língua portuguesa, nomeadamente no contexto em que decorreu o projeto de intervenção e investigação.

De seguida, refletimos acerca da importância que o desenvolvimento do projeto teve, tanto no que diz respeito aos objetivos de intervenção definidos para o mesmo, como também no nosso percurso pessoal e profissional. Para isso iremos reportarmo-nos à importância da PPS e fazer o balanço das aprendizagens feitas ao longo de todo o percurso.

Referimos ainda alguns aspetos que considerámos importantes e com os quais nos deparámos, bem como o que poderia ser melhorado caso iniciássemos um novo ciclo de investigação-ação. Terminamos reportando-nos à pertinência de um projeto como o que desenvolvemos, noutros contextos de igual diversidade linguística e cultural.

Não há, hoje em dia, local nenhum no mundo que não se encontrem pessoas de outras nacionalidades e culturas, o que faz com que a nossa sociedade seja diversificada tanto a nível linguístico como cultural. De igual forma, é comum ouvir dizer que não há país nenhum no mundo em que não se encontre um português ou pelo menos alguém que fale a língua portuguesa. Se prestarmos atenção ao mapa de línguas, verificamos que existe uma grande área geográfica em que a língua portuguesa é falada pelo que, por aproximação à língua, existe grande mobilidade de pessoas entre os PLOP. Assim, é comum encontrar, em Portugal ou noutros países que tenham o português como língua oficial, pessoas falantes de variedades da LP.

Foi, de modo geral, devido a estes motivos que considerámos ser importante trabalhar a SDI da língua portuguesa, uma vez que no contexto de intervenção havia um aluno de nacionalidade brasileira.

A presença deste aluno na turma foi essencial pois experienciámos e vivenciámos o quão importante é o contacto com pessoas provenientes de outros meios e culturas uma vez que, de forma espontânea, os alunos vão desenvolvendo atitudes de respeito para com o outro.

A PPS, foi bastante importante no decorrer do processo de intervenção uma vez que foi através desta que contactámos com um contexto real, que nos permitiu desenvolver atividades com vista a sensibilizar os alunos para a diversidade intralinguística da LP, procurando desenvolver a sua cultura linguística e promovendo o respeito pelo outro e pela valorização da LP na sua diversidade.

O desenvolvimento deste projeto foi bastante desafiante, tanto a nível pessoal como profissional, uma vez que ao ser referido por alguns alunos o “brasileiro”, nos questionámos quanto ao que poderia ser feito para desconstruir a ideia de associar uma língua ao país.

Procurámos, assim, planificar um conjunto de atividades que permitissem sensibilizar os alunos para a diversidade existente dentro da língua portuguesa. O desafio deste projeto deveu-se ao facto de, segundo Sousa (2012, p.31), “[...] alguns falantes [acreditarem] estar diante de duas línguas: o Português e o Brasileiro”. Deste modo, aprofundámos o nosso conhecimento quanto ao tema para assim poder trabalhá-lo com os alunos de uma forma adequada.

Foi no decorrer de algumas intervenções dos alunos que nos fomos questionando quanto à nossa prática, nomeadamente a que destacámos ao longo da descrição da sessão 4, uma vez que nos deparamos com o erro de estar a valorizar mais a exploração de uma variedade perante a outra.

Apesar de termos a noção, segundo a revisão de literatura que fizemos, de que não poderíamos prestigiar uma variedade em detrimento de outra, foi a intervenção de um aluno que nos alertou para esse facto, constatando que não só a maioria dos alunos deveria conhecer palavras na variedade brasileira, mas também o aluno brasileiro deveria conhecer palavras na variedade europeia.

De referir ainda que o aluno já tinha evidenciado atitudes que indiciavam alguma dificuldade em pronunciar ou referir algumas palavras na variedade europeia, tal como se pode verificar no seguinte exemplo:

António: *Mas como é que se diz caminhão aqui?*

Susana: *Camião. No português do Brasil, é...diz la António*

António: *Caminhão*

Esta intervenção revela que os alunos podem, nalgumas situações, apresentar dificuldades pois, tal como refere Reste (2015), citada por Ançã & Macário (2015, p.18):

“[o]s alunos oriundos de países lusófonos, embora provenientes de países cuja língua oficial é o Português, também revelam algumas dificuldades que coincidem com algumas das apontadas pelos colegas das restantes nacionalidades, e que se relacionam com competências skills, tanto ao nível oral –ouvir/falar – como escrito – ler/escrever [...]”.

Consideramos por isso que, caso iniciássemos um novo ciclo de investigação-ação, procuraríamos refletir sobre a importância de ouvir os alunos, dando-lhes a palavra. Este é um aspeto bastante importante a ponderar uma vez que é a partir dos alunos, das suas ideias e intervenções que surge potencial para explorar outros aspetos que possam ser pertinentes, não só no processo de ensino-aprendizagem, mas também no desenvolvimento dos próprios alunos.

Julgamos, contudo, que ainda tivemos oportunidade de alterar a nossa postura relativamente à última sessão, procurando envolver mais o aluno brasileiro. Estes aspetos permitiram-nos refletir sobre a nossa intervenção, procurando alterá-la, e assim cumprir as fases que caracterizam os ciclos da investigação-ação.

Por fim, o desenvolvimento deste projeto, ou semelhantes, tem potencial para ser desenvolvido noutros contextos uma vez que também nestes pode ser encontrada grande diversidade, como aquela que encontramos não só neste como também no contexto de educação pré-escolar na qual iniciámos a PPS.

Este tema foi pertinente uma vez que não devemos ensinar “[...] a língua portuguesa como se fosse só gramática, tudo que uma língua tem de riqueza e dinamismo é posto em segundo plano” (Santana & Neves, 2015, p. 84). Com isto concluímos que a riqueza da presença da língua portuguesa um pouco por todo o mundo não deve ser esquecida.

Referências bibliográficas

- Ambrósio, T. (2000). Apresentação do Seminário. In Conselho Nacional de Educação, *Educação Intercultural e Cidadania* (pp. 19-25). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Andrade, A. I., Araújo e Sá, M. H., & Moreira, G. (2007). *Imagens das línguas e do plurilinguismo: Princípios e sugestões de intervenção educativa*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Andrade, A. I., Lourenço, M., & Sá, S. (2010). Abordagens plurais nos primeiros anos de escolaridade: Reflexões a partir de contextos de intervenção. *Intercompreensão*, 15, 69-89.
- Araújo, S. A. (2008). *Contributos para uma educação para a cidadania. Professores e alunos em contexto intercultural*. Lisboa: Alto comissariado para a imigração e diálogo intercultural.
- Branco, D. (2011). *A Competência Intercultural no Ensino: Propostas para formação contínua de professores dos 2º e 3º ciclos do ensino básico*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bardin, L. (1994). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Buesco, H., Morais, J., Rocha, M., & Magalhães, V. (2015). *Programa e metas curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Cabezudo, A., Christidis, C., Silva, M. C., & Demetriadou-Sallet, V. (2010) *Guia prático para a Educação Global. Um manual para compreender e implementar a educação global*. Lisboa: Centro Norte-Sul do Conselho da Europa.
- Cação, M. (2012). *Educação intercultural no conhecimento profissional de educadoras de infância*. Dissertação de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cardoso, C. (1998). *Gestão intercultural do currículo*. Lisboa: secretariado coordenador dos programas de educação multicultural.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.

- Cunha, C., Cintra, L. (2000). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- Curvelo, A. (2013). *Diversidade (Intra)linguística no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Ferreira, M. B., Carrilho, E. & Lobo, M. (1996) Variação linguística: perspectiva dialectológica. In Faria, I., Pedro, E. & Duarte, I., *Introdução à linguística. Geral e Portuguesa* (pp 479-502). Lisboa: Editorial Caminho.
- Filipe, B. (2004). A investigação-ação enquanto possibilidade e prática de mudança. In Oliveira, L., Pereira, A. & Santiago, R., *Investigação em educação* (pp.107-120). Porto: Porto Editora.
- Henriques, C. (2012). *Jogar com a diversidade linguística e cultural no pré-escolar*. Relatório de estágio. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Henriques, M., Reis, J. & Loia, L. (2006). *Educação para a cidadania. Saber & Inovar*. Porto: Plátano Editora.
- Latorre, A. (2003). *La investigación-acción: conocer y cambiar la pratica educativa*. Barcelona: Graó.
- Leite, C., Rodrigues, M. L. (2000). *Contar um conto, acrescentar um ponto. Uma abordagem intercultural na análise da literatura para a infância*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Letria, J. J. (2007). *Esta Língua Portuguesa*. Porto: Ambar.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto: Porto Editora.
- Mateus, M. H., Cardeira, E. (2007). *Norma e variação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Mattos e Silva, R. V. (s/d). *Diversidade e unidade: A aventura linguística do Português*. Retirado de <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/diversidade.pdf>.
- Ministérios da Educação (s/d). *Organização curricular e programas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Morgado, M., Pires, M. N. (2010). *Educação intercultural e literatura infantil. Vivemos num mundo sem esconderijos*. Lisboa: Edições Colibri

- Oliveira, C. & Gomes, N. (2016). *Indicadores de Integração de Imigrantes. Relatório estatístico anual*. Retirado de http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/383402/Relat%C3%B3rio+Estat%C3%ADstico+Anual+2016_.pdf/f276bae0-d128-43b5-8558-cdb410249fd2
- Ouellet, F. (1991). *L'éducation interculturelle. Essai sur le contenu de la formation des maîtres*. Paris: Editions L'Harmattan.
- Pardal, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Peres, A. (2000). *Educação intercultural: Utopia ou realidade?*. Porto: Profedições.
- Pinho, J. & Ançã, M. H. (2015). A lexicultura na valorização e promoção da língua portuguesa. In Ançã, M. H., & Macário, M. J. (2015). *A promoção da Língua Portuguesa e a Educação Linguística* (pp.27-43). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pinto, P. F. (1998). *Formação para a Diversidade Linguística na aula de Português*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Reis, C., Adragão, J. V. (1990). *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reste, C. D. (2015). A língua portuguesa que nos une, não deve desvalorizar as línguas maternas que nos diferenciam. In Ançã, M. H., & Macário, M. J. (2015). *A promoção da Língua Portuguesa e a Educação Linguística* (pp.9-25). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Reto, L., Machado, F., & Esperança, J. (2016). *Novo atlas da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Santana, J. & Neves, M. (2015). As variações linguísticas e suas implicações na prática docente. *Millenium*, 48, 75-93.
- Silva, A. S. (2016). Prefácio. In Reto, L. A., Machado, F. L. & Esperança, J. P., *Novo Atlas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Simões, A. R. (2006). *A cultura linguística em contexto escolar: um estudo no final da escolaridade obrigatória*. Tese de doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- Sousa, A. R. (2012). *Variedades Intralinguísticas: Aprender com o português do Brasil*. Relatório de estágio. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Unesco (2015a). *Educação para a cidadania global. A abordagem da UNESCO*. Brasília: UNESCO.
- Unesco (2015b). *Educação para a cidadania global*. Preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO.
- Vieira, A. M. (2006). *O contributo da literatura infantil para a educação intercultural. Experiência em contexto de sala de aula*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.

Anexos

Anexo 1 – Esta língua portuguesa

Esta Língua Portuguesa

A língua que falas e escreves
é uma árvore de sons
que tem nos ramos as letras,
nas folhas os acentos
e nos frutos o sentido de cada coisa que dizes.

É uma língua tão antiga
como isto de ser português.

Teve o latim por avô,
que primeiro foi romano.

(...)

A língua cresceu com o país,
que se alongou até ao sul
e depois chegou às ilhas.

(...)

Foi a língua da viagem,
do assombro e da aventura,
usada para relatar
descobertas e naufrágios,
triunfos e derrotas
nas mais remotas paragens.

(...)

A árvore desta língua
tem pássaros pousados
nos ramos mais altos da fala.

(...)

Para poderem levar consigo
a beleza desta língua
até ao fim do mundo,
pois mesmo nesse lugar
há-de haver quem a fale.

É uma língua que se veste
de baiana no Brasil,
ganhando feitiços de som
em Angola e Moçambique
e novos significados
lá para as bandas de Timor.

(...)

É uma língua tão amena
que no Brasil abre as vogais
e em Portugal as fecha

(...)

A árvore desta língua
cresce no nosso quintal
e definha de vergonha
sempre que a tratam mal, (...)
com os erros cometidos

(...)

Tratem bem a nossa língua
pois se a tratarem mal
nem imaginam o mal que fazem
a este Portugal.

(...)

E o orgulho que temos
nesta língua portuguesa
irá do berço para a escola
e da escola para a rua, (...)
será sempre minha e tua.

Letria, J. J., (2007) Esta Língua Portuguesa.
Porto: Ambar (adaptado).

Anexo 2 - Questionário Inicial

Caro aluno(a),

Precisamos da tua colaboração no projeto que vamos desenvolver no âmbito do nosso estágio, para isso, vimos pedir-te que respondas a este questionário. Ao responder ao questionário, tem em atenção o seguinte:

1. A resposta ao questionário é individual.
2. Lê com atenção as indicações de resposta para cada questão.
3. Neste questionário não há respostas certas ou erradas.

Obrigado, desde já, pela tua colaboração,
Susana e Soraia Ferreira

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____

1. Indica as línguas que sabes falar.

2. Se tivesses que explicar a alguém para que servem as línguas, o que dirias?

3. Tens na turma colegas que falam outra língua para além da língua portuguesa?
Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião.

Sim ☐ Não ☐

3.1 - Se respondeste sim na questão anterior indica que línguas falam esses teus colegas?

4. Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?

Sim ☐ Não ☐

4.1 - Se respondeste sim na pergunta anterior, indica o nome dos países que conheces em que se fala a língua portuguesa.

5. Sabes se a língua portuguesa se fala de forma diferente nos outros países em que se fala a língua portuguesa? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião

A língua portuguesa fala-se de forma diferente nos vários países	
A língua portuguesa fala-se da mesma forma nos vários países	
Não sei	

6. Sem ser Portugal, quantas pessoas achas que falam a língua portuguesa noutros países do mundo? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião

Nenhumas	
Muito, muito menos do que 1000	
Muito menos do que 1000	
Menos do que 1000	
1000	
Mais do que 1000	
Muito mais do que 1000	
Muito, muito mais do que 1000	

7. Já visitaste algum dos seguintes países? Assinala com um (x) a tua resposta.

Angola	
Brasil	
Cabo Verde	
Guiné-Bissau	
Guiné-Equatorial	
Moçambique	
São Tomé e Príncipe	
Timor-Leste	

8. Que língua(s) se falava nesse(s) país(es) que visitaste?

9. Como achas que surgiu/apareceu a língua portuguesa?

Anexo 3 - Questionário final

Caro aluno(a),

Agora que terminámos o projeto no âmbito do nosso estágio, precisamos novamente da tua ajuda. Para isso, vimos pedir-te que respondas a este questionário.

Ao responder ao questionário, tem em atenção o seguinte:

1. A resposta ao questionário é individual.
2. Lê com atenção as indicações de resposta para cada questão.
3. Neste questionário não há respostas certas ou erradas.

Obrigado, desde já, pela tua colaboração,
Susana e Soraia Ferreira

Nome: _____ Data: ____ / ____ / ____

1. Indica as línguas que sabes falar.

2. Tens na turma colegas que falam outra língua para além da língua portuguesa?

Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião.

Sim ☐ Não ☐

2.1 - Se respondeste sim na questão anterior indica que línguas falam esses teus colegas?

3. Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?

Sim ☐ Não ☐

3.1 - Se respondeste sim na pergunta anterior, indica o nome dos países que têm como língua oficial a língua portuguesa.

4. Sabes se a língua portuguesa se fala de forma diferente nos outros países em que se fala a língua portuguesa? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião

A língua portuguesa fala-se de forma diferente nos vários países	
A língua portuguesa fala-se da mesma forma nos vários países	
Não sei	

4.1. Se respondeste que a língua portuguesa se fala de forma diferente nos vários países, indica as diferenças que conheces.

5. Sem ser Portugal, quantas pessoas achas que falam a língua portuguesa noutros países do mundo? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião

Nenhumas	
Muito, muito menos do que 1000	
Muito menos do que 1000	
Menos do que 1000	
1000	
Mais do que 1000	
Muito mais do que 1000	
Muito, muito mais do que 1000	

6. Como achas que surgiu/apareceu a língua portuguesa?

Anexo 4 - Tratamento de dados - questionário inicial

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 1 - “Indica as línguas que sabes falar”:

	Português	Brasileiro	Inglês (algumas palavras)	Espanhol	Japonês	Russo	Francês	Chinês
Andreia	“Eu sei falar português [...]”	“Eu sei falar [...] brasileiro [...]”		“Eu sei falar [...] <i>espanhól.</i> ”				
Sara	“Eu sei falar português [...]”		“Eu sei falar [...] Inglês”					
Pedro	“Eu sei falar língua portuguesa [...]”	“Eu sei falar língua [...] brasileira ...”						
Bruna	“Eu sei falar português”							
Débora	“Português [...]”	“[...] <i>Brazileiro.</i> ”						
Simão	“Eu sei falar <i>Portugues.</i> ”							
Ricardo	“Eu sei falar Português [...]”		“Eu sei falar [...] Inglês”					
Ivo	“e sei português [...]”		“e sei [...] <i>algomas palavras igulês.</i> ”					

Rui	"[...]Português"		" <i>Inglês</i> [...]"					
Juliana		"Eu sei falar falar <i>brasileiro</i> ."						
António	"Eu sei falar [...] <i>portugué</i> [...]"	"Eu sei falar Brasileiro [...]"	"Eu sei falar [...] algumas <i>palavra ingles</i> ."					
Joel	"Português [...]"		"[...] algum inglês."					
Iara	"Sei falar [...] <i>portugues</i> [...]"		"Sei falar inglês [...]"		"Sei falar [...] <i>japones</i> ."			
Luísa		"Eu sei falar: brasileiro."						
Marina	"Português"							
Marisa		"Eu sei falar <i>brazileira</i> ."						
Micaela	"Sei falar Português [...]"	"Sei falar [...] Brasileiro."						
Marco	"[...] português [...]"	"[...] brasileiro."		"Espanhol [...]"				

Nicolau	"Eusee falar e a [...] <i>Portogesa.</i> "					"Eusee falar e a Rosa[...]"		
Bruno	" <i>Portugues</i> [...]"	"[...] <i>Prasil eiro</i> "					"[...] <i>Franses</i> [...]"	
Sónia	"Eu sei falar Português [...]"	"Eu sei falar [...] Brasileiro."						
Raquel		"Eu sei falar brasileiro [...]"		"Eu sei falar [...] espanhol [...]"			"Eu sei falar [...] <i>franses.</i> "	
Vanessa	"[...] <i>Portoguês.</i> "	"Brasileiro [...]"						
Samuel	"Eu <i>seu</i> falar [...] <i>português</i> [...]"		"Eu <i>seu</i> falar [...] <i>ingeles</i> "					"Eu <i>seu</i> falar [...] <i>chines</i> [...]"
Total	20	13	8	3	1	1	2	1

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 3 – “Tens na turma colegas que falam outra língua para além da língua portuguesa? Assinala com um (x) a opção que corresponde à tua opinião”:

	Sim	Não
Andreia	X	
Sara	X	
Pedro	X	
Bruna	X	
Débora	X	
Simão	X	
Ricardo	X	
Ivo	X	
Rui	X	
Juliana	X	
António	X	
Joel	X	
Iara	X	
Luísa	X	
Marina	X	
Marisa	X	
Micaela	X	
Marco	X	
Nicolau	X	
Bruno	X	
Sónia	X	
Raquel	X	
Vanessa	X	
Samuel	X	
Total	24	0

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 3.1 – “Se respondeste sim na questão anterior indica que línguas falam esses teus colegas?”:

	Brasileiro	Russo	Chinês	Inglês	Não sei
Andreia	“O meu colega fala brasileiro.”				
Sara		“Os meus colegas falam russo [...]”	“Os meus colegas [...] e chinês”		
Pedro	“[...] o outro fala <i>brasileiro</i> [...]”	“um fala <i>roso</i> [...]”	“[...] e outro fala <i>chines</i> .”		
Bruna	“Um fala brasileiro [...]”	“[...] e outro russo.”			
Débora	“ <i>Brasileiro</i> .”				
Simão	“Eles falam <i>Brasileiro</i> [...]”	“Eles falam [...] Russo.”	“Eles falam [...] <i>Chines</i> [...]”		
Ricardo		“Um deles fala Russo.”			
Ivo	“[...] brasileiro”	“Um <i>roso</i> [...]”	“[...] <i>xines</i> [...]”		
Rui	“Os meus colegas falam <i>Brasileiro</i> [...]”	“Os meus colegas falam [...] Russo [...]”	“Os meus colegas falam [...] <i>Chines</i> .”		
Juliana	“Os meninos que falam outra língua são 3 é [...] <i>brasileiro</i> [...]”	“Os meninos que falam outra língua são 3 é <i>rrroso</i> [...]”	“Os meninos que falam outra língua são 3 é [...] chinês.”		
António	“[...] eu brasileiro.”	“O meu colega fala [...] <i>rosso</i> [...]”	“O meu colega fala <i>chines</i> [...]”		
Joel	“Brasileiro [...]”	“[...] Russo.”			
Iara	“Falam [...] <i>brasileiro</i> [...]”	“Falam [...] russo.”	“Falam <i>xines</i> [...]”		

Luísa		“ <i>Eses</i> colegas falam: <i>ruso</i> [...]	“ <i>Eses</i> colegas falam: [...] <i>xines.</i> ”		
Marina					“Não sei”
Marisa	“Falam [...] <i>brazileiro</i> [...]	“Falam <i>rosso</i> [...]”	“Falam [...] <i>xines.</i> ”		
Micaela		“ <i>Esses</i> meus colegas falam: Russo [...]”	“ <i>Esses</i> meus colegas falam: [...] <i>Chinês</i> [...]”	“ <i>Esses</i> meus colegas falam: [...] <i>Inglês</i> ”	
Marco	“ <i>Os meu</i> colegas são [...] <i>Brasileiro.</i> ”	“ <i>Os meu</i> colegas são Russo [...]”	“ <i>Os meu</i> colegas são [...] <i>Chinês</i> [...]		
Nicolau		“ <i>Russu</i> [...]”	“[...] <i>Chines.</i> ”		
Bruno	“Falam <i>brasileiro.</i> ”				
Sónia	“O meu colega fala <i>Brasileiro.</i> ”				
Raquel	“Os meus colegas falam <i>brasileiro.</i> ”				
Vanessa	“[...] <i>brasileiro</i> [...]	“[...] <i>russo.</i> ”	“ <i>Chinês</i> [...]”		
Samuel	“[...] outros falam <i>Brasileiro.</i> ”	“[...] uns falam russo [...]	“Uns falam <i>chines</i> [...]”		
Total	18	18	15	1	1

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 4 – “Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?”:

	Sim	Não
Andreia		X
Sara	X	
Pedro		X
Bruna	X	
Débora	X	
Simão		X
Ricardo	X	
Ivo		X
Rui	X	
Juliana	X	
António		X
Joel	X	
Iara	X	
Luísa		X
Marina	X	
Marisa	X	
Micaela	X	
Marco		X
Nicolau	X	
Bruno	X	
Sónia		X
Raquel	X	
Vanessa	X	
Samuel	X	
Total	16	8

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 4.1 – “Se respondeste sim na pergunta anterior, indica o nome dos países que conheces em que se fala a língua portuguesa”:

	Brasil	Não existe	Cabo Verde	Não sabe	Suíça	Alemanha	França	Angola	China	Rússia	Outros
Andreia											
Sara	“o país que eu conheço é o Brasil.”										
Pedro											
Bruna	“os países que eu conheço e que se fala a língua portuguesa é o Brasil.”										
Débora	“Brazil.”										
Simão											
Ricardo	“É o Brasil.”										

Ivo		“Não <i>insiste</i> outro país que fale português.”									
Rui	“É o <i>Brazil</i> e Cabo Verde.”		“É [...] Cabo Verde.”								
Juliana											“Eu <i>colheso</i> a língua <i>bralisaira</i> .”
António				“Não sei???”							
Joel					“ <i>Suiça</i> [...]”	“[...]Alema nha [...]”	“[...]França.”				
Iara			“Eu só sei cabo verde.”								
Luísa											
Marina				“Não sei”							
Marisa	“Eu <i>conhesso</i> [...] Brasil.”							“Eu <i>conhesso</i> Angola [...]”			

Micaela	"É o Brasil."										
Marco											
Nicolau					"Soisa"						
Bruno							"A lingua portuguesa <i>tambem</i> se fala na <i>Fransa</i> ."				
Sónia											
Raquel	" <i>Falase</i> português do brasil."										
Vanessa	"Brasil."										
Samuel	"[...] no <i>Brasir</i> ."								"Na china [...]"	"[...] na <i>Russia</i> [...]"	
Total	10	1	2	2	2	1	2	1	1	1	1

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 5 – “Sabes se a língua portuguesa se fala de forma diferente nos outros países em que se fala a língua portuguesa? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião”:

	A língua portuguesa fala-se de forma diferente nos vários países	A língua portuguesa fala-se da mesma forma nos vários países	Não sei
Andreia			X
Sara	X		
Pedro			X
Bruna			X
Débora	X		
Simão	X		
Ricardo	X		
Ivo			X
Rui	X		
Juliana			X
António	X		
Joel			X
Iara	X		
Luísa			X
Marina	X		
Marisa			X
Micaela	X		
Marco			X
Nicolau			X
Bruno	X		
Sónia	X		
Raquel	X		
Vanessa	X		
Samuel	X		
Total	14		10

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 6 - “Sem ser Portugal, quantas pessoas achas que falam a língua portuguesa noutros países do mundo? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião”:

	Nenhumas	Muito, muito menos do que 1000	Muito menos do que 1000	Menos do que 1000	1000	Mais do que 1000	Muito mais do que 1000	Muito, muito mais do que 1000
Andreia						X		
Sara					x			
Pedro								X
Bruna					x			
Débora					x			
Simão								X
Ricardo					x			
Ivo	x							
Rui						x		
Juliana								X
António								X
Joel								X
Iara						x		
Luísa					x			
Marina				x				
Marisa								X
Micaela					x			
Marco					x			
Nicolau					x			
Bruno			x					
Sónia			x					
Raquel								X
Vanessa								X
Samuel	-							X
Total	1	0	2	1	8	3		9

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 9 – “Como achas que surgiu/apareceu a língua portuguesa?”:

	Não sabe	Homens das cavernas	Divina	Cientistas	Outros
Andreia	“Não sei”				
Sara	“Não sei.”				
Pedro					
Bruna					“Eu acho que a língua portuguesa surgiu com as pessoas que nasceram em Portugal.”
Débora	“Não sei.”				
Simão		“A <i>língua</i> portuguesa surgiu com os homens das cavernas.”			
Ricardo	“Não sei.”				
Ivo			“Acho que foi deus que <i>fes a língua portuguêsã.</i> ”		
Rui	“Não sei”				
Juliana			“Eu acho que <i>apariceo</i> no céu.”		
António					“Apareceu <i>sosinha.</i> ”
Joel	“Não sei.”				

Iara				<p>“Uns <i>seentistas</i> formaram uma letra e acharam esa letra muito parecida a uma letra, e depois eles foram <i>fasendo</i> letras e com eles foram lendo <i>porisenpo</i> o p eles liam com <i>lingua portuguessa</i> eles leram ise coisa mesmo bem.”</p>	
Luísa		<p>“Eu acho que a língua portuguesa surgiu quando <i>iziztio</i> os homens da caverna.”</p>			
Marina			<p>“Eu acho que Jesus falava Português e das <i>outra ilguas</i> e por isso apareceu a <i>ilgua Portuguêsa</i>”</p>		
Marisa	“Não sei”				
Micaela			<p>“Eu acho que a língua <i>potuguesa</i> surgiu <i>apartir</i> de Deus.”</p>		
Marco	“Não sei.”				

Nicolau					“Era uma vez um rei que <i>enventou</i> a <i>lingoa Portogesa</i> .”
Bruno	“Não sei”				
Sónia	“Não sei.”				
Raquel	“Não sei”				
Vanessa	“Não sei.”				
Samuel			“Eu acho que surgiu as <i>língua</i> porque o deus queria fazer <i>palavas</i> <i>diverentes</i> .”		
Total	12	2	5	1	3

Anexo 5 - Tratamento de dados - questionário final

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 1 – “Indica as línguas que sabes falar”:

	Português	Brasileiro	Inglês (algumas palavras)	Português do Brasil	Espanhol	Japonês	Russo	Francês	Mandarim
Andreia	“Eu sei falar [...] Português.”	“Eu sei falar [...] Brasileiro [...]”			“Eu sei falar espanhol [...]”				
Sara	“Eu sei falar português [...]”		“Eu sei falar [...] <i>êngles</i> ”						
Pedro	“ <i>portugues</i> [...]”	“[...] brasil.”							
Bruna	“Português, [...]”	“[...] <i>Brazileiro</i> [...]”	“[...] um bocado de Inglês”						
Débora	“[...] português.”	“ <i>brazileiro</i> [...]”							
Luís	“Português [...]”			“[...] português do Brasil”					
Simão	“[...] Português.”		“ <i>Ingle</i> [...]”						
Ricardo		“Brasileira, [...]”	“[...] <i>englês</i> ”						
Ivo		“Brasil.”							

Rui	"[...]Portugues [...]"		"Inlês [...]"					"[...] Frances."	
Juliana	"Eu sei falar a língua portuguesa"								
António	"[...] português"			"português do Brasil [...]"					
Joel	"Eu sei falar português [...]"		"Eu sei falar [...] inglês [...]"						"Eu sei falar [...] Mandarin."
Iara	"Sei falar [...] Portugues [...]"	"Sei falar [...] Brasileiro [...]"			"Sei falar [...] espanhol."	"Sei falar [...] japonês [...]"		"Sei falar francês [...]"	
Luísa	"Portugues, [...]"	"[...] Brasileiro [...]"	"[...] inguelles."						
Marina	"Português"								
Marisa	"Eu sei falar língua Portuguesa."								
Micaela	"Português [...]"	"[...] Brasileiro."							
Marco	"[...] Português."				"Espanhol [...]"			"[...] Francês [...]"	

Nicolau	“Sei falar português [...]”						“Sei falar [...] russa”		
Bruno	“[...] <i>portugue</i> ”							“ <i>Frances</i> [...]”	
Sónia	“Eu sei falar Português [...]”			“Eu sei falar [...] Português do Brasil.”					
Raquel	“[...] <i>portugues</i> [...]”	“Brasileiro [...]”			“[...] espanhol.”				
Vanessa	“português [...]”			“[...] português do brasil”					
Samuel	“Português [...]”	“[...], <i>brasilleiro</i> ”							“[...] <i>mandalim</i> , [...]”
Total	23	11	7	4	4	1	1	4	2

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 2 – “Tens na turma colegas que falam outra língua para além da língua portuguesa? Assinala com um (x) a opção que corresponde à tua opinião”:

	Sim	Não
Andreia		X
Sara	X	
Pedro	X	
Bruna	X	
Débora	X	
Luís	X	
Simão	X	
Ricardo	X	
Ivo	X	
Rui	X	
Juliana	X	
António	X	
Joel	X	
Iara	X	
Luísa	X	
Marina	X	
Marisa	X	
Micaela	X	
Marco	X	
Nicolau	X	
Bruno		X
Raquel	X	
Sónia		X
Samuel	X	
Vanessa	X	
Total	22	3

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 2.1 – “Se respondeste sim na questão anterior indica que línguas falam esses teus colegas?”

	Brasileiro	Russo	Mandarim	Português do Brasil	Chinês	Português	Sim
Andreia							
Sara		“Russo [...]”	“[...] Mandarim”				
Pedro		“[...] russo”		“português do brasil [...]”	“[...] chinês [...]”		
Bruna			“[...] Mandarim.”	“Português do <i>Brazil</i> [...]”			
Débora	“[...] brasileiro.”				“ <i>Xines</i> [...]”		
Luís		“[...] russo.”		“ <i>portugues</i> do Brasil [...]”	“[...] <i>chines</i> [...]”		
Simão		“[...] <i>rossu</i> ”		“português do Brasil [...]”	“[...] chinês [...]”		
Ricardo	“Ele fala Brasileiro”						
Ivo	“[...] brasileiro”				“[...] <i>xines</i> [...]”		

Rui		“O [...]fala russo [...]”			“[...] o [...] fala <i>xines</i> ”		
Juliana					“ <i>Telho</i> um chinês na minha turma.”		
António		“[...] <i>Ruso</i> ”		“ <i>Portugues</i> do Brasil [...]”	“[...] chinês [...]”		
Joel	“[...] Brasileiro [...]”	“[...]Russo.”	“ <i>Mandarin</i> ,[...]				
Iara	“Falam [...] Brasileiro, [...]”	“Falam [...] <i>ruso</i> [...]”			“Falam chinês [...]”	“Falam [...] <i>Portugues</i> ”	
Luísa	“[...] brasileiro.”	“Russo [...]”					
Marina	“[...] <i>brasilleiro</i> .”				“ <i>Xines</i> [...]”		
Marisa	“Temos [...] um brasileiro”				“Temos um <i>xines</i> [...]”		
Micaela	“[...] <i>Brazileiro</i> .”	“ <i>Ruso</i> [...]”			“[...]Chines [...]”		
Marco				“Português do <i>Brazil</i> [...]”	“[...] Chinês”		
Nicolau							“Sim sei.”

Bruno							
Sónia							
Raquel	“Um colega fala Brasileiro.”						
Vanessa		“russo [...]”			“[...] chinês.”		
Samuel	“Um fala [...] <i>Barasileiro</i> ”	“Um fala <i>Ruso</i> [...]”			“Um fala [...] <i>Chines</i> [...]”		
Total	11	12	3	6	15	1	1

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 3 – “Sabes se a língua portuguesa se fala noutros países para além de Portugal?”:

	Sim	Não
Andreia	X	
Sara	X	
Pedro	X	
Bruna	X	
Débora	X	
Luís		X
Simão	X	
Ricardo	X	
Ivo	X	
Rui	X	
Juliana	X	
António	X	
Joel	X	
Iara	X	
Luísa	X	
Marina		X
Marisa		
Micaela	X	
Marco	X	
Nicolau		X
Bruno	X	
Sónia	X	
Raquel	X	
Vanessa	X	
Samuel	X	
Total	22	3

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 3.1 – “Se respondeste sim na pergunta anterior, indica o nome dos países que conheces em que se fala a língua portuguesa”:

	Brasil	Moçambique	Macau	Portugal	Guiné-Bissau	Guiné-Equatorial	Cabo Verde	São Tomé e Príncipe	Timor-Leste	Angola	China	Canadá
Andreia	“No Brasil [...]”	“[...] em Moçambique [...]”	“[...] Macau ”									
Sara	“Brasil [...]”	“[...] Moçambique [...]”		“[...] Portugal [...]”	“[...] Guiné-Bissau [...]”	“[...] Guiné-Quatorial [...]”	“[...] Cabo Verde [...]”	“[...] São Tome e Principe .”				
Pedro	“Brasil [...]”	“[...] moçabique.”			“[...] Guiné bissau [...]”							
Bruna	“ <i>Brazil</i> [...]”		“[...] Macau [...]”					“[...]São Tomé e Príncipe. ”				
Débora	“no brasil. ”											
Luís												
Simão	“No Brasil [...]”	“[...] Moçanbiqué. ”			“[...] Guiné-Bissau [...]”							

Ricardo	"[...] Brasil [...]"		"[...] Macau [...]"	"Portugal [...]"	"[...] guiné-bissau [...]"	"[...] Guiné-gatorial, [...]"		"[...] São Tomé e Príncipe [...]"	"[...] Temor leste [...]"			
Ivo	"Brasil ."											
Rui	"[...] Brasil [...]"	"[...] Mocanbic."			"[...] Giné-bissao [...]"	"[...] Giné-Ecuatorial [...]"	"Cabo verde [...]"			"[...] Angola [...]"		
Juliana	"Eu sai se a língua <i>Porto guesa</i> se fala em outros paíse s: em Brasil [...]"										" Eu sai se a língua <i>Porto guesa</i> se fala em outro s paíse s: [...] na China ."	
António	"[...] Brasil ..."			" Portugal [...]"			"[. ..] Cabo verde [...]"	"[...] são tome e princepe [...]"				

Joel	"[...] Brasil [...]"	"[...] Moçambique [...]"	"[...] Macau [...]"	"Portugal [...]"	"[...] Guiné-Bissau [...]"	"[...] Guiné-Equatorial [...]"	"[...] Cabo-Verde [...]"	"[...] São Tomé e Príncipe [...]"	"[...] Timor-Leste [...]"	"[...] Angola [...]"		
Iara	" <i>Brasil eiro</i> [...]"			"[...] Portugal "	"[...] Guiné bisau[. ..]"	"[...] Guiné equatorial [...]"	"[...] Cabo verde [...]"	"[...] São Tomé e princepe [...]"				
Luísa	" <i>Brazil</i> [...]"				"[...] Gine Bissao [...]"			"[...] São Tomé e pricipes [...]"				"[...] Canada ."
Marina												
Marisa	"brasil ."											
Micaela	"[...] <i>Brazil.</i> .."				"Guiné - bissau [...]"	"[...] Guiné-equatoria [...]"						
Marco		"[...] Moçambique [...]"	"[...] Macau "		"[...] Guiné Bissau [...]"	"[...] Guiné Equatorial [...]"	"Cabo verde"	"[...] São Tomé e principe[...]"	"[...] Timor Leste [...]"	"[...] Angola [...]"		
Nicolau												
Bruno	"[...] Brasil"						"Cabo-verde[...]"					

Raquel	“Fala-se <i>portugues</i> no Brasil.”											
Sónia	“[...] Brasil [...]”	“[...] Moçambique [...]”	“[...] Macau [...]”	“Portugal [...]”	“[...] Guiné-Bissau [...]”	“[...] Guiné-Equatorial [...]”	“[...] Cabo-Verde [...]”	“[...] São Tomé e Príncipe [...]”	“[...] Timor-Leste [...]”	“[...] Angola .”		
Samuel	“[...] brasil [...]”		“[...] <i>Macou</i> ”		“ <i>Gine-bissau</i> ro [...]”	“ <i>[...] gine-equatorial</i> [...]”			“[...] <i>timor-lete</i> [...]”			
Vanessa	“[...] Brasil”				“[...] <i>inébisa</i> m [...]”			“ <i>São tomé e princepe</i> [...]”				
Total	21	8	7	6	13	9	8	10	5	4	1	1

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 4 – “Sabes se a língua portuguesa se fala de forma diferente nos outros países em que se fala a língua portuguesa? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião”:

	A língua portuguesa fala-se de forma diferente nos vários países	A língua portuguesa fala-se da mesma forma nos vários países	Não sei
Andreia		X	
Sara	X		
Pedro			X
Bruna	X		
Débora	X		
Luís			X
Simão	X		
Ricardo	X		
Ivo	X		
Rui	X		
Juliana	X		
António	X		
Joel	X		
Iara			X
Luísa			X
Marina	X		
Marisa	X		
Micaela	X		
Marco	X		
Nicolau		X	
Bruno	X		
Raquel	X		
Sónia	X		
Samuel	X		
Vanessa	X		
Total	19	2	4

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 4.1 - “Se respondeste que a língua portuguesa de fala de forma diferente nos vários países, indica as diferenças que conheces”:

	Sotaque	Não sei	Palavra	Outro
Andreia				
Sara	“No Brasil fala-se com um sotaque e em Portugal não.”			
Pedro				
Bruna	“No som e no sotaque”			
Débora		“Não sei”		
Luís				
Simão	“É o <i>sutaque</i> ...”			
Ricardo	“setoque”			
Ivo				“o <i>portugues</i> do brasil”
Rui			“na palavra bala na variante Portuguesa”	
Juliana	“Tem um <i>sotáque</i> .”			
António				“No Brasil, São Tome e princepe , Portugal e Cabo verde...”
Joel		“Não sei”		
Iara				
Luísa				
Marina	“ <i>Tenhem</i> um sotaque.”			
Marisa	“ <i>tenhei</i> um setaque”			

Micaela	"A diferença é do sotaque."			
Marco	"Sotaque [...]"		"[...] diferença é das palavras"	
Nicolau				
Bruno	"A diferença e o <i>sotaque</i> [...]"		" [...]as palavras são <i>diferrentes</i> mas <i>sao</i> iguais"	
Raquel			"rebuçado-bala exporte-desporto"	
Sónia	"Eu só <i>conheco</i> o <i>sotac</i> [...]"		"Eu só <i>conheco</i> [...] as palavras escreem-se de forma diferente nos vários países."[
Samuel	"Alguns falam de forma diferente."		"Alguns falam de forma diferente."	
Vanessa	"o som das palavras [...]"		" [...] <i>aescreta</i> ."	
Total	13	2	7	2

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 6 – “Sem ser Portugal, quantas pessoas achas que falam a língua portuguesa noutros países do mundo? Assinala com um (X) a opção que corresponde à tua opinião”:

	Nenhumas	Muito, muito menos do que 1000	Muito menos do que 1000	Menos do que 1000	1000	Mais do que 1000	Muito mais do que 1000	Muito, muito mais do que 1000
Andreia					X			
Sara							X	
Pedro								X
Bruna								X
Débora								X
Luís							X	
Simão								X
Ricardo								X
Ivo				X				
Rui								X
Juliana								X
António								X
Joel								X
Iara								X
Luísa				X				
Marina			X					
Marisa			X					
Micaela								X
Marco						X		
Nicolau		X						
Bruno								X
Raquel								X
Sónia								X
Samuel						X		
Vanessa								X
Total	0	1	2	2	1	2	2	15

Distribuição das unidades de registo, das respostas obtidas à questão 9 – “Como achas que surgiu/apareceu a língua portuguesa?”:

	Latim (origem latina)	Homens das cavernas	Divina	Não sei	Cientistas	Espalhou-se/ outras pessoas sabiam falar	Impercetível
Andreia	“Eu acho que a língua Portuguesa surgiu com o latim [...]”	“Eu acho que a língua Portuguesa surgiu [...] com os homens das <i>cavérnas</i> que começaram a falar palavras que nós hoje em dia falamos.”					
Sara	“A <i>lingua</i> portuguesa surgiu do latim.”						
Pedro		“Com os <i>omens</i> das cavernas.”					
Bruna	“Pelo latim.”						
Débora	“No latim.”						
Luís		“Com os <i>omeins</i> da cavernas”					

Simão		"Com os homens das <i>cabernas</i> ."					
Ricardo	"Pelo o latim."						
Ivo			"A <i>lingua portuguesa</i> surgiu porque deus as criou [...]"				
Rui	"A <i>lingua</i> portuguesa surgiu na origem latina."						
Juliana				"Não sei"			
António						"a <i>lingua</i> portuguesa <i>espararão</i> sobre o mundo inteiro"	
Joel	"Com a língua latina."						
Iara					"Com <i>ceentistas</i> "		
Luísa		"Pelos homens da caverna."					
Marina			"Acho que o Jesus sabe falar de todas as línguas do			"Acho que [...]ouve gente que soube falar <i>desas</i> línguas"	

			mundo [...]"				
Marisa				"Não sei"			
Micaela	"A língua portuguesa surgiu no latim."						
Marco	"Com o latim."						
Nicolau							"Ela <i>aparseu</i> do <i>bazel</i> "
Bruno	"A língua Portuguesa <i>surjiu</i> latim"						
Raquel	"Pelo latim."						
Sónia	"Eu acho que teve origem no latim [...]"					"Eu acho que [...] espalhou-se em vários países e as pessoas começaram a ir aprendendo mais palavras."	
Samuel							Impercetível
Vanessa							Impercetível
Total	12	5	2	2	1	3	3

Anexo 6 - Transcrições das vídeogravações

Contexto: Escola do 1º ciclo do Ensino Básico

Legenda:

- **Susana:** Professora estagiária
- **Soraia:** Professora estagiária
- **OC:** Orientadora Cooperante
- (...): representam repetições, interrupções e chamadas de atenção decorrentes do ambiente de gestão de aula ou momentos que não se consideram pertinentes no decorrer da sessão.

Transcrição da vídeogravação da sessão 1 do dia 19 de abril de 2017

(...)

Susana: Vamos aprender uma coisa diferente, nova e muito especial. Eu e a professora Soraia vamos fazer com vocês um projeto que é muito especial...que nós vamos descobrir. E deste projeto vamos fazer uma viagem pelo mundo.

Ricardo: A carrinha mágica.

Susana: Não, mas nesta viagem nós não vamos dizer os sítios que vamos visitar...não vou dizer quais são os sítios que vão visitar

Rui: Vamos adivinhar

Susana: vocês é que vão descobrir.

Sara: Ai, mas tem de nos ajudar.

Susana: sim eu ajudo.

Este projeto é sobre as línguas...as línguas que falamos. Vocês lembram-se do questionário que nós tínhamos feito antes de ir de férias, sobre as línguas?

(...) Então eu quero saber, só põe o dedo no ar quem sabe a resposta, que língua é que se fala em Portugal?

Marco: Português

Susana: Português ou...alguém sabe outro nome, sem ser português? (...)
Língua port...

Vários alunos: língua portuguesa.

Susana: Então e dos meninos da turma, quem é que fala a língua portuguesa?
(À exceção do aluno chinês e do aluno brasileiro, todos os restantes colocaram o dedo no ar)

Susana: (Dirigindo-se ao aluno chinês) Samuel, tu não falas a língua portuguesa?

Samuel: Falo.

(...)

Susana: António?

António: Mais ou menos

Susana: Mais ou menos?

Joel: Fala!

Susana: quem é que acha que o António fala português?

(A maioria dos alunos coloca o dedo no ar)

Joel: Fala, no primeiro dia estava a falar!

Susana: Então isso significa que todos aqui na sala falamos a língua portuguesa, certo? Todos falamos a língua portuguesa mas...quando eu passei o questionário aos meninos (...), com aquelas perguntas...eu perguntava assim: Que línguas sabes falar? E houve aqui meninos que não disseram que sabiam falar português.
(Alguns alunos revelam-se espantados)

Mas então todos sabemos falar português, não é verdade?

Alunos: sim.

Susana: As línguas que sabemos falar, não são só aquelas para além da nossa. Porque a nossa língua, também a aprendemos a falar, não é verdade?

Joel: os bebés aprendem português.

Susana: Sim, desde bebés nós aprendemos português ou outras línguas, portanto todos sabemos falar a língua portuguesa.

Havia outra questão em que eu perguntava se na turma havia meninos que falavam outras línguas. Quais Marina? Que meninos da turma falam outras línguas?

OC: Quem é que aqui na sala fala outra língua em casa que não é o português? Diz lá Pedro. Quem é que aqui não fala português, lá em casa, na sua casa. Juliana?

Juliana: Brasileiro.

OC: (...) Mas quem é que além do português, fala uma língua estrangeira lá em casa? Joel? Dos meninos aqui da sala.

Joel: eu tento falar inglês.

OC: Não és tu. Tu és português. Inglês, todos nós podemos falar inglês, alemão... Todos nós podemos aprender a falar, desde que aprendamos, certo? Mas não é isso (...) há meninos aqui estrangeiros ou não há meninos estrangeiros?

Joel: O Nicolau.

OC: O Nicolau. Que língua é que fala o Nicolau?

Vários alunos: Russo.

OC: E mais, há mais algum menino? (..)

Vários alunos: o Samuel (menino chinês)

Susana: o Samuel. Que língua fala?

Vários alunos: Chinês.

Susana: (...) Vocês dizem Chinês mas então em vou esclarecer: O verdadeiro nome da língua não é Chinês. (...) O verdadeiro nome é mandarim.

Então se temos o Nicolau que fala Russo, e temos o Samuel que fala o Mandarim, isso significa que nos no nosso país temos outras pessoas que falam outras línguas, certo?

Vários alunos: sim

Susana: E tal como no nosso país temos pessoas que falam outras línguas, nos outros países (...) será que também se fala português?

Rui: sim.

Susana: O Rui diz que sim, quem é que concorda com o Rui?

(...)

Joel: Suíça, Alemanha.

(...)

Micaela: Brasil.

Susana: Nós mais à frente vamos descobrir um bocadinho mais sobre isso. (...)
Mas então digam-me uma coisa (...) se em Portugal (...) se fala português e também se falam outras línguas, como é que nós sabemos que o português é a língua de Portugal? Como é que nós distinguimos?

(Os alunos pensam)

Todos nós falamos português, vocês disseram que a língua de Portugal é o português, a língua portuguesa... se nos tivéssemos de explicar a alguém qual é a língua que se fala em Portugal porque é que nós distinguimos, porque é que a língua que se fala em Portugal, não é outra e é o português?

(...)

Micaela: Porque Portugal e português começa pela mesma letra.

Susana: Também mas não é só isso. (...) Agora há pouco o Joel tinha dito uma coisa muito importante...como é que tu disseste Joel, os bebés...?

Joel: Aprendem a falar português.

Susana: Aprendem a falar português, ou seja.. (interrupção do Joel) Joel: aprendem a falar a sua língua.

Susana: Quando nós nascemos, nós que nascemos cá em Portugal, qual foi a língua que nos aprendemos?

Vários alunos: Português

Susana: Foi o português. (...) Qual é a língua que nós aprendemos na escola?

Juliana: Português.

Susana: Qual é a língua que nós ouvimos falar, por exemplo, na televisão? Quando ouvimos o telejornal, as notícias?

(...)

Micaela: Português

Susana: Português. Então (...) é a língua que nós aprendemos a falar quando nascemos, é a língua que aprendemos na escola, é a língua que nós ouvimos na televisão... e a isto nós chamamos, o nome correto para nós identificarmos a língua do nosso país, chama-se língua oficial.

Porque falam-se muitas línguas, mas a língua de Portugal é a língua oficial, que é para nós distinguirmos (...)

OC: (...) é própria de um país.

Susana: que é para nos distinguirmos que é a língua do nosso país. E em Portugal a língua oficial é o português. Que é também utilizada, por exemplo, para fazer as leis, porque as leis que fazem com que dê para governar o nosso país e as leis são todas feitas em português.

E então, nos para descobrir-mos mais coisas acerca da língua portuguesa , eu vou fazer aqui uma chuva de ideias.. e vai ser (ter como título) o que nós pensamos saber acerca da língua portuguesa.

(registo das ideias dos alunos no quadro branco)

(...) ideias que coisas que nós sabemos saber acerca da língua portuguesa?

(...)

Micaela: Toda a gente que é portuguesa aprendeu a língua portuguesa.

(...)

Susana: Pensem um bocadinho, então o que é que nós já sabemos sobre a Língua Portuguesa? Onde é que se fala a LP?

Vários alunos: Portugal, Brasil

Joel: Brasil e Espanha

Susana: Os países que vocês estão a dizer é uma questão muito interessante mas que nós vamos falar depois, noutra altura.

Países em que se fala a LP, em Portugal e no Brasil (...)

Em Portugal a LP é oficial, certo? E há aqui meninos que dizem que também se fala português no Brasil. Será que no Brasil também é língua oficial?

Vários alunos: não

Susana: Vamos descobrir isso mais à frente

António: É português do Brasil

(A Soraia alerta para questionar o António quanto ao que ele tinha dito)

Susana: António, o que é que tu tinhas dito acerca da língua portuguesa? (..)

António: nada

Susana: Nada? Que língua se fala no Brasil?

António: Brasileiro

Susana: o António diz que no Brasil se fala brasileiro e isso é uma questão muito importante que nós vamos esclarecer hoje.

António: Portugues do Brasil

Susana: Português do brasil, muito bem. Então no Brasil fala-se português do brasil. Nós já vamos esclarecer isso melhor um bocadinho à frente.

Então, eu trago aqui assim um livro que nos vai ajudar a descobrir um pouquinho mais e chama-se (...) Então o livro que eu trago aqui chama-se Esta Língua Portuguesa e é de um senhor chamado José Jorge Letria.

O livro conta-nos um bocadinho como é que surgiu a LP, onde é que se fala, e nós vamos descobrir um pouquinho mais.

Eu vou dar a cada menino (...) uma folha com o texto que é sob a forma de poema e que cada um vai ter, para nós lermos, para explorarmos e à medida que nós vamos descobrindo uma coisa nova sobre a LP...eu vou dar também uma outra folha em que vamos escrever um título, que eu já digo qual é... para escrevermos o que é que nós vamos descobrindo acerca da LP, combinado?

Não se esqueçam de escrever o nome e a data.

(distribuição das folhas com o poema para os alunos lerem)

Susana: Primeiro eu vou ler o poema todo e vocês vão ouvir e diz assim: (leitura do poema acompanha da exploração de algumas palavras desconhecidas das crianças)

Nós agora vamos explorar o poema por bocadinhos e quando descobrirmos uma coisa nova vão escrever nesta folha. Vão escrever o nome e a data e vão escrever o título que eu vou por no quadro. (distribuição das folhas pautadas)

Então se nos vamos descobrir coisas acerca da LP, qual poderá ser o título?

Ricardo: Coisas novas

Susana: podia ser o que descobrimos..

Ricardo: ...Da LP

Susana: ...sobre a LP.

(...)

Vá escrever o título: o que descobrimos acerca da LP.

Nós vamos ter aqui assim o poema no quadro (interativo) e vocês acompanham pela vossa folha. (...)

Poema: é uma língua tão antiga (...) Será que a LP é muito muito antiga?

Joel: É

Susana: aqui o autor diz-nos que a língua é muito antiga.

Joel: Jesus nascia e era português.

Susana: isso já é outra questão

Joel: E Deus também era.

Susana: Depois diz..teve o latim por avô que primeiro foi romano. Quem é que já, daqui, ouviu falar no latim? Já alguém ouviu esta palavra alguma vez? Diz Juliana.

(...) (alguns alunos dizem: eu já ouvi.)

Juliana: A minha mãe já me disse essa palavra mas eu não sabia o que é que era.

(...)

Micaela: eu já ouvi só que não sei bem o que significa.

Susana: diz Bruna sabes o que é?

Bruna: É uma língua

Susana: muito bem. O latim é uma língua, muito antiga...diz aqui assim teve o latim por avô que primeiro foi romano. Os romanos eram as pessoas que viviam em Roma. Era o povo que vivia em Roma, na Itália, que trouxeram para cá para Portugal a língua que eles falavam que era o latim. (...)

Então deste bocadinho aqui o que é que nós aprendemos sobre a LP?

Então a LP é uma língua...como diz aqui no início..como é que é a LP?

Vários alunos: antiga

Susana: e vocês escrevem, é uma língua antiga (...) E teve origem em que língua?

Micaela: latim

(Registo das ideias na folha pautada e no quadro)

(..)

Susana: temos de continuar para descobrir mais coisas sobre a língua portuguesa. (...) Depois diz assim (leitura do poema...a Língua cresceu com o país/ Que se alongou até ao sul / E chegou às ilhas. Então que ilhas serão estas? Portugal, tem ilhas... Marco que ilhas são estas? Ma...

Marco: Madeira.

Susana: E..

Marco: ... e Açores

Susana: São os arquipélagos da Madeira e dos Açores. Então e será que a língua se alongou só até ao sul e até às ilhas? Será que a língua não cresceu mais para além disso? Para outros locais? Para outros países?

Rui: sim

Susana: o Rui diz que sim. Porquê Rui?

Rui: porque a minha madrinha nasceu cá mas está na Suíça a trabalhar.

Susana: Sim mas agora há pouco nós tínhamos referido que a LP se fala no Bra..

Vários alunos: Brasil

Susana: então será que a língua chegou lá? Cresceu e chegou até lá?

Vários alunos: sim

Susana: então deste bocadinho o que é que nós aprendemos da LP?

Marco: A língua cresceu para vários países

Susana: o Mateus diz a língua cresceu (...)

(registo no quadro)

Susana: Vamos ter de descobrir que países são estes.

Rui: Brasil

Marco: Suíça

Susana: calma, já vamos ver

Joel: brasil e portugal

(...)

Susana: Depois diz assim: foi a língua da viagem. Da viagem de quem?

Marco: Jesus

Susana: o marco diz que é de Jesus

Micaela: de Deus

(deu-se continuação)

Susana: a língua foi a viagem do assombro e da aventura, usada para relatar descobertas e naufrágios.

Antigamente havia uns senhores que saíam de Portugal, daí a língua alongou-se, cresceu. Saíam de Portugal e viviam medos, aventuras, faziam novas descobertas, às vezes faziam naufrágios, às vezes os barcos partiam e eles iam parar às praias.

(Continuando....) triunfos e derrotas nas mais remotas paragens. Então quem seriam estes senhores que saíam de Portugal?

Marco: Jesus

Micaela: Deus

Joel: Os que iam buscar bacalhau

Pedro: os romanos

Susana: não, eram os por..

Micaela: portugueses

Joel: Os que iam buscar bacalhau

Susana: o Joel diz os que iam buscar bacalhau, iam nas viagens, daí estas viagens que fala aqui (no texto) Micaela?

Micaela: os portugueses

Susana: Os portugueses, porque as pessoas que vivem em Portugal são os...

Vários alunos: portugueses.

(..)

Susana: como eu estava a dizer os portugueses faziam viagens, faziam descobertas, descobriam novas coisas e foram ter às mais remotas paragens. Remotas paragens são paragens longínquas. Que paragens seriam estas?

Joel: Noruega.

Susana: Seriam outros países?

Vários alunos: sim

Sara: sim, nas ilhas

Susana: Nas ilhas, já falamos..então os portugueses iam descobrir outros...outros quê?

Joel: outras coisas

Pedro: países

Susana: Pedro diz

Pedro: países (..)

(Registo no quadro e na folha de registo)

(...)

Susana: A árvore desta língua tem pássaros pousados nos ramos mais altos da fala para poderem levar consigo a beleza desta língua até ao fim do mundo.

Ou seja, a árvore desta língua tem pássaros pousados nos ramos mais altos da fala que levam esta língua até ao fim do mundo. Será que são os pássaros que levam a língua até ao fim do mundo?

Vários alunos: Não

Susana: Oram pensem, dedo no ar.

Pedro: são os portugueses. São as pessoas que vão para outros países

Susana: Rui...

Rui: nos quando tivermos filhos vamos transmitir aos nossos filhos e depois os nossos filhos vão transmitir aos seus filhos e vai ser sempre a seguir.

Susana: também, vamos transmitindo de uns para os outros.

Susana: o que é que tu estavas a dizer Pedro?

Pedro: são os portugueses que levam as falas para outros países

Susana: são os portugueses que levam as falas são os portugueses que levam as falas para outros países, porque falam e ensinam a outras pessoas, muito bem. Então, até ao fim do mundo. O fim do mundo aqui o que é que representa? Micaela o que é que significa aqui o fim do mundo? Levam a língua até ao fim do mundo..

Micaela: até ao espaço

Susana: até ao espaço, não, então no espaço há lá pessoas que falam? Não.

Micaela: até vários países.

Susana: até vários países, aqui o fim do mundo são vários países, muito bem.

(...)

Susana: para poderem levar consigo a beleza desta língua até ao fim do mundo, pois mesmo nesse lugar há-de haver quem a fale. Ou seja era o que eu estava a dizer à pouco, em outros lugares existem pessoas que falam a LP.

Agora uma parte também muito importante

É uma língua que se veste de Baiana no Brasil...aqui diz que a língua se veste de baiana no Brasil. Será que a língua se veste e baiana?

Vários alunos: Não

OC: sabem que as baianas têm uma saia com muita roda, muito comprida até aos pés. (...)

Susana: aqui diz que a língua se veste de baiana no brasil

OC: o que é que isto quer dizer? O que será que isto quer dizer? Quem é que quer falar?

Susana: se as baianas são as senhoras que vivem lá no Brasil

Joel: não vivem, dançam..

OC: Não, elas vivem! Não dançam só.(...)

Susana: Elas não vão vestir a língua mas vão...

Micaela e Sara: dançar

Susana: Não, que relação tem a língua com as baianas? Estamos a falar da língua não se esqueçam

Andreia: Dançar e falar português

Susana: diz Andreia, diz alto

Adriana: Dançar e falar português

Susana: falar português, as baianas falam português.

Joel: com sotaque.

Susana: de uma maneira ligeiramente diferente, muito bem. Portanto é uma língua que se veste de baiana no brasil, ou seja é uma língua que se fala no Brasil, muito bem. (...) Depois, ganhando feitiços de som, em angola e moçambique e novos significados lá pras bandas de timor. Isto aqui de ganhar novos feitiços de som.

Sara: não é feitiços (falando em tom de voz baixo)

(...)

Susana: então se não são mesmo feitiços..

(...)

Rui: são novas palavras

Susana: Novas palavras, boa. A LP ganha novas palavras em...quais são os países?

Andreia: em Angola e Moçambique, ou seja LP fala-se...

Vários alunos: Em angola e Moçambique

OC: que é em África. E também, e também, onde? Ora vejam lá o resto o poema. E também onde?

Rui: Timor

OC: Em timor, exatamente

Susana: Timor, ganha novos significados. Ou seja, uma palavra tem um significado cá em Portugal e pode ter outro em (um aluno refere Timor) Timor.

Ou seja a Língua Portuguesa (registo no quadro branco) fala-se no Brasil (...), em Angola

Joel: e moçambique. (ver se foi registado timor) (continuação do registo).

Susana: nós no início pensávamos que a LP se falava em Portugal e no Brasil. Tínhamos referido o Brasil. Já viram que outros países nós descobrimos onde se fala a Língua Portuguesa?

Joel: mais três.

Sara: angola, moçambique e ...

Susana: e timor. Muito bem. Depois diz assim (continuação da exploração do poema)

Uma língua tão amena, que eu tinha dito que era agradável, que no Brasil abre as vogais, e em Portugal as fecha. O que será que isto quer dizer? Dedo no ar quem souber a resposta. O que sera que significa que em Portugal abre...no Brasil abre as vogais?

Rui: acho que é por causa que no Brasil..

Andreia: há novas vogais

OC: não

Susana: não há novas vogais, são as mesmas

OC: não é nada disso. as vogais são ditas..

Aluno: de outra maneira.

Rui : com sotaque e aqui não.

OC: sotaque, não é sotaque. Com sotaque, são ditas de uma forma aberta, os “a” os “e”. ok? Tem um som mais forte. Ora ouçam a professora.

Susana: por exemplo (...) o António, nasceu no Brasil, certo António? (dirigindo-se ao aluno brasileiro)

António: sim

Susana: e fala a Língua Portuguesa do Brasil. Vocês já repararam que o António diz as palavras com um som ligeiramente diferente.

(...)

António, diz sapato

António: sapato (pronunciou a palavras com pouca abertura das vogais).

OC: sapato (pronuncia abrindo as vogais)

Susana: (sapato (pronunciando abrindo as vogais)

OC: as vogais são mais fortes

Nós cá dizemos sapato (vogais fechadas) (...) olhem nós em Portugal...

Por exemplo, diz Manuel. Diz Manuel António.

António: Manuel

OC: diz alto

António: Manuel (abrindo as vogais)

OC: Manuel (forma como se ouve) o “el” dele já se ouve mais alto.

Joel: o “el” dele em vez de ser “el” é um “eu”

Susana: se vocês não ouvirem o antonio não compreendem o porquê de no Brasil se abrir as vogais. Por exemplo (...) nós quando dizemos, por exemplo, sapato..”sa” quase não abrimos a boca (dando o exemplo). E lá dizem sapato (pronunciando com as vogais abertas) abrem mais a boca.

(Vários alunos reproduzem)

Olha diz (dirigindo-se ao alunos brasileiro) animal (...)

António: animal (abrindo as vogais)

Susana: ele abre mais a boca para dizer as palavras (...) Será que a LP (...) se fala da mesma maneira nos diferentes países? (...)

Marina: não

Susana: a Marina diz que não, porque? Eu perguntei, será que a LP se fala da mesma maneira nos diferentes países?

Marina: Não

Susana: Porquê?

(...)

Marina: tem um sotaque diferente, tem um som diferente

(registo no quadro branco)

Susana: vocês lembram-se agora a pouco quando disseram que a LP se falava noutros países como em Inglaterra, como a Suíça, como a França...mas olha pensem bem: na Inglaterra que língua é que se fala?

Vários alunos: inglês

(...)

Susana: a língua de Inglaterra é o inglês. Rui, na França que língua se fala?

Rui: francês

Susana: (...) a língua desses países é a língua...como é que tínhamos aprendido agora há pouco?

Samuel: Oficial

Susana: muito bem...ou seja, se nesses países a língua oficial é o inglês e o francês, isto significa que no Brasil, em Angola, Moçambique e Timor qual é a língua oficial?

Sara: português

Susana: é o português...a diferença entre esses países que vocês referiram e estes que nós estamos a aprender, é que nestes países a língua oficial é a Língua Portuguesa ou o português. Compreenderam a diferença?

Nesses países, como em Inglaterra a França, fala-se lá o português porque vão para lá outros portugueses falar a nossa língua (...)

Susana: vamos só acabar.

A árvore desta língua, cresce no nosso quintal e definha de vergonha sempre que a tratam mal com os erros cometidos. O que será que isto significa?

Andreia: tratam mal as letras porque nós damos erros

OC: exatamente, isso é uma razão. É por isso que estamos na escola a aprender a escrever bem.

Susana: ou seja o que é que nós temos de fazer para não tratar mal a nossa língua?

Andreia: não ter erros nas nossas fichas ... falar bem quando estamos a falar com as outras pessoas.

Susana: muito bem, é isso mesmo

Continua-se a ler o poema

(...)

Susana: o último bocadinho diz assim:

E o orgulho que temos

nesta Língua Portuguesa

irá do berço para a escola

e da escola para a rua,
será sempre minha e tua.

Susana: Este bocadinho diz-nos....diz Micaela.

Micaela: que a nossa língua vai ser sempre a língua dos nossos filhos

Susana: dos nossos filhos....nossa e dos nossos filhos

(...)

Sara: quer dizer, a parte do berço para a escola, quer dizer que nós aprendemos a língua desde bebés.

Susana: muito bem, aprendemos a língua desde bebés (...) irá do berço para a escola e da escola para a rua. Para a rua, isto é, quando falamos com as outras pessoas.

(...)

Susana: então e neste bocadinho diz: e o orgulho que temos nesta Língua Portuguesa.

Joel: devia de ter ...

Susana: diz Joel

Joel: devia no final ter: será sempre de todos. Era o que devia estar no final.

Susana: pois mas neste caso era para rimar: da escola para a rua, será sempre minha e tua.

Então diz este bocadinho que devemos ter orgulho na nossa língua. Porquê? Olha pensem lá bem, tudo o que nós já descobrimos da Língua Portuguesa neste poema, porque é que nós devemos ter orgulho na nossa língua?

Joel: porque é nossa.

Andreia: porque a língua é nossa e temos de respeitar a dos outros.

Susana: muito bem. Temos de respeitar a nossa e a dos outros.

Micaela: por causa que nem toda a gente tem a mesma língua.

Susana: sim, nem toda a gente tem a mesma língua. Mas porque é que devemos respeitar a NOSSA língua?

Sara: porque é nossa e a língua dos outros também devemos respeitar.

(...)

Susana: Então agora de tudo o que aprendemos sobre a Língua Portuguesa, acrescentámos muitas ideias aquilo que nós tínhamos visto no início, recordam-

se? Que só tínhamos registado duas ideias no início e aprendemos coisas novas. Aprendemos que a língua é antiga, teve origem no latim, mais?

(...)

Sara: a língua cresceu para vários países. Os portugueses descobriram novos países. A Língua Portuguesa fala-se no Brasil, em Angola e em Moçambique e Timor. Fala-se de maneira diferente nos outros países e devemos respeitar a nossa língua.

Susana: Muito bem, então e nesses países que nós referimos aí, o Brasil, Angola, Moçambique a Timor, a Língua Portuguesa lá é língua o quê?

(...)

Andreia: língua oficial

(...)

Transcrição da vídeogravação da sessão 2 do dia 19 de abril de 2017

Susana: Então e será que...nós com este poema descobrimos alguns países onde a Língua Portuguesa é oficial. Será que existem mais?

Sara: Sim.

Susana: Vamos descobrir?

Joel: Vamos!!

(...)

Susana: Quando vocês preencheram os questionários, havia lá uma perguntinha que dizia: Será que se fala a Língua Portuguesa noutros países? Alguém se recorda de ter referido algum outro país que nós ainda não temos aqui no nosso papel?

Rui: Eu sei

Susana: Diz rui

Rui: África

Susana: Não é África. Lembra-te no nome do país.

Joel: Cabo Verde.

Susana: Muito bem, era esse que tu querias dizer Rui?

(...)

OC: Ora o Rui foi lá. As pessoas falavam português não falavam? Com um sotaque diferente

(...)

Rui: Eu só pensava que falavam outras línguas e depois vi lá uma tabela que estava uma bandeira de Portugal, uma bandeira de França e uma bandeira de Inglaterra. Quer dizer que falavam português, francês e inglês.

Susana: É verdade que em cabo verde se fala Língua Portuguesa. Então, agora vamos descobrir, vamos ver um vídeo para descobrir se existem ou não outros países onde se fala a Língua Portuguesa.

(...)

(Depois de visualizado o vídeo, procede-se ao registo dos países de língua oficial portuguesa)

Susana: Então qual é o primeiro país...

Vários alunos: Portugal, Brasil

(...)

Samuel: Cabo Verde

Bruna: Angola

Joel: São Tomé e Príncipe

(...)

Juliana: Moçambique

(...)

Andreia: Macau

Simão: Timor

Susana: Timor-Leste...vão pensando nos outros.

(...)

Marco: Guiné-Bissau

Susana: Falta algum? Pensem bem

Pedro: São dez!

Susana: Falta algum? (...) Alguém se lembra?

(...)

Susana: Então vamos ver outra vez o vídeo para ver qual é que nos falta

(Repete-se novamente a visualização do vídeo e os alunos identificam o país que falta)

Juliana: Guiné-Equatorial

(...)

Susana: Vamos só ver os outros países. Mas são países onde se fala por um número pequenino de pessoas.

(O vídeo refere que a Língua Portuguesa também é falada nos antigos territórios da Índia portuguesa em Goa, Damão, ilha de Anjediva, Simbor, entre outros)

(...)

Soraia: Estes países que estão nesta lista são países onde se fala a Língua Portuguesa mas não é a língua oficial.

Sara: Fala-se só um bocadinho

Susana: Sim isso mesmo

Soraia: Só se fala por muito pouquinhos pessoas, não é a língua oficial.

(...)

(A sessão prossegue com a identificação e localização dos continentes, bem como a identificação de qual o continente a que pertence cada um dos países de língua oficial portuguesa)

Transcrição da vídeogravação da sessão 4 do dia 3 de maio de 2017

Susana: Hoje vamos voltar a falar sobre a Língua Portuguesa (...)

Então em que países é que nós vimos que se fala a LP? Samuel? (pedido aos alunos que colocam o dedo no ar para responderem na sua vez)

Samuel: Brasil

Raquel: Guiné-Bissau

Luísa: São Tomé e Príncipe

Marina: Cabo Verde

Iara: Guiné-Equatorial

(...)

Pedro: Moçambique

Rui: Portugal

Susana: Portugal, claro

Micaela: Angola

Andreia: Moçambique

Susana: Já foi dito.

Bruno: Macau

Susana: Macau, falta algum?

*(...)

Joel: Timor-Leste

Susana: Então e nesses países a LP é o quê? Qual foi o termo que nós aprendemos? Diz Samuel.

Vários alunos: (quase em simultâneo) oficial

Samuel: Oficial

Susana: Muito bem. Então e eu agora faço a pergunta ao contrário. Que língua se fala no Brasil? Diz Ivo.

Ivo: fala-se português com sotaque.

Susana: fala-se português com sotaque, isto é, fala-se de maneira

Vários alunos: diferente

OC: Deixe-o dizer professora...

António: Português do Brasil

Susana: Português do Brasil. É uma variante da Língua Portuguesa, muito bem. Então e em São Tomé...em São Tomé e Príncipe, que língua se fala?

Marco: Português

(...)

Susana: Muito bem, e nos outros países também. Para além da Língua Portuguesa, que é língua oficial, falam-se outras línguas que não são oficiais. Então, eu agora vou colar no quadro umas palavras, e não dizem nada. Antes de eu perguntar não dizem nada.

(...) (Procede-se à colagem das palavras no quadro)

Agora sim, quero que olhem para as palavras todas e pensem em que língua será que estão aquelas palavras. Pensem, eu ainda não perguntei. Pensem se conhecem alguma...

(....)

Susana: Luís (pedindo ao aluno para responder)

Luís: Celular

Susana: Conheces?

Luís: Sim

Susana: Então mas em que língua será que estão aquelas palavras? Foi a primeira pergunta que eu fiz.

Vários alunos: Brasileiro

Susana: Diz Marco

Marco: Brasileiro

Susana: Então o que é que nós falamos...

Marco: (Corrigindo rapidamente da sua resposta) português do Brasil

Susana: Português do Brasil. No Brasil fala-se português do Brasil. Diz António, em que língua está?

António: português do Brasil

Susana: (...) É verdade. Quem conhece algumas daquelas palavras?
(vários alunos colocam o dedo no ar para responder.) (...)

António: celular, moleque, bu..bu..bugre não...caminhão, esporte e ônibus.
(...)

Juliana: Moleque e celular.
(...)

Raquel: Celular, moleque e caminhão.
(...)

Susana: É verdade que estas palavras estão em português do brasil, mas como eu já disse é uma variante da Língua Portuguesa.

Olha volta a repetir cada uma das palavras. Diz o som, diz a palavra alto.

(dirigindo-se ao António, aluno brasileiro)

(O aluno pronuncia cada uma das palavras)

Susana: Muito bem, agora nós vamos fazer um jogo para descobrir o que é que cada uma daquelas palavras significa (...) há aqui meninos que não conhecem o significado, não há? Há palavras que vocês não conhecem (...) portanto nos vamos fazer um jogo, e eu vou colar no quadro algumas imagens que vão ser o

correspondente às palavras. Mas eu vou colar as imagens desorganizadas e vocês vão ver com atenção.

(...)

(os alunos vão reagindo dizendo as palavras que conhecem e julgam saber qual o significado)

Susana: Então, o António conhece algumas das palavras e os outros meninos não, portanto olhem para lá (...) O António agora vai guardar segredo porque como nós dissemos é do português do Brasil e é normal que ele conheça algumas destas palavras. Não é António? Tu usas no teu dia-a-dia.

(...)

Susana: Vão olhar com atenção e vão pensar qual é a imagem que corresponde a cada palavra.

(...)

Ivo: (Lendo a primeira palavra) Esporte

Susana: O que é que tu pensas que é? (solicita ao aluno que vá ao quadro indicar a imagem correspondente)

(...)

Susana: O que é que significa essa imagem? O que é que está a mostrar essa imagem?

Ivo: Desporto

(...)

Susana: Nós já vamos ver se está certo ou errado.

(...)

Susana: A segunda palavra, Andreia?

Andreia: Caminhão.

Susana: E o que é que tu pensas que é?

(...)

Andreia: A segunda imagem.

OC: O que é a segunda imagem? O que é que vês na segunda imagem?

Andreia: Um camião.

(...)

Susana: Porque é que tu associaste a palavra à imagem?

Caminhão...

Andreia: (...) Parece que é um caminhão

Susana: É parecida. É? É isso? Débora a terceira palavra

Débora: Celular

Susana: O que é que tu pensas que é?

Débora: Um telemóvel

Susana: Um telemóvel

(...)

Susana: Então a Débora disse que a terceira imagem é o celular (...) (colando as imagens)

Susana: A quarta palavra Joel, qual é a quarta palavra?

(...)

Joel: Luminária

Susana: Luminária o que é que tu pensas ser

(...)

Joseph: Aquele poste de luz

(...)

Susana: Porque o que é que a imagem te fez pensar para ser o poste da luz

Joel: Lumi

(...)

OC: Lembra quê?

Vários alunos: Luz.

Marco: E também lembra ilumina.

Susana e OC: Muito bem.

Rui: E também lembra iluminar.

Susana: Ilumina, iluminar...

Prossegue-se com a realização do jogo e correspondência de palavras com a imagem.

(...)

Susana: agora a quinta palavra, Raquel? (apontando para a palavra em questão)

(...)

OC: o que é que é moleque (...) sabes ou não?

Raquel: Mais ou menos

Susana: Diz lá o que tu pensas que é

Raquel: é aqueles dois meninos a comunicar

Susana: depois vamos ver

(Intencionalmente Não é feita a correção no momento.)

A Raquel pensa que são estes dois meninos, é o que nós pensamos.

Susana: Sexta palavra...

Juliana: Autocarro.

Susana: Diz lá a palavra (pedindo que a aluna pronuncie a palavra na variante brasileira)

A aluna tenta pronunciar, contudo, como não consegue solicita-se a ajuda do aluno brasileiro

Susana: Olha diz lá António, como é que se diz?

António: Ônibus.

Susana: E tu pensas que é? (Dirigindo-se à Juliana)

Juliana: Autocarro

(Cola-se a palavra correspondente)

Susana: Agora a sétima palavra, Simão?

Simão: Papo, é um menino.

Vários alunos reagem com desagrado, não concordando.

Susana: Vamos a ver, quem é que tem uma opinião diferente?

(Vários alunos colocam o dedo no ar e a Susana solicita a opinião da Juliana)

Juliana: O papo é aqueles dois meninos que estão a falar.

OC: Estão na conversa é isso?

(altera-se a correspondência das palavras, conforme o que foi dito pelos alunos)

(...)

Susana: Então e moleque? Diz Ricardo.

Ricardo: Um menino

(...)

Susana: E o bugre. Diz Marco.

Marco: Bugre é trator.

(vários alunos referem não ser um trator e a Susana pede para olharem bem para a imagem)

Vários alunos: É um jipe.

(...)

Susana: Agora vamos pedir a opinião ao António.

António, do que nos colocamos ali...tu achas que as palavras estão corretas ou não?

(...)

António: sim

Susana: Achas que estão todas bem? Concordas?

Então e agora há pouco quando estavam a dizer que o...quando colocamos esta imagem (meninos a conversar) no moleque, estava errado?

António: Estava

Susana: então, eu vou dizer só uma coisa. Estas palavras estão todas presentes na história que vocês trabalharam ontem com a professora Soraia.

Alunos estranham

Susana: É verdade... então não se recordam que o senhor, o autor da história Rogério de Andrade Barbosa..

Andreia: É Brasileiro

Susana: É brasileiro, portanto é normal que ele escreva de acordo com o que é...com as palavras que se fala do português do Brasil.

Eu vou ler pequenas frases que estão presentes na história para vocês verem, para vocês entenderem.

(...) (leitura da história, constatando-se o significado das palavras)

Susana: (lendo uma frase) estamos acabando de carregar os caminhões. (...)

António: mas como é que se diz caminhão aqui?

Susana: Camião

No português do Brasil, é...diz lá António

António: Caminhão

Susana: E no português de Portugal (...) escrevendo a palavra no quadro
O que é que tem a mais?

Ana Sofia: O “nh”

Susana: Eles dizem caminhão e nós dizemos camião. E então a diferença aqui...qual é a diferença que nós vemos aqui na palavras?

Joel: É de duas letras

Susana: Sim mas é o...som (os alunos pronunciam as palavras para verificar)
E também na palavras quando está...quando está quê? Es...

Joel: escrita

(...)

Susana: (depois de explorar todas as palavras) Então, para vocês compreenderem bem eu vou escrever aqui (por baixo das respetivas imagens) o significado de cada uma das palavras em Português de Portugal.

(...)

Joel: Estamos a meter as palavras para o António perceber.

Rui: Pois porque nós já sabemos

Susana: Diz Joel...

Joel: Estamos a meter as palavras em português para o António perceber como é que se escreve.

Susana: Ora muito bem Ouviste o que o Joseph disse António? Olha repete outra vez.

Joel: Estamos a meter as palavras em português para mostrar ao António como é que se escreve.

Susana: Muito bem, que é para tu veres como é que se escreve em português e como é que se diz em português. (dirigindo-se ao aluno Brasileiro)

Nós, para além de estarmos a aprender palavras em português do Brasil, estamos a ajudar...

Rui: Estamos a ensinar

Joel: O António a perceber palavras de Portugal.

Susana: Português de Portugal, muito bem.

(...)

(A Susana continua a escrever as palavras em português de Portugal por baixo das palavras em português do Brasil.)

Susana: Então nos já vimos que tem ali diferenças, nas palavras, quanto ao...som, e mais?

OC: Quanto ao som e mais o quê? Quais são as diferenças?

António: A palavra

OC: A própria escrita

Susana: porque no Brasil nós utilizamos uma palavra diferente para nos referirmos à mesma coisa, certo?

(Distribuição de uma ficha com frases na variedade do português do Brasil e do português de Portugal.)

Susana: eu agora vou dar aos meninos uma folha que tem algumas frases do livro, que estão na variante do português do Brasil e na variante do português de Portugal...que se chama, que se diz... variante europeia. Porque Portugal fica onde? Em que continente?

(...)

Sara: Na Europa.

(...)

Joel: Posso dizer uma coisa?

Susana: Sim

Joel: Antes que a Soraia apague as palavras do quadro, o António podia tentar dizer as palavras em português.

Susana: Boa ideia.

(Pede-se ao alunos que façam um pausa no que estão a fazer)

(...)

Susana: O Joel deu uma ideia muito importante. Olha repete lá Joel.

Joel: Podíamos ajudar o António a tentar ler aquelas palavras.

Susana: Muito bem. Olha lê lá aquelas palavras em português de Portugal (dirigindo-se ao aluno brasileiro)

O aluno lê todas as palavras e no final a turma aplaude.

Susana: Mas na mesma vocês repararam que o António a dizer as palavras no português de Portugal, tem sempre aquele sotaque, não tem?

(continuação da elaboração da ficha) – ficha com excertos

(...)

Susana: No primeiro excerto, logo a primeira frase, está na variante brasileira.

António, lê a primeira frase se faz favor.

António: Atordoadado, Pedro correu pela areia até alcançar novamente a estrada.

Um ônibus que fazia a linha para a capital estava parado no ponto em frente ao posto de gasolina.

Susana: Simão, lê a variante europeia, no caso do português de Portugal

Simão: Atordoadado, Pedro correu pela areia até alcançar novamente a estrada.

Um autocarro que fazia a linha para a capital estava parado no ponto em frente ao posto de gasolina.

Susana: Muito bem. Então qual foi a palavra ou as palavras que vocês identificaram que era diferente (...) Qual foi a palavras que vocês, António e Simão, identificaram que muda, ou seja, que varia da variante brasileira para a...

António: Ônibus

Susana: Ônibus...que é na variante europeia...

Pedro: Autocarro.

(É feito, no quadro branco, o registo da palavras nos respetivos países)

(...)

Susana: Podes começar a ler o excerto dois, a variante brasileira, é o Marco.

Marco: O Turco, assim que o ônibus partiu, pegou o telefone e discou o número do Gordo.

(...)

Susana: A variante europeia, Débora...

Débora: O Turco, assim que o autocarro partiu, pegou no telefone e marcou o número do Gordo.

Susana: Então aqui quais foram as palavras que vocês identificaram que muda de uma variante para outra?

Vários alunos: Ônibus

(...)

Susana: Ônibus que é autocarro, já identificámos, e mais?

Joel: Discou

Susana: Discou...e discou significa...

Joel: Marcou

(...)

Susana: Em Portugal diz-se marcou (...)

Joel: Eu sei outra, eu sei outra...

Susana: O Joel diz que sabe outra, mais alguém identificou mais alguma diferença neste segundo excerto?

(...)

(A Susana dirige-se à lara para que esta responda.)

lara: O e no

Susana: O e no, quê?

lara: pegou o telefone e pegou no telefone (respetivamente na variante brasileira e europeia)

Susana: Muito bem. Ninguém prestou atenção a este bocadinho? Pegou o telefone, na variante do Brasil (...) e em português de Portugal... (registo no quadro branco).

Susana: Agora sim, podemos passar ao excerto 3.

(Vários alunos colocam o dedo no ar para responder e a Susana digire-se à Juliana para que esta responda)

Juliana: Quem é que não queria passar um mês pesquisando e estudando ao lado de um dos ecologistas mais famosos e polémicos do mundo?

(...)

Susana: Bruna, lê agora a frase na variante europeia.

Bruna: Quem é que não queria passar um mês a pesquisar e a estudar ao lado de um dos ecologistas mais famosos e polémicos do mundo?

(...)

Susana: Digam-me uma palavra que tenham identificado que fique diferente nos dois excertos.

Juliana: Pesquisando e pesquisar.

Susana: Pesquisando é em que variante?

Juliana: Variante brasileira

Susana: Retifiquem que identificaram a palavra.

(...)

Susana: quem identificou outra palavra diferente? Sónia..

Sónia: Polémicos.

Susana: Antes dessa.

Pedro: Estudando

Susana: Estudando em português do ... estudando está em que variante?

Pedro: Do Brasil

Susana: Do Brasil, e na variante de Portugal?

Pedro: Estudar

(Efetua-se novamente o registo no quadro)

Susana: Outra palavra diferente

(...)

Ivo: Polêmicos e polémicos

(Entretanto existe uma aluna que refere que as palavras estão iguais e imediatamente explica o porquê de estarem diferentes)

(Continuação da aula com a resolução de uma ficha de trabalho que permite continuar a explorar as diferenças existentes entre as duas variantes)

Transcrição da vídeogravação da sessão 5 do dia 10 de maio de 2017

Susana: Bom dia

Vários alunos: Bom dia

(...)

Susana: Então vocês lembram-se o que é que estivemos na semana passada a fazer, o que é que estiveram a fazer comigo, sobre as palavras e a Língua Portuguesa? Quem é que se lembra?

(...)

Rui: Mostraste umas imagens e palavras e tínhamos de adivinhar qual era a palavras da imagem.

Susana: E as palavras estavam em língua...

(...)

Rui: Português do Brasil, e mais? Não era só em português do Brasil.

(...)

Susana: Estamos a falar da Língua Portuguesa. Estava na variante e na variante quê? E tínhamos outra variante.

Vários alunos: Portuguesa

Bruna: Europeia.

Susana: Europeia, porque Portugal fica na Europa. Então e vocês gostavam de conhecer mais palavras?

Vários alunos: sim

Susana: sim? Vamos conhecer? Eu tenho aqui um saco com muitos cartões com mais palavras e imagens para nós descobrirmos o significados delas, como é que se diz...e nas duas variantes. Eu vou pedir a cada menino que tire duas palavras mas que vire...duas palavras ou imagens, conforme calhar... mas que vire os cartões para baixo e só quando eu pedir é que vêm os cartões, está bom?

(Procede-se à distribuição dos cartões)

Susana: A professora Soraia já escreveu ali: imagem, porque há meninos que têm imagem, variante brasileira (...) e variante europeia. E nós vamos tentar adivinhar o significado das palavras (...)

Susana: Então fazemos assim, eu tiro uma, aqui um cartãozinho, e eu tenho: autocarro e (...) eu quero sabe de vocês quem é que tem a imagem do autocarro e a palavras....esta palavra está em que variante?

(...)

Sara: Variante europeia.

Susana: Variante europeia. E eu quero que, quem acha que tem a palavra na outra variante me diga qual é a palavra e qual é a sua variante. Agora...podem virar os cartões. Mas eu quero silêncio. Olham para os cartões só, com atenção e pensam o que é que julgam ser.

(...)

Susana: vocês disseram que a palavra autocarro estava na variante europeia. Quem é que tem a imagem do autocarro?

(A Bruna coloca o dedo no ar)

Bruna: Eu

(A Susana chama a aluna para que esta coloque o cartão no local correto, repete-se este procedimento sempre que se identifica a palavra ou imagem correspondente)

Susana: Quem é que têm a palavra autocarro na variante brasileira?

(...)

Susana: como é que se diz autocarro? Dedo no ar.

Vários alunos: Ônibus

(...)

Susana: Vai lá colar. E essa palavra está em que variante?

Bruno: Brasileira

Susana: Quem é quer dizer a palavra na variante brasileira?

(Vários alunos colocam o dedo no ar)

Susana: Micaela...

Micaela: Ônibus

Susana: E na variante portuguesa, António...

António: Autocarro

Susana: autocarro (pronunciando corretamente para o aluno compreender)

(...)

Susana: Tenho aqui outra... (retirando um cartão do saco com a palavra banheiro)

(...)

Susana: Quem é que quer ler esta palavra? Vanessa

Vanessa: Banheiro

Susana: É assim que se diz António?

António: Sim

Susana: Então esta palavra está em que variante? Dedo no ar (...) está em que variante Marco?

Marco: Brasileira

(...)

Susana: Então e o que será que significa banheiro?

Joel: Eu sei (...) casa de banho

Susana: O Joel diz que é casa de banho, mais alguém diz que é casa de banho?

(Vários alunos concordam)

André: É onde nós tomamos banho

Susana: é isso mesmo, é onde nós tomamos banho. Quem é que tem a imagem da casa de banho?

(...)

Susana: então e a outra palavra? Qual é a palavra que falta?

Vários alunos: casa de banho

(...)

Susana: então esta palavra está em que variante? Dedo no ar

Marisa: de Portugal

Susana: na variante de Portugal, ou seja a variante...

Micaela: europeia

(...)

Susana: então Joel...como eu já não tenho mais palavras no saco o Joel vai escolher um dos cartões que ele tem na mão para dizer, vá escolhe lá um cartão.

(...)

Susana: lê a tua palavra

Joel: frigorífico

Susana: e a palavra está em que variante, Joel?

Joel: portuguesa

Susana: variante portuguesa, concordam? (...) variante portuguesa ou variante...

Vários alunos: europeia

(...)

Susana: Então e a palavra na variante brasileira? (...) quem é que pensa ter a palavra na variante brasileira?

(...)

Susana: Débora diz...

Débora: geladeira

Susana: a carolina diz que é geladeira, é verdade António?

(O aluno concorda e confirma-se a correspondência à palavra frigorífico)

(...)

Susana: vamos tentar que o António diga a palavra na variante europeia. António...

António: frigorífico

Susana: fri...fri...diz fri. Frigorífico.

Ivo: é como frio

Susana: olha ajuda Rui, ajuda o António

Rui: fri..go..rí..fi..co (diz a palavra dividida em sílabas)

Susana: e quem é que quer dizer a palavra na variante europeia? Andreia...

Andreia: na brasileira?

Susana: ah sim na brasileira, desculpa

Andreia: geladeira

Susana: Geladeira, muito bem. Entao e quem é que tem a imagem que corresponde a estas duas palavras? Pedro..anda cá. Mostra aos teus colegas.

(...)

Susana: então já conhecemos duas palavras, porque o ônibus já conhecíamos da semana passada.

(...)

Susana: juliana, uma palavra que tu tenhas

Juliana: moleque

Susana: e moleque está em que variante?

Vários alunos: brasileira

Susana: e qual é o significado de moleque?

Juliana: é menino

Susana: menino, então anda cá colar ao quadro

(...)

Susana: então a juliana colocou ali a palavra moleque. Quem é que tem a palavra com o mesmo significado na variante europeia?

(A Marisa refere ter a palavra e vai ao quadro colocá-la no sítio indicado)

(...)

Susana: então e quem é que tem a imagem correspondente a moleque e menino?

(A Sara refere ter a palavra e vai ao quadro colocá-la no sítio indicado, de seguida procede-se à leitura das palavras nas respetivas variantes)

(...)

Susana: Samuel, uma palavra tua.

Samuel: telemóvel. Essa palavra está em que variante?

Samuel: variante europeia

(...)

Susana: António, queres arriscar e dizer a palavra na variante europeia?

António: telemóvel

(...)

Susana: muito bem, quem é que tem a palavra na variante brasileira?... Como é que se diz telemóvel na variante brasileira? Que nós já aprendemos a semana passada? Diz Andreia

Andreia: Celular

(...)

Susana: e quem é que tem a imagem correspondente?

Joel: a Adriana

(...)

Susana: escolhe lá uma palavra Sónia

Sónia: verniz

Susana: essa palavra está em que variante?

Sónia: europeia

(...)

Susana: isso é um verniz de quê? O que é que significa essa palavra?

Joel: uma coisa para meter nas unhas (...) que as unhas ficam pintadas

(...)

Susana: então e como será que se diz verniz na variante (...) quem será que tem o significado na variante brasileira?

(...)

Marina: esmalte

(vários alunos tentam pronunciar a palavra)

(...)

Susana: então e como é que se diz na variante europeia António?

António: verniz (pronunciando com sotaque acentuado)

Susana: verniz (...) olha não carregues tanto no “e” diz ve, ve

António: verniz

Susana: isso mesmo, ele disse bem?

Vários alunos: sim

Andreia: Mais ou menos

(...)

Susana: Agora vai a Raquel escolher um dos cartões dela.

Raquel: goleiro

(...)

Susana: o que será um goleiro?

(imediatamente o aluno brasileiro, bastante entusiasmado, refere saber o significado querendo responder por também ter o cartão correspondente. A Susana pede que guarde segredo referindo saber que ele sabe o significado. Os restantes alunos acham o momento divertido)

Susana: o que é que tu pensas que é Simão?

Simão: guarda-redes

Susana: porquê? Porque será que um goleiro é um guarda-redes?

(neste momento já vários alunos julgam saber o significado da palavra)

OC: goleiro lembra o quê?...

Marco: porque na palavra goleiro tem a palavra golo.

OC: exatamente:, é por aí..

Susana: então e o goleiro o que é que faz aos golos?

Vários alunos: defende

Susana: defende ou deixa..

Marco: sofrer

(...)

Susana: então e a palavra goleiro está em que variante? Diz Ricardo

Ricardo: Brasileira

(...)

Susana: então, já temos ali goleiro que está na variante brasileira. (...) Então e quem é que tem a palavra correspondente na variante europeia?

(...)

Susana: Como é que se diz António?

António: guarda-redes

Susana: anda cá colocar

(...)

Susana: vocês vêem como por vezes para nós é um bocadinho mais difícil dizer as palavras na variante brasileira e para o António na variante europeia? Porque as palavras têm o quê diferente?

Vários alunos: o sotaque

Susana: diz Ricardo

Ricardo: o som

(...)

Susana: então e quem é que tem a imagem do guarda-redes?

Rui: eu

(...)

Susana: lara ainda tens as duas palavras?

lara : tenho

Susana: Entao escolhe lá uma das palavras para mostrar, para dizeres

lara: mamadeira

Susana: o que se será uma mamadeira?

(...)

Ivo: é aquelas coisinhas para os bebés

Susana: para os bebés

(...)

Susana: diz lá Ivo, uma mamadeira é..

Ivo: um biberão

Susana: E um biberão serve para quê? O que é que tu estavas a dizer? Para os bebés...

Ivo: beberem leite

Susana: beberem leite ou ...o que é que a palavra mamadeira faz lembrar?

Ivo: mamar

Susana: mamar, muito bem

(...)

Susana: Olhem aqui para a palavra (mamadeira). Esta palavra está em que variante?

(...)

Marina: brasileira

(...)

A sessão prossegue com a exploração de outras palavras e respetiva correspondência.

A dada altura, e a propósito da exploração das palavras chávena e xícara, uma aluna diz o seguinte:

Andreia: mas porque é que diz em brasileiro?

Susana: não é em brasileiro.

Marco: é na variante brasileira

(...)

Imediatamente a aluna que fez a questão, diz o seguinte:

Andreia: é português do Brasil

Susana: porque lá eles não usam dizer uma chávena, dizem uma xícara. Nós em Portugal dizemos de uma maneira e no Brasil dizemos de outra, como é o caso do António. Tu conhecias a palavra chávena? (...) Como é que tu no Brasil dizes? (...)

António: eu digo xícara mas quando eu vim para cá para Portugal...

Susana: pois ele no Brasil dizia xícara mas quando veio para cá passou a dizer...diz a palavra

António: chávena.

(...)

Susana: Vocês andaram comigo a aprender várias coisas sobre a Língua Portuguesa. (...) Estivemos a aprender que no Brasil (...) no Brasil as palavras dizem-se...português do...

Marco: Português do Brasil

Susana: e em Portugal é...

Micaela: Língua Portuguesa ou europeia

Susana: variante...

Vários alunos: europeia

Susana: pronto, mas o que é que nós vimos que as palavras tem de diferente de uma variante para a outra? Diz Sara

Sara: o sotaque

Susana: o sotaque, isto é, o ...

Vários alunos: o som

Susana: e mais? Diz Micaela

Micaela: o significado

(...)

Susana: as próprias palavras, são iguais ou são diferentes?

Sara: diferentes

Susana: ou seja, utilizamos palavras

Sara: diferentes

Susana: diferentes, a forma de escrever é diferente mas significam..

Micaela: o mesmo

Susana: a mesma coisa

(...)

Anexo 7 – Tratamento dos dados das transcrições das vídeogravações

Sistema de Categorias e respetivas Unidades de Registo

Legenda:

VG: Vídeo-gravação

S: Sessão

Categoria: Atitudes e valores	
Subcategoria: Respeito pelo outro	
Indicador:	Unidade de Registo
É onde se enquadram registos relacionados com atitudes de respeito pelo outro, ajuda e partilha.	<p>Susana: <i>Então se temos o Nicolau que fala Russo, e temos o Samuel que fala o Mandarim, isso significa que nos no nosso país temos outras pessoas que falam outras línguas, certo?</i></p> <p>Vários alunos: <i>sim</i></p> <p>Susana: <i>E tal como no nosso país temos pessoas que falam outras línguas, nos outros países (...) será que também se fala português?</i></p> <p>Rui: <i>Sim.</i></p> <p>[VG, S1, 19-4-2017]</p> <p>Micaela: <i>Por causa que nem toda a gente tem a mesma língua.</i></p> <p>[VG, S1, 19-4-2017]</p> <p>Joel: <i>Estamos a meter as palavras em português para mostrar ao António como é que se escreve.</i></p> <p>Susana: <i>Muito bem, que é para tu veres como é que se escreve em português e como é que se diz em português. (dirigindo-se ao aluno Brasileiro)</i></p> <p><i>Nós, para além de estarmos a aprender palavras em português do Brasil, estamos a ajudar...</i></p> <p>Rui: <i>Estamos a ensinar</i></p> <p>Joel: <i>O António a perceber palavras de Portugal.</i></p> <p>Susana: <i>Português de Portugal, muito bem.</i></p> <p>[VG, S4, 19-4-2017]</p> <p>Joel: <i>Posso dizer uma coisa?</i></p> <p>Susana: <i>Sim</i></p> <p>Joel: <i>Antes que a Soraia apague as palavras do quadro, o</i></p>

	<p><i>António podia tentar dizer as palavras em português.</i></p> <p>Susana: <i>Boa ideia.</i></p> <p>(pede-se aos alunos que façam um pausa no que estão a fazer. (...))</p> <p>Susana: <i>O Joel deu uma ideia muito importante. Olha repete lá Joel.</i></p> <p>Joel: <i>Podíamos ajudar o António a tentar ler aquelas palavras.</i></p> <p>Susana: <i>Muito bem. Olha lê lá aquelas palavras em português de Portugal</i> (dirigindo-se ao aluno brasileiro)</p> <p><i>O aluno lê todas as palavras e no final toda a turma aplaude.</i></p> <p>[VG, S4, 19-4-2017]</p> <p>Susana: <i>Diz lá a palavra.</i> (pedindo que a aluna pronuncie a palavra na variante brasileira)</p> <p>A aluna tenta pronunciar, contudo, como não consegue solicita-se a ajuda do aluno brasileiro</p> <p>Susana: <i>Olha diz lá António, como é que se diz?</i></p> <p>António: <i>Ônibus.</i></p> <p>Susana: <i>E tu pensas que é?</i> (Dirigindo-se à Juliana)</p> <p>Juliana: <i>Autocarro</i></p> <p>[VG, S4, 19-4-2017]</p>
--	--

Categoria: Atitudes e valores	
Subcategoria: Valorização da LP na sua diversidade	
Indicador: É onde se enquadram registos relacionados com atitudes de valorização da LP na sua diversidade.	<p>Susana: <i>São os arquipélagos da Madeira e dos (...) Será que a língua não cresceu mais para além disso? Para outros locais? Para outros países?</i></p> <p>Rui: <i>Sim</i></p> <p>Susana: <i>O Rui diz que sim. Porquê Rui?</i></p> <p>Rui: <i>Porque a minha madrinha nasceu cá mas está na Suíça a trabalhar.</i></p> <p>Susana: <i>Sim mas agora há pouco nós tínhamos referido que a LP se fala no Bra...</i></p> <p>Vários alunos: <i>Brasil</i></p> <p>Susana: <i>Então será que a língua chegou lá? Cresceu e chegou até lá?</i></p> <p>Vários alunos: <i>Sim</i></p> <p>[VG, S1, 19-4-2017]</p> <p>Andreia: <i>Não ter erros nas nossas fichas ... falar bem quando estamos a falar com as outras pessoas.</i></p> <p>[VG, S1, 19-4-2017]</p> <p>Micaela: <i>Que a nossa língua vai ser sempre a língua dos nossos filhos</i></p> <p>[VG, S1, 19-4-2017]</p> <p>Joel: <i>Devia no final ter: será sempre de todos. Era o que devia estar no final.</i></p> <p>[VG, S1, 19-4-2017]</p> <p>Susana: <i>(...) Porque é que nós devemos ter orgulho na nossa língua?</i></p> <p>Joel: <i>Porque é nossa.</i></p> <p>Andreia: <i>Porque a língua é nossa e temos de respeitar a dos outros.</i></p> <p>[VG, S1, 19-4-2017]</p>

	<p>Sara: <i>Porque é nossa e a língua dos outros também devemos respeitar.</i></p> <p>Rui: <i>Eu só pensava que falavam outras línguas e depois vi lá uma tabela que estava uma bandeira de Portugal, uma bandeira de França e uma bandeira de Inglaterra. Quer dizer que falavam português, francês e inglês.</i></p> <p>(...)</p> <p>Soraia: <i>Estes países que estão nesta lista são países onde se fala a Língua Portuguesa mas não é a língua oficial.</i></p> <p>Sara: <i>fala-se só um bocadinho</i></p> <p>[VG, S2, 19-4-2017]</p> <p>Susana: <i>Porque lá eles não usam dizer uma chávena, dizem uma xícara. Nós em Portugal dizemos de uma maneira e no Brasil dizemos de outra, como é o caso do António. Tu conhecias a palavra chávena? (...) Como é que tu no Brasil dizes? (...)</i></p> <p>António: <i>Eu digo xícara mas quando eu vim para cá para Portugal...</i></p> <p>Susana: <i>Pois ele no Brasil dizia xícara mas quando veio para cá passou a dizer...diz a palavra</i></p> <p>António: <i>chávena.</i></p> <p>[VG, S5, 10-5-2017]</p>
--	---